

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

RAQUEL ALVES LUCAS

**NARRATIVAS DE MÃES E FILHOS: VIVÊNCIAS FAMILIARES NA PANDEMIA
DE COVID-19**

CAMPINAS

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

RAQUEL ALVES LUCAS

**NARRATIVAS DE MÃES E FILHOS: VIVÊNCIAS FAMILIARES NA PANDEMIA
DE COVID-19**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

306.874
L933n

Lucas, Raquel Alves

Narrativas de mães e filhos: vivências familiares na pandemia de COVID-19 /
Raquel Alves Lucas. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

138 f.: il.

Orientador: Tânia Mara Marques Granato.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Parentalidade. 2. COVID-19 (doença). 3. Psicanálise. I. Granato, Tânia Mara
Marques. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da
Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 306.874

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM PSICOLOGIA
RAQUEL ALVES LUCAS
NARRATIVAS DE MÃES E FILHOS:
VIVÊNCIAS FAMILIARES NA PANDEMIA DE COVID-19**

Dissertação defendida e aprovada em: 15 de
fevereiro de 2022 pela Comissão Examinadora



Profa. Dra. Tania Mara Marques Granato
Orientadora da dissertação e Presidente da
Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Profa. Dra. Vera Engler Cury
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes
Universidade de São Paulo (USP)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo constante amor, revelado através da provisão diária de sustento em suas infinitas formas;

Ao meu amado marido, Gabriel, cuja aposta incessante em meu potencial é sempre presente;

Aos meus queridos pais, que proporcionaram cuidados suficientemente bons para que eu pudesse chegar até aqui;

Aos meus irmãos, a quem eu tanto admiro e sou grata por ser a irmã caçula;

À minha orientadora, Profa. Dra. Tania Mara Marques Granato, pelo empenho, dedicação e disponibilidade para ensinar e, sobretudo, para me acolher, com tanto carinho e respeito;

Ao meu grupo de pesquisa, Adriana, Antônio, Carolina, Juçara, Letícia, Maria Lydia e Sofia, por todos os ensinamentos e contribuições;

À banca de qualificação, Profa. Dra. Tania Maria José Aiello-Vaisberg e a Profa. Dra. Tagma M. Schneider Donelli, pelas reflexões e sugestões que tanto contribuíram e enriqueceram este trabalho;

A todo o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas;

A todos os participantes desta pesquisa, que de maneira graciosa, compartilharam suas histórias e me deram a chance de aprender tanto.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

RESUMO

Lucas, R, A. *Narrativas de mães e filhos: vivências familiares na pandemia de Covid-19*. 2022. 133f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2022.

Considerando que situações de crises são intrínsecas à existência humana e podem afetar direta ou indiretamente sociedades e indivíduos, supomos que cada núcleo familiar encontra seu modo particular de lidar com os desafios de seu cotidiano. Tornou-se, portanto, o objetivo deste trabalho compreender as vivências familiares durante a pandemia de Covid-19. Realizamos um estudo qualitativo de orientação psicanalítica. Participaram deste estudo 7 mães e 11 filhos. As entrevistas foram realizadas na modalidade *online* em plataforma que permitia a comunicação em áudio e vídeo, sendo iniciadas pela apresentação de uma Narrativa Interativa (NI) às mães e uma Narrativa Interativa Gráfica (NIG) aos filhos, seguidas por uma reflexão a respeito das vivências familiares durante a pandemia de Covid-19. Após cada entrevista, era realizado um Registro Associativo Inicial (RAI) como base para a elaboração de uma Narrativa Transferencial (NT), composta pelas associações dos participantes, o contexto, o clima emocional e a dinâmica relacional do encontro e pelos sentimentos e impressões da pesquisadora. O material narrativo (NI, NIG e NT) foi tomado para análise interpretativa cujo resultado foi expresso em dois campos de sentidos afetivo-emocionais e seus respectivos subcampos. O primeiro campo abarca as “Invasões ambientais à família” deflagradas pela pandemia de Covid-19, cujos subcampos são o “Medo, Luto e Adoecimento” e “Tudo Junto e Misturado”. Já o segundo campo “Família na Linha de Frente” revela como as famílias foram convocadas a reagir às invasões ambientais. Seus subcampos “Unidos Sobreviveremos” e “Desligando o Piloto Automático” comunicam estratégias familiares para lidar com a crise sanitária. Os resultados desta pesquisa nos permitiram apreciar a potencialidade criativa de cada família entrevistada para enfrentar ameaças à sua sobrevivência física e emocional, bem como para integrar as novas experiências vividas que lhes permitiam, ou não, ressignificar as experiências familiares anteriores. Nesse sentido, enquanto algumas famílias puderam fazer uso da crise pandêmica para a manutenção da continuidade de ser da família e de seus membros, pela via da reflexão e questionamento de seus valores e possibilidades, outras menos afortunadas viram ressurgir conflitos do passado à medida que as manobras cotidianas de ocultamento eram comprometidas pela pandemia.

Palavras-chave: Relações pais-filhos; crise; psicologia; psicanálise

ABSTRACT

Lucas, R, A. *Narratives of mothers and children: family experiences in the Covid-19 pandemic*. 2022. 133f. Dissertation (Master's Degree) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2022.

Regarding that crisis are intrinsic to human existence and can affect society and individuals directly or indirectly, it is assumed here that each family nucleus may find its approach to deal with daily challenges. Therefore, the aim at this work consists in understanding family experiences over Covid-19 pandemic. It has been developed a psychoanalytical qualitative study. In total, 07 mothers and 11 children have participated. All the interviews have taken place *online* in a platform that allows communication in audio and video. It started with a presentation of an Interactive Narrative (IN) to the mothers and a Graphic Interactive Narrative (GIN) to the children, followed by a message about family experiences over the Covid-19 pandemic. After each of the interviews, it was filled an Initial Associative Registration (IAR) used to elaborate a Transferential Narrative (TN), constituted by participants' associations, context, emotional atmosphere, and relational dynamic of the meeting as well as taking in account the researcher's feelings and impressions. The Narrative Material (IN, GIN, and TN) has been submitted to interpretative analysis which results were expressed into affective-emotional fields and its subfields. The first one approaches the "Environmental invasions to the family" sparked by the Covid-19 pandemic, which subfields were "Fear, grief and sickness" and "Everything oddly blend". On another hand, the second field "Family in the front line" reveals how families have been convened to react to the environmental invasions. The subfields "Together we will survive" and "Turning autopilot off" communicate family strategies to deal with the health crisis. Results have allowed to appreciate creative potentialities of each interviewed family facing threatens to the physical and emotional survival, as well as integrating new experiences that whether allowed or not to re-significate previous family experiences. Therefore, while some families were able to use the pandemic crisis for the continuity of existing as a family, through reflection and wonder about their values and possibilities, others less fortunate ones saw conflicts from the past to rise again as measures of concealment daily schemes have been compromised by the pandemic.

Key words: Parents-Children Relations, Crisis, Psychology, Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: NARRATIVA INTERATIVA GRÁFICA	34
Figura 2: DESENHO DE PIETRA, 9 ANOS.....	47
Figura 3: DESENHO DE LARA, 9 ANOS	53
Figura 4: DESENHO DE LUIZ, 5 ANOS	56
Figura 5: DESENHO DE AVA, 8 ANOS	58-59
Figura 6: DESENHO DE VICTORIA, 7 ANOS	66
Figura 7: DESENHO 1A DE ALICE, 6 ANOS	69
Figura 8: DESENHO 1B DE ALICE, 6 ANOS	71
Figura 9: DESENHO DE BRUNA, 9 ANOS	77
Figura 10: DESENHO DE CAIO, 6 ANOS	78
Figura 11: DESENHO DE LAURA, 5 ANOS	80
Figura 12: DESENHO DE LINA, 8 ANOS	81
Figura 13: DESENHO DE DANIEL, 10 ANOS	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: DADOS SÓCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGECOM – Agência de Comunicações

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

COVID-19 – Corona Virus Disease 2019

ESPII - Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional

ET – Entrevista Transicional

FFCLRP - da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

NI – Narrativa Interativa

NIG – Narrativa Interativa Gráfica

NT – Narrativa Transferencial

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PUCAMPINAS - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RAI – Registro Associativo Inicial

SARS-CoV-2 – Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

URCA - Universidade Regional do Cariri

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: REPERCUSSÕES DA PANDEMIA DE COVID-19 NO COTIDIANO FAMILIAR	14
2. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	26
2.1 A Pesquisa Qualitativa	26
2.2 A Pesquisa Qualitativa Psicanalítica.....	27
2.3 A Entrevista Transicional (ET)	30
2.4 Narrativas como Recursos Investigativos de Produção do Material de Pesquisa ..	31
2.4.1 – <i>Narrativa Interativa e Narrativa Interativa Gráfica</i>	31
2.4.2 <i>Narrativa Transferencial (NT)</i>	34
2.5 Análise do Material Narrativo.....	35
2.6 Participantes.....	36
2.7 Cuidados Éticos	39
2.8 Procedimentos	40
3. RESULTADOS	43
NARRATIVA 1: Alessa, a mãe-escudo	44
NARRATIVA 2: 365 dias de férias: não aguento mais!	49
NARRATIVA 3: A vida que sonhei para nós	57
NARRATIVA 4: Lamento não poder cuidar de você.....	63
NARRATIVA 5: O resgate do valor da minha família	67
NARRATIVA 6: Aquela vida de antes eu não quero mais, nunca mais	72
NARRATIVA 7: A mãe é a maestrina.....	79
4. DISCUSSÃO	86
4.1 O papel do Ambiente na Continuidade de Ser.....	87
4.2 Campo 1: Invasões Ambientais à Família.....	89
Subcampo 1: Medo, Luto e Adoecimento.....	90
Subcampo 2: Tudo Junto e Misturado.....	94
4.3 Campo 2: A Família na Linha de Frente	100
Subcampo 1: Unidos sobreviveremos	101
Subcampo 2: Desligando o Piloto Automático	104
4.4 As Mulheres-Mães Participantes desta Pesquisa	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117
ANEXOS	128
ANEXO I: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	128

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FORMATO <i>ON-LINE</i> (Adultos)	132
ANEXO III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FORMATO <i>ON-LINE</i> (Responsável legal pelo menor).....	134
ANEXO IV: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FORMATO <i>ON-LINE</i> (Crianças e Adolescentes).....	136
ANEXO V: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO DA FAMÍLIA.....	137

APRESENTAÇÃO

O tema da presente pesquisa foi intencionalmente escolhido a partir da crise mundial deflagrada pela pandemia de Covid-19 logo nos primeiros meses do meu ingresso como aluna da Pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas. Embora tal cenário tenha acarretado milhares de mortes e atingido seios familiares de maneira trágica, também é verdade que ali se abria uma oportunidade para a elaboração de estudos científicos a respeito das consequências dessa extensa crise mundial em suas várias dimensões. Dessa maneira, permiti-me alterar o curso das ideias iniciais que alinhavavam o meu projeto de pesquisa e tracei nova rota, a qual se alinhava a um novo interesse pessoal – o de estudar vivências familiares tendo o contexto pandêmico como pano de fundo. Tal decisão se consolidou a partir da constatação de que muitas pessoas, sobretudo mães do meu círculo social, se mostravam ávidas para compartilhar suas experiências em família, principalmente as mais penosas e desafiadoras, ora de maneira descontraída fazendo graça daquelas situações, ora pelo relato sofrido que revelava tensão, sobrecarga e exaustão, pelo não saber ou pelo excesso de demandas. Esses relatos que insistiam em ressoar em meus ouvidos me instigaram a delinear um estudo sistematizado com o objetivo de me aproximar das experiências emocionais vividas por famílias nesse período crítico da história que nos atingiu a todos. Como foi/estava sendo a experiência das famílias durante a crise? Quais os desafios enfrentados pelas famílias? Quais recursos encontraram para sobreviver física e psiquicamente? Essas foram algumas das perguntas que nortearam esta pesquisa.

Para além da mesmice informativa que ecoava de diversas fontes de saber, fossem elas fontes científicas, midiáticas ou sociais, a respeito das consequências que a pandemia de Covid-19 acarretou, neste trabalho objetivo compreender as vivências familiares durante a pandemia a partir do relato de mães e filhos.

Assim, no primeiro capítulo desta Dissertação de Mestrado focalizo as implicações da pandemia de Covid-19 sobre a família contemporânea à luz de estudos nacionais e internacionais recentes; no segundo capítulo me dedico ao percurso metodológico que

possibilitou a produção do material de pesquisa e sua fundamentação teórica; no terceiro capítulo apresento o material narrativo produzido a partir das entrevistas realizadas com sete mães e seus filhos em meio à inesperada crise sanitária mundial que forçou mudanças significativas na dinâmica, na rotina, no tempo de convívio familiar; e no quarto capítulo são discutidos os resultados da pesquisa à luz da literatura científica atual e as contribuições winnicottianas a respeito do ambiente na continuidade do ser e do desenvolvimento criativo. Por fim, à guisa de conclusão, compartilho algumas reflexões sobre as mulheres-mães desta pesquisa, as quais se revelaram verdadeiras porta-vozes de suas famílias, bem como as possibilidades e limitações deste estudo.

1. INTRODUÇÃO: REPERCUSSÕES DA PANDEMIA DE COVID-19 NO COTIDIANO FAMILIAR

Iniciar a escrita sobre qualquer tema a ser investigado cientificamente requer a apresentação do fenômeno estudado a partir do campo de pesquisa que o delinea. Consoante essa premissa, este capítulo fornece, além dos estudos científicos levantados a partir de revisão bibliográfica sobre o tema, uma contextualização histórico-temporal do fenômeno estudado para que um leitor do futuro possa apreciar de modo informado as experiências compartilhadas pelos participantes desta pesquisa. Importante ressaltar que este estudo se desenvolveu durante a pandemia de Covid-19, antes que estivesse controlada, sobretudo nos países menos desenvolvidos.

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu as primeiras notificações de casos de uma nova doença que marcaria para sempre a história da humanidade (OMS, 2020). Assim, o final do ano de 2019 ficou marcado pelo primeiro surto e disseminação de um novo tipo de coronavírus, o SARS-CoV-2, na cidade de Wuhan, na China, causador da doença Covid-19, responsável por um tipo de pneumonia viral a qual impôs uma crise mundial de saúde pública, impacto econômico negativo e restrições à vida cotidiana dos cidadãos em todo o mundo (Wong et al., 2020). Situações como esta, de dimensões intercontinentais e por tempo prolongado, não tinham sido experimentadas em cenários de crise registrados anteriormente (Rakesh & Wind, 2020).

Devido ao desconhecimento inicial sobre a nova doença, a disseminação do vírus ocorreu de maneira rápida, alarmando os sistemas de saúde de todo o mundo (Wang et al., 2020). Dada a alta frequência de viagens internacionais, a Covid-19 atingiu vários países já durante o primeiro semestre de 2020, evento que passou a ser considerado pela OMS, em 30 de janeiro de 2020, como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) e, em 11 de março de 2020, como uma pandemia (OPAS, 2020). Diante deste cenário, cada país lançou mão de recursos com o intuito de mobilizar estratégias de combate à nova doença (Lima et al., 2020).

No Brasil, no dia 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso de infecção pelo coronavírus na cidade de São Paulo (Brasil, 2020), sendo já em março de 2020 decretado o estado de calamidade pública no país (Decreto Legislativo nº 6, de 2020). Desde então, esse quadro de contaminação maciça tem desafiado autoridades públicas a agir de forma a proteger a população. Para tanto, o presidente da República sancionou a Lei nº 13.979 (2020) em 6 de fevereiro, que dispunha sobre as medidas para o enfrentamento da emergência sanitária que têm exigido que todos os setores públicos e privados se adaptem no intuito de conter a propagação da doença. Dentre as diversas orientações preconizadas pela lei, estavam as ações não farmacológicas, como é o caso da recomendação do uso de álcool em gel e lavagem das mãos para higienização, uso de máscaras faciais, fechamento de locais públicos e privados de convívio social, além do isolamento social como medida de redução do contágio.

O isolamento social que tem como objetivo último prevenir a contaminação em massa que se dá de maneira silenciosa, bem como evitar o colapso do sistema de saúde, foi sendo adotado gradativamente pela população e o apelo popular *#ficaemcasa* foi ganhando força à medida que as pessoas tomavam consciência da gravidade da nova doença. Assim, foi sendo observada redução da circulação de pessoas nas cidades, principalmente no início da pandemia. Tal situação impactou e ainda impacta diretamente as instituições em seus aspectos sociais e/ou econômicos, como o Estado, a escola, o sistema de saúde, o trabalho e a família, além dos aspectos psicológicos, uma vez que carrega o medo da contaminação e adoecimento e do luto pelas perdas já vividas. De acordo com Melo e Cabral (2020), a pandemia de Covid-19 é a crise de maior dimensão a atingir toda a humanidade desde a Segunda Guerra Mundial, sendo a principal responsável por acelerar o agravamento e amplificação de crises nos âmbitos político, econômico, educacional, social e de saúde já existentes no Brasil.

As medidas de proteção ao avanço da pandemia têm impactado a economia nacional já abalada desde a crise econômica brasileira do final de 2014, afetando diretamente a manutenção e oferta de postos de trabalho, propondo a redução da jornada de trabalho e

salários de muitos trabalhadores, além de elevar as taxas de desemprego em diversos setores (Mattei & Heinen, 2020). Como consequência, enquanto uns se tornaram vulneráveis outros viram sua situação de vulnerabilidade anterior se agravar experimentando, então, a falta de recursos financeiros que lhes garantiria qualidade de vida e proteção social (Barbosa et al., 2020; Lian & Yoon, 2020).

Muitas instituições e empresas, tanto do setor público quanto privado, tiveram que suspender total ou parcialmente suas atividades presenciais com o objetivo de atender as orientações federais e, então, passaram a atuar, quando possível, no modelo *home office* (Lemos et al., 2020). Esta modalidade foi adotada por 46% das empresas brasileiras, segundo pesquisa apresentada pela Agência Brasil (2020) em julho de 2020. Em novembro do mesmo ano, nova pesquisa mostrou queda do número total de trabalhadores *home office* (Agência Brasil, 2020b). Apesar da redução, que pode estar vinculada à flexibilização das medidas de restrição do convívio social à medida que a doença ia sendo contida, dados coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Covid-19), ao longo de 2020, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelaram que o perfil do trabalhador *home office* continuou, predominantemente, composto por pessoas do sexo feminino, com escolaridade de nível superior completo, ocupando cargos do setor formal e com idade entre 30 e 39 anos (Ipea, 2021).

Na esfera da educação, foi necessária a migração de um modelo de ensino que era prioritariamente presencial para a modalidade *online*. De acordo com dados coletados pela pesquisa “Resposta educacional à pandemia de Covid-19 no Brasil” (Brasil, 2020b), durante a segunda etapa do Censo Escolar 2020, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 99,3% das escolas brasileiras de educação básica, públicas e privadas, suspenderam suas atividades presenciais, exigindo, portanto, de alunos, professores e pais uma rápida adaptação (Brasil, 2021). Entretanto, o acesso à *internet*, bem como às ferramentas eletrônicas adequadas, a possibilidade de um espaço apropriado ao estudo e habilidades técnicas para utilização de tecnologias digitais, não era e ainda não é uma realidade para a totalidade da população de estudantes, professores e pais,

expondo ainda mais as disparidades econômicas entre as diferentes classes sociais (Dias & Pinto, 2020; Pierro, 2020).

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em seu relatório anual da *Education at a Glance 2020* apresentou dados estatísticos educacionais de 40 países participantes, no qual o Brasil figura como um dos países que mais estendeu o fechamento das escolas desde o início da pandemia até o fim de junho de 2020 (OCDE, 2020). Em razão desse prolongado fechamento, muitas das funções e responsabilidades educacionais, principalmente no Ensino Fundamental, foram transferidas às figuras parentais, multiplicando responsabilidades e tarefas e intensificando conflitos familiares (Lion & Yoon, 2020). Entretanto, para Dias e Pinto (2020),

No momento atual, muitas escolas, públicas e privadas, estão exagerando nas expectativas do que professores e familiares conseguem fazer. Há diferenças substanciais entre as famílias, atualmente, em confinamento. Algumas podem ajudar seus filhos a aprender mais do que outras. Fatores como a quantidade de tempo disponível para se dedicar aos estudos dos filhos, auxiliando-os com as aulas *online* – muitos pais estão em *home office* cumprindo horário laboral integral e outros tantos precisam trabalhar externamente para garantir a renda mensal –; as habilidades não cognitivas dos genitores; a possibilidade de acessar o material *online*; a quantidade de conhecimento inato dos pais – afinal, é difícil ajudar o filho se tiver de aprender algo estranho ao que se conheceu e aprendeu – , são questões a serem levados em conta quanto ao papel dos pais na educação dos filhos em tempos de pandemia (Dias & Pinto, 2020, para 9).

Quanto à saúde pública, a pandemia colocou em evidência as já existentes fragilidades na área financeira, na gestão, infraestrutura e recursos humanos do Sistema Único de Saúde (SUS) em todo o território nacional (Bilhim, 2021; Rache et al., 2020), levando tal Sistema muito próximo ao maior colapso já registrado na história do país (Fiocruz, 2021). De acordo com o Boletim Extraordinário do Observatório Covid-19 Fiocruz de março de 2021, 25 dos 27 Estados Brasileiros estavam com 80% da capacidade de leito hospitalar ocupada, sendo que

19 Estados tinham mais de 90% de sua capacidade já comprometida (Fiocruz, 2021). Outra edição do mesmo Boletim, emitida em 25 de agosto de 2021, demonstrou uma redução significativa da crítica situação prévia quando a taxa de ocupação dos leitos hospitalares estava predominantemente baixa na maioria dos Estados Federativos, o que aponta para a diminuição dos casos graves da doença (Fiocruz, 2021b). Sobre a alteração deste cenário, podemos supor que a vacina contra a Covid-19 foi agente principal no combate ao agravamento dos casos. Em termos de números de casos e mortes, até o mês de setembro de 2021, já tinham sido registrados 218 milhões de casos e 4,52 milhões de mortes pela Covid-19 em todo o mundo. No Brasil foram 20,8 milhões de casos e 580 mil mortes, que o classificaram como o terceiro país com o maior número de casos e mortes no *ranking* mundial.

A respeito da saúde mental, diversos estudos apontaram para o impacto psicológico que a pandemia da Covid-19 causou (Brooks et al., 2020; Cullen, Gulati & Kelly, 2020; Czeisler et al., 2020; Garcia & Sanchez, 2020; Heitzman, 2020; Rehman & Lela, 2020; Riedel-Heller & Richter, 2020; Vindegaard & Benros, 2020). Esse panorama mobilizou diversas frentes de ações para a promoção, prevenção e tratamento dos adoecimentos mentais, desde iniciativas públicas, tais como produções de recomendações e orientações em Saúde Mental na Covid-19 (Brasil 2020c; Brasil 2020d), programas vinculados aos Governos de Estados, tais como Programa Autoestima em São Paulo (Gov. SP, 2020), Projeto Psicologia Pará - Rede de Apoio Psicológico no Pará (Sectec, 2020), Programa “Alô Saúde Mental” em Alagoas (Gov. Alagoas, 2020), Programa de Acolhimento ao Servidor (PAS) em Goiás (Gov. Goiás, 2020), Programa de Acolhimento Psicológico Remoto aos Servidores da Linha de Frente à Covid-19 (AcoVida) no Acre (Gov. Acre, 2020); serviços de atendimento psicológico vinculados à Universidades e Centros Universitários (PUCCAMPINAS, 2021; UFAM, 2020; UFBA, 2020; USP, 2020), bem como iniciativas privadas, tendo profissionais das áreas “psi” (psicólogos e psiquiatras) divulgando diversos espaços gratuitos de acolhimento e orientação psicológica (Herzog, 2021).

No que tange à qualidade da saúde mental da família, a pandemia impôs alterações pouco ou nada negociáveis às rotinas familiares, pois o aumento do tempo compartilhado pelos membros de uma família que passou a dividir o mesmo espaço por tempo indeterminado tem trazido novos desafios, como o acúmulo de tarefas domésticas e profissionais, além da responsabilidade de acompanhar os filhos nas atividades escolares. Além disso, limitou atividades que antes eram corriqueiras, como atividades físicas e eventos sociais, e trouxe incerteza a respeito do futuro. Muitas famílias sofreram a perda de entes queridos e membros do círculo social, conviveram com a possibilidade do adoecimento ou de fato adoeceram. A pandemia de Covid-19 aproximou-nos a todos, de alguma maneira, do medo da morte. Todos esses fatores expõem os membros da família ao risco do adoecimento mental (Cusinato et al., 2020) e podem trazer prejuízos à saúde mental de crianças, jovens e adultos, tais como estresse, ansiedade e sintomas depressivos, como nos apontam Brooks et al. (2020) e Luo et al. (2020) e afetar a qualidade das relações familiares (Lian & Yoon, 2020).

Diversos estudos ao redor do mundo foram realizados para compreender a dimensão do impacto dessa pandemia nas famílias e os resultados apontam para consequências de diversas naturezas. Por exemplo, Shibusawa et al. (2021) discorrem sobre alguns rituais culturais de famílias japonesas que estão comprometidos devido às restrições sociais. Ayuso et al. (2020) referem o potencial adaptativo de famílias espanholas à situação de confinamento no início da pandemia da Covid-19, quando observaram melhorias na comunicação entre seus membros e na solidariedade para além dos muros familiares, resultando em melhor qualidade dos relacionamentos intra e extra-familiares. Os autores atribuem à crise econômica de 2008 a qual acometeu a população espanhola, uma das possibilidades de desenvolvimento dos aspectos emocionais e do uso das tecnologias digitais que estão sendo favoráveis no enfrentamento desta nova crise (Ayuso et al., 2020). Lee, Chin e Sung (2020), em estudo realizado com famílias coreanas, concluíram que a Covid-19 trouxe, para algumas famílias, oportunidade de construção de laços afetivos entre seus membros, enquanto para muitas outras o intenso convívio trouxe muitos conflitos. Lian e Yoon (2020)

discutem os desafios de famílias chinesas e coreanas segundo três aspectos: educação, economia e desemprego, e saúde mental. Os resultados deste estudo ecoam a realidade brasileira apresentada previamente¹.

Múltiplos são os desafios que tal situação tem trazido às pessoas e às famílias, como insegurança e dificuldades econômicas; interferência na infraestrutura social, como no caso de fechamento de locais públicos e privados que favoreciam a socialização; o distanciamento de amigos e familiares que implicou na restrição da rede de apoio; a redução dos horários de funcionamento dos serviços de saúde e assistência; e a adoção da casa como espaço de múltiplas funções como habitação, trabalho, lazer, escola, religião.

De acordo com Aching (2013), o enfrentamento e resposta a situações de crise depende dos recursos internos e externos que cada núcleo familiar dispõe, tais como recursos estruturais, econômicos, familiares, sociais e psíquicos. Segundo Lian e Yoon (2020), famílias socialmente vulneráveis ficam mais susceptíveis em novas crises, na medida em que dificuldades econômicas, racismo, discriminação, doenças, disfunções no relacionamento familiar, traumas, dentre outras, ampliam o risco de desintegração familiar influenciando diretamente como cada família responde à crise. Neste sentido, Carias et al. (2021) refletiram sobre o aprofundamento do sofrimento de mulheres que já vivem em condições de vulnerabilidade social e estão em confinamento domiciliar devido à pandemia de Covid-19.

Na perspectiva de Meyer (2007), crises são fundamentais na constituição da dinâmica familiar, uma vez que são os momentos críticos que dão o tom da identidade e da sua própria dinâmica. Independentemente do arranjo familiar, situações de crise, de origem externa ou interna, que afetam direta ou indiretamente as famílias nunca deixaram de existir (Souza, 2008), mas a maneira como cada membro da família responde a essas situações é singular nesse processo de adaptar-se e reinventar-se (Felippi & Itaquí, 2015). Portanto, a resposta dada às situações de crises expõe a estrutura individual e familiar preexistente.

¹ Para mais resultados, consultar: Silva et al. (2020) estudou famílias brasileiras; Schmid et al. (2021), famílias alemãs; Sabah et al. (2021), famílias argelinas; Kracht et al. (2021), famílias estadunidenses; Alcalá et al. (2021), famílias maias no México; e Westrupp et al. (2021), famílias australianas.

No intuito de contemplar o objetivo desta seção sobre as implicações da pandemia de Covid-19 sobre as vivências familiares, torna-se pertinente situar-nos em relação ao terceiro e atual período da evolução do modelo familiar – contemporâneo ou pós-moderno – para melhor compreendermos o contexto em que a crise se instala.

É sabido que o modelo contemporâneo de família se constituiu ao longo de grandes transformações sociais, tal como o processo de expansão da economia desencadeado pela industrialização (séc. XVIII na Europa e segunda metade do séc. XX, no Brasil), que culminou na modernização e urbanização das cidades, afetou largamente as sociedades (Oliveira, 2009) e influenciou diretamente a organização familiar. Mulheres e homens foram levados a abandonar o espaço de produção doméstica para se tornarem assalariados no novo mercado, a expandir suas redes de relacionamento, pessoais e profissionais, para além das relações familiares (Chodorow, 2002). Além disso, tal processo influenciou na redução da participação de outras figuras da família extensa na criação dos filhos, como avós e avôs, obrigou a entrada mais precoce das crianças na escola e retirou filhos crescidos do lar, em busca de estudos e empregos (Chodorow, 2002).

Outro importante movimento que intensificou as transformações no âmbito familiar, principalmente devido ao posicionamento social das mulheres, foi o movimento feminista, nascido no século XVIII e ancorado nos ideais de liberdade e igualdade da Revolução Francesa, veio questionar o modo como as relações de gênero, classe e de minorias estavam postas (Siqueira & Bassinguer, 2020). As mulheres passaram a assumir um posicionamento fora e dentro dos núcleos familiares pela conquista e disputa de cargos na esfera profissional, acesso a direitos sociais e políticos, diminuição da dependência em relação ao homem, gestão da própria sexualidade e do compromisso conjugal, dentre outros (Araujo, 2011). O movimento feminista vem ganhando força, ampliando e somando seus ideais a cada nova “onda” do movimento, hoje no início da quarta (Siqueira & Bassinguer, 2020).

A nova família inaugura novas formas de relacionamento (Biffi, 2014), a singularidade de papéis e responsabilidades de seus membros e a internalização de novas identidades de acordo com a dinâmica de cada família. Hoje, segundo Meireles e Teixeira (2014), já nos

referimos a “famílias”, no plural, afirmando a ressignificação da família como instituição social que assegura a existência de múltiplas configurações familiares na esteira das transformações históricas, políticas e sociais que questionam o modelo familiar tradicional.

Se a expressão do singular de cada família é reflexo de processos externos, marcados pelo desenvolvimento socio-político-cultural de cada sociedade, também o é por processos internos, a partir da apropriação individual da própria função familiar. De acordo com Miotto (2010), a família se apresenta como espaço complexo e produtor de subjetividades, cujo processo de construção e reconstrução está diretamente associado ao desenvolvimento histórico e cotidiano de uma determinada sociedade, bem como em função da singularidade de cada membro do núcleo familiar e das relações familiares.

Para Felippi e Itaquí (2015), já são observadas mudanças nas funções parentais antes determinadas pela identidade de gênero, já que mães agora são profissionais e pais também assumem cuidados domésticos e parentais. Como consequência, temos a redefinição dos laços familiares tradicionais e a diversificação de seus arranjos, resultando no surgimento de novas dinâmicas familiares de acordo com tais transformações (Fraudatario & Zaccaria, 2020). Araújo (2014) defende que tais mudanças contribuíram para a afirmação da ideologia individualista e autônoma de cada membro, sobretudo em relação à mulher a quem foi concedida uma diversificação de modos de vida feminina que outrora se resumiam ao destino matrimonial e materno. Agora, a mulher tem poder de escolha sobre o seu próprio corpo, decide ser mãe ou não, no tempo que quiser, com o parceiro (a) que quiser, além da possibilidade de priorizar sua carreira profissional. Como decorrência do novo lugar social da mulher, foi observado o aumento da idade média para o início da maternidade, redução das taxas de natalidade e maior participação feminina no mercado de trabalho (Badinter, 2011).

Tendo a nova família se reorganizado em torno de mudanças sociais em um processo que convocou seus membros a reduzirem o tempo de convivência familiar, a crise da pandemia de Covid-19, em movimento contrário, reconduziu a família para o espaço doméstico, por tempo indeterminado, sob as regras do isolamento social, convocando mães e pais ao teletrabalho, ou *home office*, e os filhos à escola *online*. Segundo Fraudatario e

Zaccaria (2020), essa situação devolveu ao lar a função de produção econômica e relacional, já que voltou a ser um local de trabalho e estudo, onde antigas e novas formas de relacionamento familiar coexistem.

Como, então, a família contemporânea respondeu a essa nova exigência de funcionamento? Segundo Dorna (2021),

Para aqueles a quem a pandemia impôs uma transição brusca para o trabalho remoto, o desafio de gerir concomitantemente vida profissional e pessoal parece ter sido dificultado em função do isolamento social, especialmente nos domicílios com crianças. Em grande parte destes lares, a família deixou de contar com o suporte das instituições escolares e passou a permanecer mais horas em casa, aumentando o volume das tarefas domésticas; em alguns casos, prescindiu também da ajuda de outros familiares e do trabalho de empregadas domésticas e/ou babás. Assim, em muitos domicílios, a rotina de cuidados da casa e da família não apenas foi estendida em algumas horas, mas também passou a incluir atividades que antes ficavam a cargo de outras pessoas ou instituições. O trabalho doméstico, que já vinha, em grande parte, sendo desconsiderado pelas sociedades mercantis, parece ter sido esquecido, mais uma vez, nesses arranjos temporários (ou seriam definitivos?) de trabalho remoto durante a pandemia (Dorna, 2021, para. 24-25).

Collins et al. (2020) reconhecem que a pandemia impactou o trabalho de pais e mães assalariados com filhos pequenos, entretanto salientam que o número de horas disponíveis para o trabalho de mães foi reduzido em cinco vezes em comparação aos pais. Para os autores, essa diferença de gênero no âmbito do trabalho assalariado denuncia, mais uma vez, a realidade de que mães ainda são as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos. Corroborando esse achado, Petts et al. (2020) afirmam que para pais com filhos em idade escolar, a participação na educação escolar *online* dos filhos foi associada a resultados adversos no emprego para mães, mas não para os pais, como o maior risco de desemprego ou redução da jornada de trabalho.

Segundo Whiley et al. (2021), para mulheres que se identificam com os ideais feministas a exigência de isolamento social que impôs a condição de confinamento em casa por tempo indeterminado, assumindo tarefas domésticas e cuidado com filhos de maneira mais “tradicional” tem sido bastante conflituosa, uma vez que vai de encontro às conquistas emancipatórias femininas.

Ressaltamos que as famílias não são igualmente afetadas, uma vez que marcadores sociais tais como classe econômica, escolaridade, região de moradia e cultura, bem como as configurações afetivas que sustentam cada arranjo familiar, têm influência determinante na forma como algumas famílias são expostas e como reagem a contextos de crise como o da pandemia de Covid-19. É fato que as famílias têm ficado expostas a múltiplas situações de vulnerabilidade social e psicológica, uma vez que a pandemia convoca adaptações radicais e imediatas, tanto na esfera individual quanto coletiva, para as quais não havia preparo prévio dada a imprevisibilidade da situação.

Além de todas as razões acima apresentadas, precisamos ainda justificar os motivos que nos levaram a definir duplas de mães e filhos como componentes da amostra de participantes de um estudo compreensivo sobre vivências familiares durante a pandemia de Covid-19.

A primeira justificativa diz respeito à escolha da mulher-mãe como porta-voz da família. Dada a histórica atribuição de responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos à mulher (Melo & Tomé, 2018; IBGE, 2019), ainda que esta tenha um companheiro com quem supostamente divida as tarefas, imaginamos que essa desigualdade de gênero se manteria no contexto da pandemia (Darmody, Smyth & Russell, 2020; Moore et al., 2020; Reichelt, Makovi & Sargsyan, 2020). Além disso, a expressiva adesão feminina ao *home office* (Ipea, 2020) por ocasião da pandemia, e seu potencial gerador de sobreposição de tarefas e consequente sobrecarga feminina poderia funcionar como amplificador de uma realidade tão injusta quanto naturalizada.

A inclusão dos filhos no grupo de participantes decorre da primeira justificativa, uma vez que as crianças estariam sendo desafiadas a lidar com o aumento da sobrecarga materna no contexto da pandemia, além da suspensão das aulas presenciais e substituição por aulas

virtuais, a restrição do convívio com outras crianças, as limitações do ambiente doméstico e compartilhamento de seu espaço para atividades físicas, escolares, sociais, lazer, alimentação etc.

E, por fim, a terceira escolha pela instituição família se amparou na compreensão winnicottiana a respeito do papel fundamental que o ambiente familiar desempenha na saúde mental e bem-estar dos indivíduos que a compõem (Winnicott, 1965/2005), permitindo-nos refletir sobre como o ambiente “lar” e as vivências familiares teriam sido atravessados por esta grave crise. Já a exclusão da figura paterna não foi intencional, mas resultado da falta de disponibilidade dos pais participarem da pesquisa, o que por si só é revelador e confirma nossa impressão da mulher figurando como porta-voz dos assuntos familiares ainda nos dias de hoje.

Por todas as razões apresentadas, consideramos a pandemia como um exemplar de crises que afetam direta e profundamente indivíduos e coletivos em todos os âmbitos do viver, aprofundando conflitos e potencializando recursos nem sempre conscientes. Nesse sentido, tornou-se oportuno desenvolver este estudo durante o período de pandemia, uma vez que o *ser* (viver) e *fazer* (agir, adaptar) acontecem simultaneamente e, portanto, nos privilegia aproximando-nos dos conflitos, dos dilemas e das produções adaptativas e criativas (Winnicott, 1971/1975) dos protagonistas no tempo real em que a crise está em curso.

A partir do que foi exposto, reitero o objetivo deste trabalho que é o de compreender as vivências familiares durante a pandemia a partir de relatos de mães e filhos. Partiremos, agora, para o delineamento da metodologia utilizada para alcançar o objetivo aqui proposto.

2. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Em consideração ao objetivo deste trabalho que visa compreender as vivências familiares durante a pandemia a partir de narrativas de mães e filhos, adotamos a abordagem qualitativa de pesquisa ancorada no método psicanalítico. A seguir, explicitamos as particularidades dessa estratégia metodológica, justificando simultaneamente a nossa escolha.

2.1 A Pesquisa Qualitativa

Instigadas a explorar as vivências familiares durante a pandemia de Covid-19 em sua dimensão afetivo-emocional, elegemos a abordagem qualitativa como estratégia metodológica que norteou toda a pesquisa, uma vez que ela possibilita a investigação e a compreensão dos sentidos que estão atrelados às vivências dos participantes e, assim, estudar o fenômeno em sua profundidade. Nesse aspecto, a pesquisa qualitativa se afasta dos ideais positivistas cujo foco prioritário é a busca pela comprovação de hipóteses previamente estabelecidas (Flick, 2013) e a objetificação do fenômeno humano para buscar compreendê-lo (Aiello-Vaisberg, 2003).

De acordo com Stake (2011), a pesquisa qualitativa que permite o aprofundamento do estudo de fenômenos humanos apresenta quatro características elementares: a primeira, o caráter personalístico, já que valoriza a singularidade e subjetividade de cada participante e inclui o pesquisador que assume uma postura implicada, e portanto não neutra, ao se tornar, junto ao(s) participante(s), elemento principal da entrevista, tanto pela perspectiva a partir da qual aborda o fenômeno, quanto pela sua postura e manejo com os participantes, implicando-se no registro, na análise do material empírico e produção de sentidos; a segunda, um caráter situacional, pois leva em consideração a compreensão do fenômeno a partir do seu contexto; a terceira, o caráter experiencial que pressupõe a disposição à apreensão do vivido, sem interferências ou manipulações, esforçando-se, portanto, para ser naturalístico; e, por fim, a quarta, o caráter interpretativo, uma vez que se orienta pela captação dos interpretações dos significados do que é compartilhado pelo participante.

Flick (2013) enfatiza a postura de abertura e flexibilidade do pesquisador para que se torne possível uma conduta interpretativa do fenômeno, para além da sua simples explicação. Yin (2016) concorda com essa premissa afirmando que o pesquisador deve adotar uma escuta atenta e interessada pela narrativa do participante a fim de poder compreender os significados do que lhe é narrado.

Neste novo paradigma que propõe uma relação sujeito-sujeito na pesquisa, isto é, que substitui o distanciamento sujeito-objeto (Gomes, 2019) pela horizontalidade entre pesquisador e participante, a implicação ativa do pesquisador no encontro com o participante resgata a intersubjetividade na pesquisa (Creswell, 2010) como *locus* de produção de significados e múltiplas interpretações a respeito das vivências humanas, cuja ênfase recai sobre sua singularidade (Yin, 2016).

2.2 A Pesquisa Qualitativa Psicanalítica

Ao propor o estudo do ser humano, a psicologia compartilha o seu objeto com as demais áreas das ciências humanas (Bleger, 1964/2015). A sua particularidade reside no seu interesse pelo substrato afetivo-emocional das condutas de indivíduos e coletivos, orientando-se por uma diversidade de abordagens teóricas e técnicas do fenômeno humano (Ambrósio, et. al., 2013).

Como opção metodológica no âmbito das pesquisas qualitativas, faremos uso da psicanálise como método investigativo que pretende compreender os sentidos afetivo-emocionais que animam a experiência humana (Herrmann, 2004) e produz interpretativamente novos campos de sentidos emergentes do encontro inter-humano (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008).

Para que se viabilize a compreensão desse enquadre metodológico, faz-se importante o esclarecimento de que a psicanálise comporta três dimensões relacionadas, porém distintas: a metodológica, a terapêutica e a teórica, sendo que as duas últimas derivam da primeira (Herrmann,1983). Esse entendimento lança luz a respeito do próprio método psicanalítico

que, ao se propor investigativo “sobre processos produtivos concretos e encarnados de produção de sentidos emocionais” (Aiello-Fernandes et. al., 2012, p. 6), abre mão do dogmatismo das teorias que enquadram condutas e permite que o novo surja.

Assim sendo, a psicanálise, enquanto dimensão metodológica, independe das teorias e técnicas psicanalíticas que gera (Herrmann, 2017); ao contrário, possibilita a produção de novos conhecimentos sobre o ser humano. Ora, sendo o método psicanalítico um método investigativo das condutas humanas, torna-se possível ir além do *setting* clínico e adotá-lo em contextos em que tais condutas se produzem, como é o caso de pesquisas qualitativas (Aiello-Fernandes et. al., 2012).

Como, então, aplicar o método psicanalítico à pesquisa científica, cujo *setting* se configura em torno das figuras do pesquisador e participante? Para que se torne compreensível a transposição do método de um cenário a outro, vale lembrar algumas de suas bases: 1) o campo transferencial² é estabelecido em toda relação interpessoal (Greenberg & Mitchell, 1983); 2) a narrativa verbal³ é dotada de valor terapêutico; 3) a associação livre⁴ que se refere ao convite para que o analisando/participante se expresse sem censura; 4) e a atenção flutuante⁵ que se refere ao que se espera do analista no que tange à escuta desvencilhada

² O campo transferencial, segundo a Teoria dos Campos proposta por Fábio Herrmann, se refere ao interjogo entre transferência e contratransferência que ocorre na relação analítica e que possibilita a apreensão da lógica emocional inconsciente captada a partir do discurso humano e a revelação dos seus sentidos (Herrmann, 2007).

³ A Psicanálise adotou, desde o seu início, a narrativa verbal como estratégia primeira de acesso aos conteúdos inconscientes que estariam associados aos sintomas do sofrimento psíquico e que proporciona, àquele que narra, valor terapêutico. Tanto é que foi amplamente referida como “*talking cure*” ou “cura pela fala”, a partir de Anna O, paciente de Breuer, cujo caso foi apresentado em “Estudos sobre a Histeria” (Freud, 1987) atribuindo valor terapêutico à narração dos dramas vividos pelos pacientes. Mais tarde, essa ideia foi aprofundada em “A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900) delineando o método psicanalítico (Granato et al., 2011).

⁴ Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a associação livre é um “método que consiste em falar de modo livre e espontâneo todos os pensamentos que ocorrem, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 38).

⁵ Modo como o analista deve escutar o analisando: não deve privilegiar a priori qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspensa as motivações que dirigem habitualmente a atenção (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 40).

de qualquer filtro que impediria uma escuta livre. Estes últimos são mutuamente correspondentes e viabilizados pelo fenômeno transferencial que se instala na relação inter-humana estabelecida no *setting* analítico e constituem as regras fundamentais do método psicanalítico.

Assim, a pesquisa qualitativa que lança mão do método psicanalítico, considera que no encontro interpessoal entre pesquisador e pesquisado é estabelecido um campo transferencial e que a narração livre e espontânea do participante sobre suas experiências, sob uma escuta ativa e atenta do pesquisador, além de ato comunicativo, se constitui como processo de elaboração do viver (Granato et. al., 2011). Nesse encontro, que não se pretende psicoterapêutico, mas adquire valor terapêutico é possibilitado o “criar/encontrar” sentidos (Ambrósio et. al., 2013). Nas palavras de Aiello-Vaisberg (2003), “este “criar-encontrar” é um movimento que garante, simultaneamente, tanto o respeito à experiência relatada como a possibilidade desta vir a ser reapropriada, em seus próprios termos, pelos pesquisadores e psicanalistas [ou participantes] envolvidos na pesquisa” (para.14).

Vale acrescentar que, embora a Psicanálise se valha da narrativa verbal como meio de acesso a conteúdos inconscientes, o progresso dos estudos e da prática psicanalítica mostrou que recursos não-verbais, como é o caso da ludoterapia, têm o mesmo potencial terapêutico que os verbais (Visintin, 2021). Nesta pesquisa, lançamos mão da Narrativa Interativa Gráfica (vide item 2.3) com as crianças participantes para oferecer um espaço seguro e apropriado à expressão inconsciente. Mais adiante, faremos a explanação a respeito desse recurso.

Sobre a operacionalização do método psicanalítico, Herrmann (2001) propõe três etapas fundamentais: a primeira, nomeada pelo autor como “deixar que surja”, o pesquisador deve se deixar impressionar pelo que surge do material de pesquisa a fim de compreender o fenômeno; na segunda, “tomar em consideração”, supor que o pesquisador deva eleger um tema que se destacou e, então, associar livremente sobre ele e; por fim, “completar a configuração de sentido”, quando o pesquisador capta os sentidos afetivo-emocionais que permeiam a experiência humana.

Consonante com a primeira etapa, Granato e Aiello-Vaisberg (2016) nos ensinam que assim como na clínica, o método psicanalítico aplicado à pesquisa, deve pressupor uma posição de abertura e aceitação do pesquisador, para que se torne possível a escuta dos sentidos latentes ao discurso manifesto do pesquisado. Essa postura é, como já vimos, condição-chave para as pesquisas qualitativas.

Portanto, o método qualitativo psicanalítico é o alicerce deste trabalho, desde a produção das Narrativas Interativas (vide item 2.4), a postura da pesquisadora durante as entrevistas com os participantes, a escuta associativa e interpretativa dos sentidos-afetivos emocionais que emergem das narrativas dos participantes e a análise interpretativa do material narrativo produzido.

Adiante apresentaremos o enquadre da entrevista, bem como os recursos metodológicos utilizados como procedimentos investigativos de produção, de registro e de interpretação do material de pesquisa, os cuidados éticos, participantes e o procedimento da pesquisa.

2.3 A Entrevista Transicional (ET)

Diante de um universo bastante diversificado em termos de tipos de métodos, enquadres e instrumentos possíveis para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, faz-se necessário aqui delimitar o enquadre utilizado neste trabalho. Lançamos mão dos ensinamentos de Winnicott (1971/1975a), sobre os objetos e fenômenos transicionais que ocorreriam em uma terceira área de experiência que se situaria entre a realidade interna e a realidade externa produzindo o diálogo entre as duas.

De acordo com Winnicott (1971/1975a), o objeto transicional seria aquele escolhido pelo bebê na fase de transição da dependência absoluta para a dependência relativa da mãe, para seguir sustentando os movimentos de ilusão e desilusão que o direcionam no sentido da integração do *self*. Do ponto de vista do bebê, esse objeto que representa a mãe em sua ausência ocupa paradoxalmente o lugar de objeto interno e externo mantendo a articulação entre realidade interna e externa que está na base tanto da diferenciação eu/não-eu quanto

de sua integração. Desse modo, essa área intermediária de experiência, ou espaço transicional, inaugura a possibilidade do brincar e a expressão criativa do *self*.

Assim, utilizamos o enquadre de Entrevista Transicional (ET) na medida em que proporciona ao participante um espaço seguro para a expressão criativa do *self* a partir do convite ao brincar winnicottiano (Aiello-Vaisberg, 2004). A ET se desenvolve ao longo de três passos: (a) acolhimento inicial do participante; (b) apresentação de uma Narrativa Interativa (vide item 2.4); e (c) convite à reflexão livre e associativa sobre o tema investigado, a fim de captar os sentidos afetivo-emocionais atrelados às vivências e sentimentos que foram despertados pela Narrativa Interativa (Granato et. al., 2011).

2.4 Narrativas como Recursos Investigativos de Produção do Material de Pesquisa

Desde seu início, a Psicanálise tem se debruçado sobre as narrativas de pacientes como estratégia de acesso aos conteúdos inconscientes e como processo que possibilita a elaboração do viver. Métodos narrativos têm sido amplamente utilizados em pesquisas qualitativas em todas as áreas das ciências humanas como recurso valioso que oferta voz aos participantes a fim de compartilharem suas experiências pessoais, a partir de suas perspectivas e contextos (Onocko-Campos et. al., 2013).

2.4.1 – Narrativa Interativa e Narrativa Interativa Gráfica

De acordo com Granato et. al. (2011), narrativas têm sido utilizadas como procedimento investigativo do viver humano em diversos contextos, individuais ou coletivos, com adultos, adolescentes e crianças. A Narrativa Interativa (NI) foi criada por Granato e Aiello-Vaisberg (2013, 2016), como recurso investigativo psicanaliticamente orientado para o estudo da conduta humana. Em consonância com o Jogo do Rabisco, proposto por Winnicott (1964/1994) como estratégia lúdica e interativa utilizada em suas consultas com crianças, que pressupunha um convite à criação conjunta de um desenho, a partir de um rabisco inicial do

analista, a NI se coloca como rabisco do pesquisador, na forma de uma história inacabada, que convida o participante para a expressão dos sentidos emocionais de suas experiências.

A NI consiste em uma breve história fictícia, elaborada pela pesquisadora a partir de suas experiências pessoais e profissionais prévias (Biffi, 2020), pela literatura científica da área de estudo e validada pelos demais pesquisadores de seu grupo de pesquisa, cuja trama se desenvolve em torno de uma situação concreta que aponta para o objeto de estudo, sendo a NI interrompida em seu clímax a fim de convidar o participante a dar-lhe um desfecho, de maneira livre e associativa (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013). O uso da NI na pesquisa de orientação psicanalítica contempla o método de associação livre e visa instaurar um campo lúdico e protegido para que o participante se identifique com os personagens e o enredo da história, projetando-se nela (Granato et. al., 2011). Além disso, prevê a interlocução entre pesquisador e participante na produção conjunta e interpretativa dos sentidos afetivo-emocionais da experiência humana (Granato et. al., 2011).

Com o intuito de cumprir o objetivo deste trabalho que é o de compreender as vivências familiares durante a pandemia de Covid-19 a partir de relatos de mães e filhos, elaboramos duas modalidades de Narrativa Interativa, uma escrita para as mães e outra gráfica, a Narrativa Interativa Gráfica (NIG) para as crianças. A NIG foi elaborada de modo a corresponder à trama delineada na NI, no formato de história em quadrinhos, para ser completada pela criança por meio de desenho, escrita ou associações verbais.

Todas as mães participantes completaram suas histórias por escrito e todas as crianças desenharam, exceto uma que preferiu escrever, embora a maioria (6) tenha acrescentado palavras ou frases em seus desenhos. Após a conclusão da NI e da NIG, a pesquisadora convidou os participantes a associarem livremente sobre as vivências familiares durante a pandemia de Covid-19.

A seguir, apresento a NI e a NIG elaboradas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Narrativa Interativa apresentada às mães

Já se passaram algumas semanas desde que o governador decretou o isolamento social devido à pandemia de Covid-19. Rita e Matias estavam confinados em casa com os filhos Marcelo, Pedro e Letícia. Como não podiam sair, realizavam todas as tarefas cotidianas juntos, inclusive as escolares. Letícia e Pedro estavam tendo aulas online e sentindo muita saudade dos amigos da escola.

Em uma quinta-feira à tardinha, Pedro estava no meio de uma brincadeira cheia de gritos e correria pela casa enquanto Letícia tentava fazer a lição de casa e a mãe, com Marcelo no colo, respondia mensagens no celular. O pai, que parecia preocupado e andava para lá e para cá, resolveu ir até a padaria pegar o pão.

De repente, a mãe aumenta o volume da TV e parece chocada com o que vê:

– Não acredito! Não é possível!

Nesse minuto, o pai entra pela porta, voltando da padaria. Quando vê a agitação da mãe e as caras dos filhos assustados, logo pergunta:

– O que foi? O que aconteceu?

Letícia responde ...

Narrativa Interativa Gráfica apresentada às crianças



Figura 1 – Narrativa Interativa Gráfica

2.4.2 Narrativa Transferencial (NT)

A Narrativa Transferencial (NT), conforme propõem Aiello-Vaisberg et al. (2009) é uma narrativa construída pelo pesquisador a partir do campo transferencial e contratransferencial instaurado em cada encontro, composta pelas associações dos participantes que pareceram

significativas ao pesquisador, por descrições do contexto e clima emocional, da dinâmica relacional do encontro e, finalmente, pelos sentimentos e impressões do pesquisador, a fim de comunicar a experiência vivida.

A primeira versão da NT é realizada a partir do Registro Associativo Inicial (RAI). O RAI contém dados, informações, falas, impressões, acontecimentos significativos do ponto de vista do seu tema de pesquisa e é elaborado pela pesquisadora ao final de cada entrevista. Através do processo de triangulação de pesquisadores (Flick, 2014), essa primeira versão é apresentada ao grupo de pesquisa, junto com o restante do material narrativo, para discussão dos sentidos individuais e coletivos que permeiam a experiência narrada pelos participantes.

Depois do compartilhamento com o grupo (Flick, 2014), todo o material narrativo passa por nova análise com vistas à elaboração da versão final da NT, a qual é finalmente tomada para interpretação dos sentidos afetivo-emocionais da experiência focalizada e discutidos à luz da literatura científica sobre o tema e do referencial teórico adotado.

2.5 Análise do Material Narrativo

O material de pesquisa é composto por todo o material narrativo produzido a partir das entrevistas transicionais. A análise interpretativa desse material tem como objetivo buscar os sentidos afetivo-emocionais subjacentes à experiência vivida e narrada pelas famílias entrevistadas.

Tomando em consideração que a análise e interpretação do material é atravessado pela subjetividade do pesquisador, participante ativo do campo transferencial estabelecido com o participante, entendemos que o processo de análise já se inicia: a) na entrevista, quando o pesquisador, à luz da atenção flutuante que lhe permite desfocar a atenção habitualmente dirigida ao discurso manifesto, busca compreender a experiência emocional que anima o discurso do participante; b) no Registro Associativo Inicial (RAI), quando o pesquisador seleciona recortes do material oferecido pelo participante; c) na Narrativa Transferencial como

nova operação analítica do pesquisador que busca integrar o que vivenciou no encontro com o participante com o material narrativo produzido.

Essas três etapas preliminares de análise constituem a base para interlocução com o grupo de pesquisa e futura interpretação dos sentidos afetivo-emocionais da experiência vivida pelos participantes. Tais etapas traduzem o movimento analítico constante do pesquisador qualitativo que integra seus achados interpretativamente à medida que os produz em parceria com o participante.

O foco de análise deste estudo foi, em primeiro lugar, orientado pela experiência emocional compartilhada pelos membros de uma mesma família, bem como os seus desdobramentos: os desafios enfrentados individual e coletivamente e os recursos mobilizados para o seu enfrentamento. Em segundo lugar, nos ocupamos dos sentidos coletivos, ou seja, aqueles que atravessam a experiência das famílias participantes, porém de modo singular, o que significa dizer que eles podem ou não ser compartilhados por todos os participantes. Por fim, todo o material narrativo foi interpretado segundo campos de sentidos afetivo-emocionais, ou seja, pela lógica de produção de sentimentos, pensamentos e ações dos participantes que equivale à ideia de inconsciente para Herrmann (2017).

Todo o processo de leitura flutuante, análise e interpretação do material narrativo se balizou no método psicanalítico tomado em sua vertente investigativa (Laplanche & Pontalis, 1998), enquanto a triangulação dos achados com o grupo de pesquisa (Flick, 2013) objetivou a ampliação dos sentidos interpretados e o acordo sobre a plausibilidade das interpretações e conclusões alcançadas.

2.6 Participantes

Participaram desta pesquisa 7 mulheres-mães e 11 crianças, selecionados a partir da indicação de pessoas da rede de conhecimento da pesquisadora, acionada através de grupos do *WhatsApp* da mesma, cujo critério foi a busca de famílias que gostariam de compartilhar a experiência familiar vivida durante a pandemia de Covid-19 para uma pesquisa científica.

Todos os participantes incluídos neste estudo aceitaram participar da pesquisa em caráter voluntário. Obtivemos assentimento de todas as crianças, bem como o consentimento de suas mães para sua participação.

Dado que apenas um pai aceitou participar da pesquisa, havemos por bem incluir como participantes deste estudo, apenas as mães e seus filhos. Um segundo critério de inclusão foi o fato de estarem convivendo no mesmo ambiente durante o período de isolamento social recomendado para o enfrentamento da pandemia de Covid-19, ainda em curso. No que tange às mães, atendendo a um terceiro critério, foram incluídas mães que passaram a trabalhar na modalidade *home office* durante a pandemia de Covid-19, na medida em que essa nova condição intensificava o convívio e alterava a rotina familiar. Em relação aos filhos, foram incluídos aqueles com idade acima de 5 anos em função da maturidade e verbalização necessárias para completar a tarefa da NIG. A escolha do contexto pandêmico nos pareceu estratégica para estudos na área da parentalidade, como é o caso de nosso grupo de pesquisa, com vistas a produzir evidências clínicas para futuras intervenções psicológicas.

A caracterização sociodemográfica dos participantes é apresentada na tabela que se segue (Tabela 1), sendo rerepresentada com o acréscimo das características dos familiares que não participaram da entrevista na seção de Resultados, na qual figuram as Narrativas Transferenciais correspondentes a cada um dos encontros. Foram adotados nomes fictícios a fim de garantir o anonimato aos participantes.

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa

NT	Família	Idade	Escolaridade	Profissão/cargo	Organização
1	Alessa (mãe)	43	Doutorado	Professora	Privada
	Pietra (filha)	9	Ensino Fundamental - 4º ano	Estudante	Privada
2	Débora (mãe)	37	Superior Completo	Advogada	Autônoma
	Lara (filha)	9	Ensino Fundamental - 4º ano	Estudante	Pública
	Luiz (filho)	5	Ensino Infantil	Estudante	Pública
3	Maya (mãe)	30	Superior completo	Professora	Privada
	Ava (filha)	8	Ensino Fundamental - 3º ano	Estudante	Privada
4	Maria (mãe)	42	Superior Completo	Administradora	Autônoma
	Victória (filha)	7	Ensino Fundamental - 2º ano	Estudante	Privada
5	Denise (mãe)	38	Superior Completo	Gerente de compras	Privada
	Alice (filha)	6	Educação Infantil - 1º ano	Estudante	Pública
6	Sandra (mãe)	39	Pós-graduação	Administradora	Privada
	Bruna (filha)	9	Ensino Fundamental - 4º ano	Estudante	Privada
	Caio (filho)	6	Ensino Fundamental - 1º ano	Estudante	Privada
7	Lúcia (mãe)	39	3º grau completo	Assistente Administrativo	Autônoma
	Daniel (filho)	10	Ensino Fundamental - 5º ano	Estudante	Privada
	Lina (filha)	8	Ensino Fundamental - 3º ano	Estudante	Privada
	Laura (filha)	5	Educação Infantil	Estudante	Privada

A partir dessa caracterização, que foi realizada por meio de questionário sócio-demográfico (Anexo V) e que nos indicou, além de outros dados, a escolaridade e profissão, pudemos constatar que o perfil das famílias entrevistadas corresponde ao que identificamos como classe C, segundo critérios de classificação econômica do IBGE (2010).

Essa constatação também é consoante com a disponibilidade dos participantes realizarem as entrevistas através de equipamentos eletrônicos e *internet*.

2.7 Cuidados Éticos

A presente pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), sob o parecer de número 4.397.292 (Anexo I). Previamente à entrevista, foi enviado via *e-mail* o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) às mães (Anexo II), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o responsável legal do menor (Anexo III), o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ao menor (Anexo IV) e o Questionário Sociodemográfico (Anexo V). No dia da entrevista, todos os documentos foram retomados a fim de esclarecer eventuais dúvidas e solicitar o seu envio depois de preenchidos e assinados, via *e-mail*. Nenhum dos participantes teve dúvidas quanto a esse procedimento e todos consentiram com a participação na pesquisa. Além disso, foi explicado o objetivo da pesquisa, a metodologia, a garantia de sigilo, a proteção contra qualquer constrangimento e exposições desnecessárias e a possibilidade de se retirar da pesquisa, a qualquer momento, sem que essa decisão acarretasse qualquer tipo de prejuízo. A pesquisadora esteve comprometida em zelar pelo bem-estar dos participantes, estando atenta a qualquer tipo de desconforto que pudesse surgir durante as entrevistas.

2.8 Procedimentos

Importante ressaltar que esta pesquisa foi realizada durante o período de pandemia da Covid-19 e preconização do distanciamento e isolamento social como medidas de proteção. Desta maneira, as entrevistas foram realizadas integralmente no formato *online*, no período de março a maio de 2021, e seguiu as orientações para procedimentos em pesquisa em ambiente virtual elaboradas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep, 2021). A seguir, apresentamos detalhadamente todo o procedimento realizado para sua efetivação.

Após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da PUC-Campinas (CEP/PUC-Campinas), os participantes foram recrutados a partir da indicação de pessoas da rede de conhecimento da pesquisadora, acionada através de alguns de seus grupos de *WhatsApp*, por meio de uma mensagem-convite. Os contatos telefônicos de potenciais participantes foram encaminhados diretamente ao *WhatsApp* da pesquisadora. De posse das indicações, foi realizado contato via mensagem de *WhatsApp*, para apresentação pessoal da pesquisadora e obtenção de permissão para realizar uma ligação telefônica de voz. Diante da resposta positiva, o contato telefônico foi realizado com a mãe indicada para convidá-la e também a seu marido e filhos. Nesse contato, foi apresentado o delineamento da pesquisa, possibilidades para a entrevista *online*, bem como foi questionada a configuração daquela família, a idade dos filhos e se os pais estavam trabalhando na modalidade *home office*, conforme critérios de inclusão. Nos casos em que a mãe indicou necessitar tempo para verificar se marido e filhos gostariam de participar da entrevista, foi combinado novo telefonema para confirmação e providências. Foi neste momento que soubemos que apenas um dos pais tinha se prontificado a colaborar, enquanto mães e filhos aceitaram prontamente. Desse modo, fizemos novo recorte da amostra de participantes em torno das mães e seus filhos. Após o consentimento, foi definida a data e horário para a realização da(s) entrevista(s), bem como a plataforma para videoconferência, de acordo com a disponibilidade e conveniência dos participantes. Os indivíduos que aceitaram participar foram informados a respeito dos objetivos e metodologia da pesquisa, bem como a respeito

da garantia de anonimato e sigilo. Neste primeiro contato também foi esclarecido que a entrevista poderia ser realizada com a mãe junto ao(s) filho(s), ou individualmente, a depender das preferências de cada participante. Todos os participantes escolheram realizar a entrevista juntos.

Foi agendada uma entrevista para cada dupla de participantes (mãe e seus filhos), deixando em aberto a possibilidade de nova entrevista caso houvesse necessidade tanto da parte da pesquisadora, quanto dos entrevistados, mãe e/ou filho, o que não ocorreu.

Foram enviados um dia antes de cada entrevista ao *e-mail* de cada mãe, individualmente, os Termo de Consentimento Livre e Esclarecido às mães (Anexo II), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o responsável legal do menor (Anexo III), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido ao menor (Anexo IV), o Questionário Sociodemográfico (Anexo V), bem como o *link* de acesso à sala da plataforma selecionada *Google Meet*. As participantes foram orientadas a guardar uma cópia de cada um dos documentos enviados, bem como a assinar e enviar os mesmos escaneados ou fotografados, via *e-mail*, para a pesquisadora. A assinatura dos documentos poderia ser realizada por meio de assinatura digital, assinatura de documento PDF ou, ainda, através da impressão dos documentos assinados à mão e devidamente escaneados ou fotografados. A efetiva inclusão dos participantes neste estudo só foi realizada após o recebimento de todos os documentos assinados, antes ou depois da entrevista.

No dia agendado para cada entrevista, a pesquisadora entrava na sala *online* cerca de 10 minutos antes, a fim de organizar-se com os documentos e NI e verificar sua conexão à *internet*. Todos os participantes foram pontuais, com exceção de uma mãe que se atrasou cerca de 30 minutos, pois estava amamentando sua filha. Os encontros tiveram duração aproximada de 60 minutos e ocorreram *online*, via plataforma digital *Google Meet*, conforme preferência dos participantes. Todos utilizaram os recursos de áudio e vídeo.

As entrevistas se organizaram em torno de alguns procedimentos básicos:

- 1) Breve apresentação pessoal da pesquisadora, seguida de esclarecimentos sobre a entrevista, objetivos, metodologia e confirmação do recebimento prévio dos

documentos via *e-mail*. Com as crianças, tivemos o cuidado de usar uma linguagem clara e objetiva, coerente com a idade de cada um deles, a fim de explicar os objetivos da entrevista, a metodologia utilizada, bem como reforçar a possibilidade de se retirarem da pesquisa, sem prejuízo algum.

- 2) Projeção na tela do computador da NIG concomitante ao envio da NI para as mães através do *WhatsApp*, de modo que mães e filhos visualizassem suas narrativas ao mesmo tempo. De posse de suas NI e NIG, todos os participantes poderiam acompanhar a leitura em voz alta da NI pela pesquisadora.
- 3) Leitura da NI em voz alta pela pesquisadora.
- 4) Convite aos participantes para que dessem um desfecho à NI e à NIG. Neste momento, foi esclarecido que a elaboração da história poderia ser individual ou em conjunto, de maneira escrita, oral ou gráfica. Para aqueles que preferissem desenhar foram orientados a fazê-lo utilizando folha de papel em branco, lápis grafite e lápis-decor ou outro. Todos os participantes optaram pela execução individual, exceto uma dupla mãe-filha que escolheram juntas um desfecho para a história, porém registrando individualmente, cada uma à sua maneira – a mãe por escrito e a filha desenhando. (vide NT 05). Todas as mães optaram por registrar suas histórias de maneira escrita. Já as crianças, todas optaram por desenhar, exceto uma que preferiu escrever (vide NT 02).
- 5) Convite aos participantes a compartilharem suas produções, fotografando-as ou escaneando-as e enviando-as por *e-mail* ou *WhatsApp*, para serem devidamente armazenadas, respeitando as novas recomendações da Conep (2021).
- 6) Reflexão aberta sobre as vivências da família durante a pandemia de Covid-19.
- 7) Encerramento. Agradecimento e despedida.

3. RESULTADOS

O material desta pesquisa foi produzido a partir das entrevistas realizadas com sete mães e seus filhos a respeito das vivências familiares durante a pandemia da Covid-19. As histórias produzidas pelos participantes, seja de maneira escrita ou em formato de desenho, foram reproduzidas fielmente ao longo das NT. Para a elaboração de cada NT, escolhemos nomes fictícios para todos os participantes, a fim de preservar a confidencialidade de suas identidades. Antes de cada NT, acrescentamos a composição familiar dos entrevistados para que o leitor possa contextualizar as vivências familiares compartilhadas, objeto de estudo deste trabalho.

NARRATIVA 1: Alessa, a mãe-escudo

Participantes da entrevista: Alessa e Pietra		
Configuração da família		
Mãe: Alessa Idade: 43 anos Escolaridade: Doutorado Profissão: Professora	Pai: Marcos Idade: 45 anos Escolaridade: Superior completo Profissão: Engenheiro agrônomo	Filha: Pietra Idade: 9 anos Escola: Privada Série: 4 ^o ano - Ensino Fundamental
Renda familiar: 6-9 salários mínimos		

Alguns minutos antes do horário agendado, entrei na sala *online* para aguardar a entrada de Alessa e sua filha Pietra. Estava um pouco ansiosa, pois esta seria a primeira entrevista da pesquisa. Mãe e filha entraram no *Meet* exatamente no horário agendado, mas naquele primeiro momento só pude ver parte de seus rostos nos cantos da tela. Estavam em um quarto com a porta fechada. O cômodo parecia ser o escritório, pois tinha livros e cadernos empilhados e esparramados sobre uma mesa e uma impressora. Pietra se comunicava facilmente comigo, como se já me conhecesse há bastante tempo. Já Alessa estava séria e pouco interativa. Isso me gerou desconforto e dúvida sobre sua disponibilidade para conversar. O resultado foi que evitei aprofundar o *rapport*, passando imediatamente à minha apresentação pessoal e da pesquisa, apegando-me ao que tinha de mais objetivo. Durante este momento, pude ver que Marcos, marido de Alessa, abriu a porta do quarto, observou por alguns instantes o que estava acontecendo, fechou a porta e saiu. Não houve nenhuma reação da parte de Alessa nem de Pietra, como se elas não tivessem notado a sua instantânea presença. Compartilhei minha tela para apresentar-lhes os Termos de Consentimento e o Questionário Sociodemográfico, que já havia sido enviado por *e-mail* previamente. Combinamos que Alessa me enviaria todos os documentos assinados após a entrevista. Na

sequência, projetei a NIG para que Pietra pudesse ver a história em quadrinhos, enviei ao *WhatsApp* de Alessa a NI, uma vez que não era possível compartilhar duas telas ao mesmo tempo, e li a NI em voz alta. Ao final da leitura, convidei mãe e filha para dar um desfecho àquela história, ao que Pietra reagiu indignada, cruzando os braços e franzindo a testa: “*Ah não! Agora eu quero saber o final da história e não inventar um final para ela*”. Neste momento, Alessa e eu rimos. Foi a primeira vez que percebi a mãe descontraída e isso me deixou mais à vontade. Respondi a Pietra que o final da história só existiria se ela o imaginasse. Esperei por volta de 30 minutos para que mãe e filha criassem suas histórias, quando Alessa interrompeu dizendo que escrevera exatamente o que estava vivendo nos últimos dias. Segundo a mãe:

(...) o noticiário mostrou que a população não seguiu as medidas restritivas e de agora em diante precisamos realizar um lockdown. Ficaremos impossibilitados de sair às ruas sem uma justificativa. As saídas serão permitidas de acordo com o número de identidade da população, os com final de 0 a 2 às segundas, os de final 3 e 4 às terças, os de final 5 e 6 às quartas, os de final 7 e 8 às quintas e os de final 9 às sextas. Matias, o pai, indaga sobre quais os motivos dessa decisão tão drástica. A mãe responde que, por conta da negligência da população, a doença se espalhou com mais rapidez e maior letalidade por conta das inúmeras variantes que surgiram. Para a proteção da vida, será necessária uma medida mais rígida.

Pedro pergunta aos pais:

-Será que nunca mais verei meus amigos? Por causa da falta de responsabilidade dos outros ficarei mais um tempo em casa sem sair para nada?

A mãe responde:

- Infelizmente será assim meu filho, precisamos nos proteger e acreditar que a ciência entenderá esses novos tipos de vírus e uma super vacina nos ajudará. O ser humano precisa de muita ajuda para compreender que temos uma responsabilidade coletiva.

Letícia pergunta: o que é responsabilidade coletiva?

A mãe responde:

- *É quando cuidamos de nós mesmos, da família, dos nossos vizinhos e da população. Precisamos cuidar de todos.*

A família fica reunida na sala, pensativa sobre os novos tempos e com a certeza de que unidos, seguindo as medidas de higiene, distanciamento, usando máscara e aguardando a ciência, tudo voltará a ficar bem.

Como Pietra não havia terminado o seu desenho, então decidi iniciar a conversa com a mãe perguntando o que ela estava vivendo nos últimos dias, já que foi assim que ela se expressou acerca de sua história. *“Cheguei a ficar descompensada”,* disse com tom de voz alto e firme, referindo-se ao *“cansaço mental”* de tanta exigência que colocou para si e para a família por causa do medo. *“Ninguém sai de casa, somente eu”.* Perguntei a Alessa por que só ela sai de casa e ela respondeu que prefere ir ao supermercado, padaria, farmácia, no lugar do marido ou da filha. Explica que quando o marido precisa ir ao trabalho *“é um estresse danado e uma tensão”*. Neste momento, passa a descrever o ritual de tarefas que impõe ao marido quando ele precisa sair de casa: usar máscara, álcool em gel e, quando retorna, tirar os sapatos, a roupa e tomar banho. Ela conta que sair de casa tem sido o seu maior desafio nessa pandemia.

Dirijo-me à Pietra, que ainda estava concentrada em seu desenho, para incluí-la na conversa. Ela mostrou o desenho através da câmera e contou a história de uma família indignada com o posicionamento político do presidente que anunciava a proibição do uso de máscaras. Tal família ousou contrariar o direcionamento anunciado e, numa atitude de protesto, disseram em conjunto: *“Nós vamos usar máscaras para salvar nossas vidas!”*. Pietra acrescenta que até o bebê participou do protesto familiar balbuciando: *“Agu, agu”*.

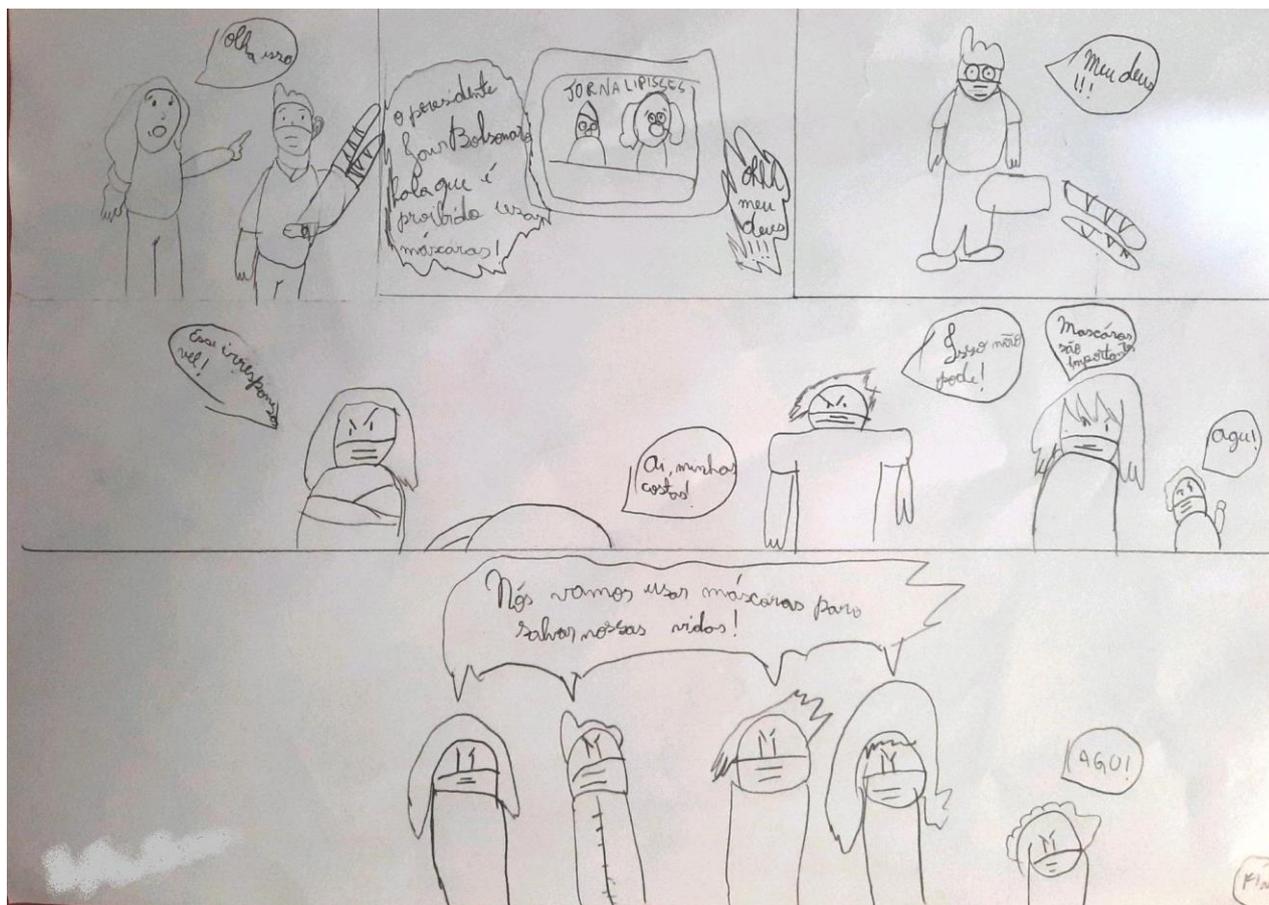


Figura 2- Desenho de Pietra, 9 anos.

Quando perguntei a Pietra como estava sendo todo esse período de isolamento social, disse que tem sido muito chato e entediante ficar em casa sem poder ir para a escola. Além disso, está muito brava com sua mãe, que não a deixou ir para a escola, mesmo diante da flexibilização sanitária que permitiria o retorno escolar.

Sobre a vivência familiar durante a pandemia, Alessa relata que ela e seu marido passaram a trabalhar na modalidade remota (*home-office*) e Pietra a estudar em casa. O convívio familiar mais intenso fez com que alguns atritos aumentassem, principalmente em relação às tarefas domésticas que, segundo Alessa, “às vezes um não faz o que deveria fazer em casa, né?!” (sic). Por outro lado, perceberam que o hábito de almoçar e jantar fora aos finais de semana e os passeios ao shopping não eram tão necessários como pensavam, pois descobriram o valor de jantar em casa e cozinhar pães e tortas. Como esses momentos passaram a ser considerados como tempo da família, conclui que “a pandemia mostrou o

valor das pequenas coisas". Ela prossegue me contando que *"quando eu parei de viajar a trabalho, eu senti uma dor no braço"*, e refletiu: *"sabe quando a gente está em ação o tempo todo e não consegue dar atenção no que de fato está acontecendo? A adrenalina da rotina passou e o braço doeu, eu percebi a dor"*. Pergunto a Alessa o que ela percebeu sobre si mesma, e ela responde com a percepção de que o trabalho é somente uma parte da sua vida e não tudo, e que quando a pandemia passar quer voltar ao trabalho, porém com a certeza de que ele não é a parte mais importante da sua vida. Naquele momento percebi que Alessa estava bastante reflexiva a respeito da sua relação com o trabalho e sua família. Finalizei essa entrevista agradecendo a participação e me colocando à disposição, caso quisessem.

NARRATIVA 2: 365 dias de férias: não aguento mais!

Participantes da entrevista: Débora, Lara e Luiz

Configuração da família

Mãe: Débora Idade: 37 anos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Advogada	Pai: Humberto Idade: 32 Escolaridade: Superior Completo Profissão: Advogado	Filha: Lara Idade: 09 anos Escola: Pública Série: 4º ano	Filho: Luiz Idade: 05 anos Escola: Pública Série: Infantil 2	Filha: Ana Idade: 06 meses Escola: - Série: -
Renda familiar: + 9 salários mínimos				

Eu estava na expectativa para essa entrevista, pois no contato telefônico prévio para agendamento da entrevista, percebi certo entusiasmo de Débora com o tema família e pandemia. Na ocasião, contou que toda a família havia sido contaminada por Covid-19 ao mesmo tempo, o que me deixou bastante curiosa para saber como lidaram com tal situação. Sendo esta a segunda entrevista, já me sentia mais à vontade na abordagem aos participantes e mais familiarizada com a dinâmica da entrevista *online*.

Débora entrou sozinha e bastante atrasada na sala do Google *Meet*, explicando que estava amamentando sua filha caçula. Os filhos Lara e Luiz ainda não haviam chegado para a entrevista, pois estavam brincando com uma amiguinha em casa. Débora estava com o cabelo arrumado, usava batom e brincos. Isso me chamou a atenção, pois como sabia que ela tinha três crianças, sendo uma delas um bebê, não imaginava encontrar uma mãe tão arrumada. Estava sorridente e bastante comunicativa, o que me deixou mais segura e confortável e fez com que a conversa fluísse naturalmente. Decidi iniciar com a NI, projetando-a na tela do computador para que Débora pudesse acompanhar minha leitura. Então, convidei Débora para dar um desfecho para aquela história. Assim ela escreveu:

– *“Papai, lá na Europa pessoas indo embora morar no céu, todos com Corona.*

Pedro olha seu pai preocupado ao ver o noticiário, sua mãe chorando com olhar perdido e pergunta para Letícia:

– *Mas por que todos têm medo do Corona? Mas por que esse Corona leva as pessoas para morar com Deus?*

A mãe senta no chão para conversar com Pedro, e lhe explica que é uma doença nova, a qual as pessoas não sabem como curar. Ela diz: sabe quando temos gripe e tomamos remédio para dor e febre e passa? Então, para essa doença, não se sabe o que tomar. Vamos todos juntos orar a Deus para que sua misericórdia nos alcance e que esses dias de dificuldades sejam abreviados, que achem a cura e que tudo possa voltar ao normal, podendo voltar à escola e ir nas casas das pessoas que amamos. ”

Débora quis ler para mim sua história. Após sua leitura, iniciei um diálogo com Débora e a pedi para contar a experiência da família no período de pandemia. Ela, então, inicia seu relato dizendo que a pandemia tem sido boa, pois assim a família tem ficado ainda mais perto. Surpresa, pedi mais detalhes sobre essa experiência. Ela explica que a família é muito unida e que fazem tudo juntos, mesmo antes da pandemia. Conta que as crianças maiores acompanharam a formação dos pais na faculdade de Direito, estiveram presentes na formatura, acompanharam os estudos para a OAB, a construção do escritório e participaram da celebração da aquisição da máquina de café para o escritório. *“Sempre foi assim. As crianças até palpitam nos nossos casos de trabalho, pois elas nos veem trabalhando e escutam nossas reuniões com clientes e nossas conversas. Agora na pandemia, parece que o apego se intensificou”,* ela conclui.

Debora é casada e mãe de 3 filhos. Foi pega de surpresa quando descobriu através de um teste de farmácia que estava grávida da filha caçula meses antes da pandemia iniciar, mas ainda assim comemorou com a filha mais velha, como se estivesse planejando esse bebê. Ela disse que quando contou ao marido, ele estava em uma ligação de trabalho que o impediu de comemorar aquele momento junto com ela. A gravidez a deixou preocupada, pois tinha receio de ser contaminada pelo vírus no hospital. Devido a algumas complicações do parto,

Débora precisou ficar internada por 3 dias, longe da filha que já havia recebido alta. Sua mãe, avó das crianças, assumiu o cuidado dos netos durante esse período. Em dezembro passado, toda a família foi contaminada pelo vírus em uma visita à dentista. Fiquei um pouco sem entender como isso teria acontecido, mas ela explicou: *“A gente faz tudo junto, sabe? Então, se um vai ao dentista, todo mundo vai junto. Até a bebê foi e a dentista aproveitou para ver a boquinha dela”*. Como a família toda testou positivo para Covid-19, passaram 14 dias seguidos, enclausurados em casa, com portas e janelas fechadas, sem ninguém sair ou entrar. Questionei como foi essa experiência de quarentena e, para minha surpresa, ela afirmou, sorridente, que foi gostoso estar com a família reunida por vários dias sem ninguém mais perto e que se divertiram muito assistindo a várias séries infantis. De minha parte continuava surpresa, pois em nenhum momento ela referiu os sintomas da doença e suas consequências, nem as demandas de três crianças doentes e presas em casa por tanto tempo. Estranhamente, parecia que tudo estava sob controle. Conta que seus pais chegaram a adoecer (sintomas depressivos) de tanta preocupação e com a impossibilidade de estarem com a família, e que até então não tinham se recuperado integralmente.

Quando perguntei sobre a rotina da família, Débora conta que é uma rotina intensa desde a manhã até a noite. Assim ela descreve: *“acordo, cuido da bebê, cuido das outras crianças, começo o trabalho. Tenho que entreter as crianças no meio disso tudo. No horário do almoço, preparo a comida e ao mesmo tempo vou arrumando a bagunça das crianças. Dou de mamã e, à noite, escuto um curso online pelo celular enquanto estou preparando a janta e cuidando das crianças, pois preciso estar sempre atualizada, por conta do meu trabalho”*. Perguntei a Débora: “E o seu marido”? Ela respondeu: *“ele está no celular o dia inteiro, trabalhando”*. Curioso que neste momento, pude escutar o celular tocando e a voz de um homem atendendo o telefone. Ela disse: *“Tá vendo? É assim o dia inteiro”*. Fiquei impressionada com a rotina intensa e voltei a me perguntar como poderia tal mulher estar ali na minha frente arrumada daquele jeito e, ainda, disposta a me dar uma entrevista.

Débora conta que os filhos já estão há um ano sem ir à escola e também não estão assistindo as aulas *online*. Sente-se culpada por não ser capaz de ensinar os filhos e receosa

que fiquem atrasados em relação às outras crianças. Contou que aprendeu na *internet* a fazer massinha, na tentativa de ensinar as formas geométricas ao filho, porém se sente limitada e se frustra. Perguntei a Débora se ela não achava que já estava fazendo muito e ela confessa que às vezes sente que está a ponto de surtar. Nessas ocasiões, vai até o quarto, fecha a porta, faz uma oração pedindo a Deus para conter sua raiva e fúria. Sente falta da rotina anterior, quando era possível equilibrar melhor a vida profissional com a função materna. Sente-se egoísta por ter esse desejo: *“Ah, eu fico pensando que eu não posso sentir falta [da rotina anterior], sabe... eu preciso estar aqui por eles”*.

Débora esteve sorridente durante toda a entrevista, demonstrando disposição para compartilhar sua vida. Escutei o choro da bebê que estava acordando e sendo cuidada pelo pai. Pouco tempo depois, inferi que alguém tinha entrado na sala onde Débora estava, pelos olhos de Débora que pareciam acompanhar alguém se movimentando atrás da sua tela. Notando que sua atenção já havia se desviado, perguntei se ela precisava finalizar. Ela confirma justificando que a filha tinha acabado de acordar e o marido a tinha trazido para mamar. Pedi a ela que me enviasse o Termo de Consentimento e o Questionário sociodemográfico preenchidos e assinados por *e-mail*, e nos despedimos.

Após a saída da mãe, Luiz e Lara chegaram. Me apresentei e logo projetei a NIG na tela para que ambos pudessem visualizar a história. Decidi ler a NI enquanto eles acompanhavam a NIG e, ao final, convidei-os para completar aquela história. Disse que eles poderiam desenhar, escrever ou me contar. Lara foi logo buscar papéis e lápis e começou o seu desenho. Luiz parecia não ter entendido a história ou a proposta, e repetidamente dizia *“eu não sei”*. Sua irmã tentou ajudá-lo: *“Desenha o que você quiser, eu te ajudo. Você só precisa dar um final para a história”*. Porém, ele insistia em dizer que não sabia. Percebi que ele desenhava alguma coisa rapidamente na folha, mas logo se retirou e eu não tive tempo de pedir para ver o seu desenho. Aguardei Lara terminar seu desenho e quando o fez, mostrou-me através da câmera.

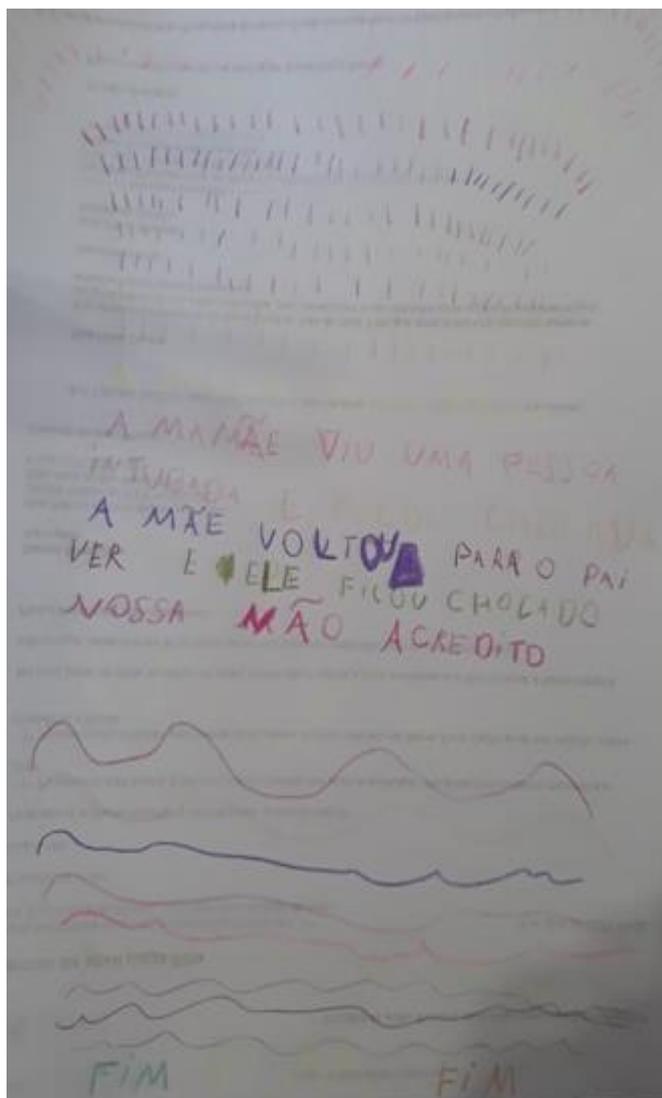


Figura 3- Desenho de Lara, 9 anos.

Percebi que Lara havia escrito algo e feito alguns traços⁶. Pedi então que me contasse a história, já que não pude compreender imediatamente o que havia escrito, pois ela logo retirou a imagem da tela. Ela leu sua história: “A mãe viu uma pessoa intubada e ficou chocada. A mãe voltou para o pai ver e ele ficou chocado. Nossa, não acredito”. Percebi que Lara não estava muito interessada na história, e então pedi que me contasse como estava sendo o período de pandemia e isolamento social. Com poucas palavras, diz que estava sentindo “mais ou menos falta da escola”. Perguntei: “Como assim mais ou menos”? Lara

⁶ O leitor notará que Lara trouxe folhas de papel já impressas, utilizando o verso para desenhar, o que prejudica de certo modo a visualização do desenho. Não sabemos se foi escolha da menina ou de seus pais, mas é um dos elementos que foge ao controle do pesquisador em entrevistas remotas.

responde: *“Ah, eu sinto falta de estar com minhas amigas, mas é bom também estar em casa com minha família”*.

Luiz voltou e foi quando comecei a conversar livremente com ele. Iniciei o diálogo perguntando qual era sua brincadeira favorita, na tentativa de fazer novo contato com ele.

Assim foi nossa conversa:

Luiz: “Eu trabalho de tudo, tipo patrulha de polícia, tipo gasolina, tipo de bombeiro, tipo oficina, tipo ferramenta, de metal, de ferro, de polícia.

Raquel: O que você mais gosta de trabalhar?

Luiz: De polícia.

Raquel: Nossa, você trabalha de várias formas, que legal!

Luiz: Eu tenho que trabalhar para fazer dim dim (sic).

Raquel: Ah é? E para que serve o dim dim?

Luiz: Para poder estudar, para poder comer papa (sic) ...

Raquel: E a sua irmã trabalha com você, também?

Luiz: Não, ela brinca.

Raquel: E quem te ensinou a trabalhar assim?

Luiz: O papai e a mamãe.

Raquel: E eles trabalham muito?

Luiz: Sim.

Raquel: Me conta um pouquinho do seu dia?

Luiz: Eu acordo, escovo dente, vou brincar...

Raquel: E o papai e a mamãe, o que estão fazendo?

Luiz: Eles estão trabalhando.

Raquel: Eles trabalham o dia todo?

Luiz: Só de dia.

Raquel: E de noite? O que vocês fazem?

Luiz disse que não sabia. E novamente saiu.

Senti dificuldades em manter uma conversa com as crianças, pois Luiz saía e voltava da tela enquanto Lara, apesar de presente o tempo todo, ficou bastante calada, interagindo pouco. Luiz reapareceu na câmera e disse que queria me mostrar sua irmãzinha. Neste momento a mãe retorna com a bebê. As crianças brincam com a bebê, beijam e fazem carinho. Lara pega a irmã no colo, levanta da cadeira e a mãe senta. Débora diz: *“Para mim estamos num período de férias... A gente está junto o tempo todo, sabe, igual quando estamos de férias”*. Pergunta para mim se eu precisava de mais indicações de famílias, pois pretendia indicar a família do irmão: *“Nossa, lá as coisas estão tão complicadas ... Bem diferente da gente. Nossa... eles não estão se aguentando mais. Talvez seja legal entrevistar uma família assim, porque a gente está tão bem...”*

Eu aceitei a indicação e agradei pela entrevista. Logo após a entrevista, Débora me enviou por *WhatsApp* os desenhos dos filhos, Lara e Luiz.

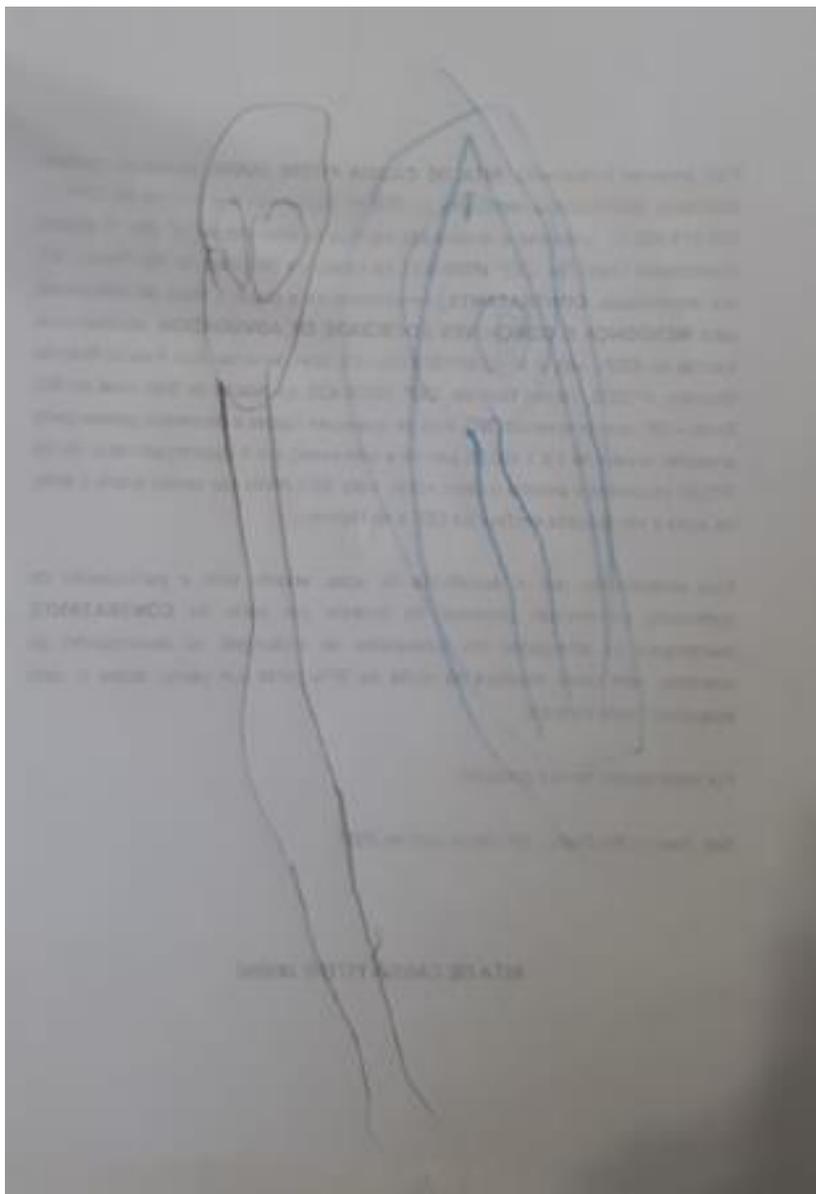


Figura 4- Desenho de Luiz, 5 anos.

NARRATIVA 3: A vida que sonhei para nós

Participantes da entrevista: Maya e Ava			
Configuração da família			
Mãe: Maya Idade: 30 anos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Professora	Pai: Augusto Idade: 30 anos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Gerente	Filha: Ava Idade: 08 anos Escola: Privada Série: 3º ano	Filho: Lucas Idade: 03 meses Escola: - Série: -
Renda familiar: 6-9 salários mínimos			

Estava na expectativa de conhecer a experiência de mais uma família. Como já era minha terceira entrevista, achava que estaria mais à vontade com os participantes. Maya entrou sozinha sala do Google Meet me disse que sua filha Ava já estava finalizando a aula e logo chegaria para participar. Maya parecia bastante tímida e pouco falava. Esboçava um ligeiro sorriso no rosto e esperava o tempo todo que eu direcionasse o nosso diálogo. Suas respostas eram muito breves e seu silêncio começou a me deixar angustiada. Senti dificuldades em realizar um *rapport* e, portanto, decidi iniciar a NI rapidamente. Projetei a NI para que Maya pudesse acompanhar a leitura e logo fui surpreendida pela rápida presença alegre e falante de Ava: “*Oi, tudo bem? Eu já volto para a entrevista, tá bom?! É que eu estou ali combinando com minha amiga nosso jogo online de hoje à tarde*”. Com a mesma rapidez ela sumiu, sem me permitir responder.

Ava é muito comunicativa e seu retorno trouxe um conforto para minha angústia com a brevidade de Maya. Decidi, então, trocar a projeção da minha tela para a NIG enquanto enviava a NI para o celular de Maya. Foi somente quando Maya se mexeu para pegar o celular que percebi que ela estava com seu bebê no peito, até aquele momento fora da tela de visualização. Reagi dizendo: “*Ah, que gracinha, ele está mamando?*” Ela respondeu que sim.

Ofereci a possibilidade de aguardar a amamentação para entrevistá-la, mas ela preferiu continuar. Leio a NI em voz alta e convido mãe e filha para darem um desfecho para aquela história. Maya completou-a de maneira escrita da seguinte forma:

“Letícia responde que o jornal informou que mais de mil mortes por COVID haviam sido registradas nas últimas 24hs e que o governo estava cogitando proibir o funcionamento de todos os estabelecimentos por 15 dias”.

Ava desenhou a sua história em quadrinhos:





Dirigi-me à Ava, solicitando que me contasse sua história. Assim ela conta: *“A família recebeu a notícia de que um médico profissional, chamado Pífio, havia morrido de Covid-19. A mãe ficou muito assustada e triste, e contou a notícia para o marido, assim que ele voltou da padaria. As crianças estavam também assustadas. Outro dia, o pai foi novamente à padaria e se encontrou com um homem vestindo roupas de médico. Ele logo perguntou: Você é um médico profissional?” E o homem responde: Sim! O pai, ao chegar em casa, contou a novidade para toda a família que ficou muito feliz. A família ficou tão feliz que adotou um cachorro e deu o nome de Chocolate. ”*

Iniciei a segunda etapa da entrevista, convidando mãe e filha para contarem a experiência da família durante o período de pandemia. Maya foi quem mais falou, enquanto Ava coloria a sua NIG. Maya conta que é professora do Ensino Fundamental e que por estar ainda de licença-maternidade não estava trabalhando. Compartilha que o filho foi um bebê planejado e esperado após dois anos de tentativas para engravidar. Quando ele nasceu, teve o “parto dos meus sonhos”: parto natural e humanizado. Ava interrompeu sua pintura, olhou para a mãe e perguntou o que ela queria dizer com isso. Maya explica: *“quando você nasceu, foi uma cesárea”*. Ava, na dúvida, perguntou o que significava cesárea. Maya continua: *“É aquele corte na barriga da mamãe que o médico faz e tira o bebê. O seu irmão nasceu de parto vaginal, aquele que o bebê sai da vagina da mamãe”*. Ava fez uma careta como se estivesse com nojo ao escutar essa explicação. Maya continua, então, contando sobre a família: seu marido alterna entre o trabalho presencial e remoto a depender das suas condições de saúde, uma vez que tem asma. Ava está estudando de casa e mesmo diante da flexibilização para o retorno presencial, Maya não se sente segura de enviá-la para a escola, por conta do risco de contaminação pelo novo coronavírus. A mãe acredita que a filha esteja se desenvolvendo mais estudando em casa, pelo fato de conseguir se concentrar em períodos mais curtos de aulas, como os que foram planejados para o contexto de pandemia.

Perguntei a Maya como ela estava vivendo esse período. Para minha surpresa, disse que o período de licença-maternidade estava finalizando e que estava torcendo para que a colega que a estava substituindo permanecesse por mais tempo, para que ela pudesse ficar mais

em casa. Quanto ao motivo dessa vontade, Maya disse que se pudesse ela não voltaria nunca mais ao trabalho, pois estava gostando muito de estar em casa com os filhos, principalmente quando o marido também estava em casa. Enfatiza que se pudesse escolher, ficaria assim para sempre.

Maya lamenta o tempo em que trabalhava fora de casa e chegava do trabalho tão cansada que não dava a atenção que gostaria à filha. Ela se arrepende desse tempo e deseja fazer diferente agora. Maya acrescenta um outro ponto de sofrimento ao seu lamento, explicando que agora que o filho chegou e, pelo fato de ser um bebê que demanda muita atenção e cuidado, sente que a filha continua sem a atenção devida, a que ela gostaria de dar. Noto uma mudança no semblante de Ava, sem perceber que ela estava chorando, pois tinha abaixado a cabeça. Foi Maya quem me disse que a filha estava magoada e triste. Percebendo o clima melancólico que se instalava e minha condição de intervir terapêuticamente, perguntei à Ava o que ela mais gostava de brincar. Ela, entretanto, não conseguiu responder, pois segurava o choro. Maya disse à filha: *“Vai lá no banheiro lava o seu rosto e quando você voltar você conta para ela o que você mais gosta e, quem sabe, a mamãe não aprende, e aí a gente faz juntas”*. Ela se foi.

Percebi que Maya também estava sentida, mas impotente: com o filho ainda no peito e conversando comigo, parecia não haver espaço suficiente para acolher a filha. Senti pena de Ava, tive vontade de abraçá-la e acolhê-la. Queria ofertar um espaço para Maya falar mais de si, mas não senti abertura para isso. E não me pareceu que essa dificuldade tinha a ver com o fato de estarmos conversando por uma tela. Aquele me pareceu ser um território delicado que eu não deveria entrar. Para tentar retomar o tema da entrevista, perguntei a Maya como era a rotina familiar. Ela explica que fica por conta do cuidado do filho, da filha e das tarefas de casa. Quando o marido está trabalhando em casa, ele participa das tarefas domésticas e cuidado com os filhos, sobrando algum tempo para ela. Ava voltou rapidamente, agora já mais leve. Não voltei no assunto que a havia deixado triste e pedi que me contasse sobre o que mais gostava de brincar. Ela refere os joguinhos no computador como o que ela mais gostava.

Neste momento, percebi a aproximação de Maya para acolher a filha, quando acariciou seu cabelo, beijou sua cabeça e prometeu brincar mais com ela.

Finalizei a entrevista agradecendo e deixando aberta a possibilidade de Maya me contatar, caso sentisse necessidade, dada a sensibilidade que constatei em mãe e filha. Apresentei os Termos de Consentimento e o Questionário sociodemográfico e solicitei que me enviassem assinados por e-mail e nos despedimos.

NARRATIVA 4: Lamento não poder cuidar de você

Participantes da entrevista: Maria e Victoria

Configuração da família		
Mãe: Maria Idade: 42 anos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Administradora	Pai: Fernando Idade: 40 anos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Administrador de redes	Filha: Victoria Idade: 07 anos Escola: Privada Série: 2º ano
Renda familiar: 6-9 salários mínimos		

Preparada para dar início a mais uma entrevista *online*, aguardava Maria e Victoria, mãe e filha, sala do Google *Meet*. Depois de três entrevistas, já não me sentia ansiosa para aquele momento. Estava na expectativa de conhecer a experiência de mais uma família. Logo fui surpreendida pela presença alegre e sorridente de Maria, que agia como se já nos conhecêssemos há um bom tempo. Victoria logo apareceu na câmera, com um sorriso cativante, mas tímida. Me senti ainda mais à vontade, pois o clima era de disposição e interesse. O *rappont inicial* girou em torno dos estudos de Maria e dos interesses lúdicos de Victoria, transformando-se espontaneamente em uma conversa a respeito da família.

Maria iniciou contando (ou justificando) sua situação profissional: é profissional autônoma, pois com o acidente ocorrido com a filha precisou dedicar-lhe cuidados que não lhe permitiram ter um emprego. Maria passou a relatar o ocorrido: *“Eu nunca deixava o ferro de passar ligado, mas bem naquele dia eu deixei. Foi muito rapidinho, mesmo. Eu precisava ir em outro cômodo para pegar alguma coisa, mas tomei o cuidado de deixar o ferro do outro lado da cama. A cama era enorme, daquelas super king, alta e comprida. Era impossível ela subir, atravessar a cama e alcançar o ferro tão longe”*. Mas Victoria o fez, quando tinha 1 ano de idade. Queimou a mãozinha tão pequena, o que já lhe custou 15 cirurgias desde então, e ainda não acabou. Neste momento, o olhar da mãe se encheu de culpa e pesar. Ela perguntou para a

filha se ela gostaria de mostrar-me a mão e assim a criança o fez. Victoria me contou que não sente dor, mas tem dificuldade de abrir toda a mãozinha. Senti tristeza e pena por Victoria.

Após um longo período conversando sobre essa situação, Maria retomou o assunto do seu trabalho. Ela alugava máquinas de cartão de crédito e, devido à pandemia, sua demanda de trabalho foi reduzida pela diminuição do número de clientes. Não precisa mais ir ao escritório da empresa e agora faz tudo via *internet* e telefone. Assim, dedica a maior parte do seu tempo à casa, à filha, ao marido e aos estudos. O marido trabalha no setor de Tecnologia da Informação e Análise de Redes de *Internet* e, diferentemente de Maria, ele foi sendo cada vez mais demandado no trabalho, sem hora certa para iniciar ou terminar o expediente, *“assim como um médico plantonista, sabe?”*, associa Maria. Perguntei, então, como ela se sentia com essa situação e Maria disse que estava bastante preocupada com o marido, pois o tem percebido mais ansioso, esgotado e inquieto. Ela manifestou o desejo de passar mais tempo com ele, mas é impedida ora pelo trabalho dele ora por seus estudos. Maria está fazendo sua segunda graduação e, devido à pandemia, suas aulas estão acontecendo de maneira remota. Ao falar sobre o marido, percebi Maria um tanto quanto apaixonada: *“Meu marido é uma pessoa muito legal, a melhor companhia do mundo. Quando ele chega do trabalho, eu estou assistindo aula; quando o vejo entrando pela porta, eu logo percebo que ele não está bem, está cansado. Minha vontade é acolhê-lo e cuidar dele, mas me sinto dividida entre a vontade de cuidar do meu marido e a necessidade de acompanhar as aulas”*. Se pudesse, Maria escolheria a vida anterior à pandemia, quando o marido podia ficar mais com a família.

Notei que Victoria estava quietinha, como se aguardasse instruções sobre o que deveria fazer; afinal de contas, o convite foi feito também para ela. Dirigi-me à menina e pedi que me contasse um pouquinho como estava sendo a sua experiência e da família durante o período de pandemia. A princípio, Victoria parecia não ter entendido e dirigiu o olhar para a mãe, que explicou: *“Conta para ela o que você tem feito, se você está gostando ou não de ficar em casa”*. Victoria se anima e conta que sente saudade de visitar a vovó em Santarém (PA), e que lá é o melhor lugar do mundo, apesar de ter ido apenas duas vezes. Também gosta de tomar café da manhã com o papai, já que as aulas *online* começam mais cedo e isso se tornou

possível. Também contou que joga bola com o papai e a mamãe no quintal de casa e que assistem filmes juntos. Estava esperando Victoria dizer que sentia falta da escola e dos colegas, porém nada disse sobre isso. A mãe revela que durante os meses de pandemia notou a filha mais triste e chorando sem razão aparente. Ela e o marido imaginaram, então, que Victoria estava se sentindo sozinha e decidiram presenteá-la com uma gatinha de estimação e, segundo Maria, a filha a considera quase que uma irmãzinha. Maria expressa que estava sentindo falta da casa cheia de visitas, do churrasco em família regado a músicas e danças e das viagens em família.

De repente me dei conta que já havia passado uma hora e não havia apresentado a NI e a NIG às participantes. Perguntei se elas aceitavam escutar uma história e me contar o que imaginavam como desfecho. Ambas concordaram e, então, projetei na tela a NIG para Victoria e enviei a NI por *WhatsApp* para Maria. A mãe completou a história da seguinte maneira:

“Leticia viu uma notícia no jornal que a cidade em que sua mãe mora, devido a piora pandêmica, estava sem oxigênio e ficou muito preocupada, pois seu irmão, que também mora lá, está contaminado e provavelmente iria precisar do oxigênio. Sua mãe havia tido contato com ele e ficou com medo de ter se contaminado. Ela ficou com medo devido a sua idade e assim fazer parte do grupo de risco”.

Victoria completou a sua história com o seguinte desenho:



Figura 6 - Desenho de Victoria, 7 anos.

Solicitei, então, que Victoria me contasse um pouquinho da história que ela havia criado. Explica que era uma mãe que estava assustada com o vírus; a filha estava fazendo a lição da escola e o pai chegava da padaria. Ela não desenvolveu mais o desfecho da história e se concentrou em dizer que era um vírus perigoso e que deixou a mãe assustada.

Agradei a participação de Victoria e Maria que, enfaticamente, se colocou à disposição para me ajudar na minha pesquisa, oferecendo-se para outro encontro se eu quisesse mais informações. Agradei a abertura e me coloquei à disposição, caso ela sentisse necessidade, bem como a filha. Entretanto, isso não ocorreu, nem de minha parte nem de Maria.

NARRATIVA 5: O resgate do valor da minha família

Participantes da entrevista: Denise e Alice		
Configuração da família		
Mãe: Denise Idade: 38 anos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Gerente de compras	Pai: Luiz Paulo Idade: 38 anos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Empresário	Filha: Alice Idade: 06 anos Escola: Pública Série: 1º ano
Renda familiar: 6-9 salários mínimos		

A entrevista foi agendada com quase duas semanas de antecedência, uma vez que Denise e sua família moram em Portugal e foi necessário alinhar os nossos compromissos levando em consideração a diferença de fuso horário. Estava com boas expectativas para a entrevista, pois acreditava que por estarem em outro país, novos elementos poderiam surgir. Quando nos encontramos na sala do Google *Meet*, percebi que Denise era um pouco diferente do que eu imaginei durante a ligação prévia por telefone para agendar o dia e horário da entrevista. Imaginava-a mais espontânea, comunicativa e menos séria.

Denise estava séria e pontual nas interações comigo, limitando-se a responder às minhas perguntas de maneira objetiva. A minha sensação foi que ela estava ali apenas para cumprir um compromisso. Essa situação me deixou desconfortável e, embora tentasse, não consegui “quebrar o gelo”. Logo, sua filha, Alice, chegou, de forma tímida e desconfiada, evitando olhar para mim. Me apresentei para a criança e a convidei para escutar a minha história. Ela disse que gostava de histórias. Então, projetei a NIG na minha tela para que Alice pudesse vê-la e enviei a NI pelo *WhatsApp* para Denise. Após a leitura em voz alta, convidei mãe e filha para darem um desfecho para a história. A mãe se aproximou da filha, convidando-a para completar a história juntas. Assim, elas imaginaram e verbalizaram a história de uma família que estava assustada com o novo vírus e que ainda ficariam mais tempo isolados dentro de

casa. A mãe buscava estimular a filha a imaginar. Na sequência, pediu para Alice desenhar a sua história enquanto ela escrevia a sua. Segue a história da mãe:

“O Governador decretou mais 2 meses de confinamento. A Letícia ficou desesperada, pois teria que continuar agregando as tarefas do lar, o cuidado integral das crianças e as atividades do trabalho. As aulas online demandam dos pais que gerenciem os horários, as pausas e as tarefas gravadas e envio dos deveres de casa nas plataformas da escola. Além disso, têm que preparar a alimentação com ajuda do esposo, atender todas as demandas do trabalho, bem como participar de diversas reuniões e entrega de relatórios. O pai também segue a mesma rotina. Porém, em especial no cuidado com o filho menor, a mãe fica mais sobrecarregada. No entanto, estão gratos pelo privilégio de ter uma casa e recursos para se manterem seguros dentro de casa, sabendo que lá fora as notícias são de muito sofrimento em todos os aspectos. Essa gratidão transborda o coração, e saber que seus filhos estão bem, e que é uma fase ruim que o mundo está passando, ajuda a família a seguir confiante por dias melhores. ”

Alice fez o seu desenho e logo me mostrou. Ela disse que a família toda ficou muito assustada com a notícia do vírus. Não elaborou mais e ficou bastante tempo colorindo seu desenho. No meio da conversa com sua mãe, já na segunda parte da entrevista, ela me mostra o desenho, agora com cor:



Figura 7 - Desenho 1a de Alice, 6 anos.

A mãe lhe pergunta se a família tinha comprado um cachorrinho, apontando para o desenho no canto inferior direito. Alice nega e explica que aquele é o bebê da família. Nós três rimos e neste momento comecei a ter uma percepção diferente de Denise. Ela se mostrou mais presente e eu pude ver o surgimento de um espaço para o relaxamento e a diversão, o que não tinha visto até então.

Pedi para Denise contar sobre as vivências familiares durante a pandemia e isolamento social. Ela começou pela mudança da família para Portugal, há dois anos, realizando o sonho de morar em outro país. A oferta de trabalho surgiu e Denise não pensou duas vezes para aceitá-la, o que se deu com o consentimento do marido, que renunciou ao próprio emprego. Mudou-se, então, com o marido e a filha para um país distante, onde não tinha parentes nem amigos, quase um ano antes do início da pandemia. O marido conseguiu um emprego no novo país, mas é Denise quem parece ter um emprego mais estável e que oferece melhor

remuneração, apesar de ela não ter verbalizado isso explicitamente. Com a mudança de país, emprego e pandemia, Denise passou a trabalhar integralmente de forma remota (*home office*), apesar de no Brasil já realizar parte do seu trabalho nessa modalidade. Desta forma, ela concluiu que não teve que se adaptar tanto e até prefere assim, pois estando em casa o tempo todo consegue organizar melhor o seu tempo de trabalho e, nos intervalos das reuniões, realiza algumas tarefas domésticas e ainda pode auxiliar a filha nas tarefas escolares. O trabalho remoto permite resolver pendências do trabalho após o horário do expediente, o que não seria possível caso estivesse trabalhando no escritório e deixasse o seu computador lá. Fazer comida é a única tarefa que não faz, atribuindo ao marido a função de “*chef da cozinha*”. Nos finais de semana, ele prepara a comida da semana toda e congela. Denise se sente grata por ter um marido prendado, pois ela detesta cozinhar.

Ela prossegue dizendo que, devido à mudança recente para Portugal e à pandemia, ainda não foi possível fazer amizades. Assim, pai, mãe e filha estão confinados e juntos em todas as programações possíveis, como algum passeio ao ar livre e as demais atividades dentro de casa, como trabalho, estudos e entretenimento. Essa nova forma de viver intensificou muito o convívio da família. Pergunto a Denise se a pandemia havia influenciado as relações familiares e sua resposta foi: “*O fato de precisarmos ficar mais próximos fez com que a gente se tornasse mais gratos: gratos pela oportunidade de estarmos mais em família; pelas refeições que podemos fazer juntos; pelos passeios que fizemos juntos. Passamos a ser mais gratos pelos pequenos momentos, anteriormente nem percebíamos o valor deles*”. Inclusive, a família inaugurou uma tradição de registro diário de agradecimentos: todos os dias cada um deles fala pelo menos um motivo de gratidão e registra em um caderno. Ela se volta para a filha e pergunta: “*Não é, Alice?!*”. A filha confirma e sorri para a mãe.

Percebi que Alice ainda estava concentrada em seu desenho. Pedi-lhe que me contasse como era estar em casa o tempo inteiro, sem poder ir para a escola ou passear. Ela me corrige e diz que já está indo para a escola e que “*já tenho muitas amigas e poucas melhores amigas*”. Acrescenta que algumas delas já estão frequentando sua casa para brincar e mostra um novo desenho que acrescentou à sua história, reproduzido abaixo.



Figura 8- Desenho 1b de Alice, 6 anos.

Quando pedi para Alice me contar a história que havia desenhado, ela disse que era uma família que tinha ficado assustada e triste com o vírus, mas que a mãe distribuiu “balões de coração” e todos ficaram felizes. Como já tinha passado uma hora desde o início da nossa entrevista e já era o horário do jantar da família, apresentei à Denise os Termos de Consentimento e o Questionário Sociodemográfico. Solicitei que me enviasse os documentos assinados por e-mail, agradei a colaboração, me coloquei à disposição em caso de necessidade e nos despedimos.

NARRATIVA 6: Aquela vida de antes eu não quero mais, nunca mais

Participantes da entrevista: Sandra, Bruna e Caio			
Configuração da família			
Mãe: Sandra Idade: 40 anos Escolaridade: Pós-graduação Profissão: Administradora	Pai: Danilo Idade: 42 anos Escolaridade: Pós-graduação Profissão: Veterinário	Filha: Bruna Idade: 09 anos Escola: Privada Série: 4º ano	Filho: Caio Idade: 06 anos Escola: Privada Série: 1º ano
Renda familiar: 6-9 salários mínimos			

A essa altura já me sentia tranquila para realizar entrevistas com os participantes agendados. Estava sendo muito interessante conhecer diferentes realidades de famílias e sentia curiosidade e expectativa antes desta entrevista. Assim que aceitei a entrada de Sandra na sala virtual, fui surpreendida pela presença de três crianças uniformizadas, com lápis-de-cor, canetinhas e papéis à mão, bem alinhadas em frente à câmera enquanto eu mal conseguia ver a mãe, Sandra. Tagarelas e risonhas, as crianças ocupavam toda a cena/tela. Aquela animação toda me empolgou, mas fiquei um pouco preocupada com a condução de uma entrevista *online* com tanta gente. Eu me via diante de três alunas que, no contexto de uma aula *online*, aguardavam a tarefa a ser comunicada pela professora. Logo após me apresentar, pedi para que as crianças se apresentassem, pois eu estava esperando duas crianças e não três. Após as apresentações, descobri que Bianca era uma colega de escola de Bruna que estava lá para participar. Diante da situação inesperada, decidi permitir que a menina participasse, embora soubesse que teria que descartar seu material pela falta do TCLE do responsável para a sua efetiva participação.

Como as crianças estavam bastante exaltadas, senti necessidade de logo projetar a NIG a fim de envolvê-las na entrevista. Expliquei que tinha uma história em quadrinhos para lhes

mostrar e iniciei a projeção. Enquanto a NIG carregava e abria a projeção na tela, combinei com Sandra de enviar a NI para seu *WhatsApp*. Após a leitura da NI em voz alta, convidei a todos para que dessem um desfecho àquela história. Logo que as crianças iniciaram seus desenhos, pediram-me para deixar a NIG na tela para que pudessem desenhá-la, competindo para saber quem desenhava melhor a personagem Letícia. Enquanto escrevia sua história, Sandra interrompia sua escrita, de tempos em tempos, para chamar a atenção das crianças pedindo que se concentrassem no “*objetivo da tarefa*”.

As crianças se dedicaram longamente aos desenhos, apostando quem deles iria fazer o desenho e o colorido mais bonitos. Quando Sandra terminou sua história, leu-a em voz alta:

–Pai! Os casos de Covid-19 estão aumentando no Brasil e na nossa região. Os hospitais estão lotados e vamos ter que ficar mais tempo sem irmos para a escola.

Pedro ouviu Letícia falar e ficou pensativo. Por um momento, a saudade dos amigos ficou enorme e ele queria ir para a escola. Mas, por outro lado, ele ficou feliz, porque ele gostava muito de ficar em casa com seus pais e irmãos e, principalmente, com os seus brinquedos e TV.

Letícia ficou assustada. Ela sempre lidou bem com as aulas online, mas sentia saudades dos amigos e da escola e essa notícia a deixou com muito medo e ansiosa.

– Mãe! E se eu pegar Covid e morrer? E se alguém da nossa família morrer? – Perguntou Letícia.

Depois desse dia a família resolveu não mais assistir ao jornal quando as crianças estivessem por perto. Letícia sempre chorava e achava que poderia estar com Covid-19. A mãe curtia poder ficar mais em casa com os filhos e esposo, mas estava extremamente preocupada com a empresa e os negócios... e com Marcelo que estava antissocial, pois passara mais da metade da vida em casa. O pai se preocupava, mas aproveitou mais o tempo para curtir mais a casa, os filhos e a esposa.

Depois de vários meses as coisas foram melhorando e as aulas presenciais foram retomadas. Pedro e Letícia voltaram para a escola e mataram a saudade dos amigos. Porém,

o processo de readaptação à escola foi bastante complicado e tiveram que aprender a lidar com o “novo” normal.

Após sua leitura, Sandra explica que havia descrito o que de fato viveram e estavam vivendo em família. Pedi, então, que me falasse sobre aquela experiência. Sandra inicia seu relato pela vida profissional. Ela é administradora e três meses antes da pandemia abriu seu próprio negócio: uma escola profissionalizante. Ela sempre trabalhou em período integral fora de casa, mas como gestora da nova escola o trabalho aumentou ainda mais. O marido também sempre trabalhou em período integral fora de casa. Esse estilo de vida do casal fez com que os filhos fossem para a creche, também em período integral, desde os três meses e meio de vida. Com a pandemia Sandra e o marido passaram a trabalhar em casa, cujo espaço se mostrou insuficiente para comportar dois adultos trabalhando em *home office* e duas crianças estudando em casa. A adaptação a essa nova realidade foi muito desafiadora para a família, principalmente a divisão do espaço da casa. Segundo Sandra, a varanda virou sala de aula para Bruna; a sala de estar, ambiente de trabalho para o marido, enquanto ela e Caio tinham que revezar qualquer outro espaço disponível da casa, desde que não atrapalhasse o pai e a filha. A mãe precisou adaptar o horário de suas reuniões para períodos em que o filho não estivesse em aula, pois dividiam o mesmo computador. Bruna ganhou um computador da tia, mas por um bom tempo assistiu aulas pelo *tablet*.

Perguntei para Sandra como ela estava se sentindo com essa nova rotina e ela me disse que não estava acostumada com essa rotina familiar e doméstica tão intensa. Revelou que nunca havia feito almoço durante a semana, pois ninguém almoçava em casa. Agora, cozinhar todos os dias para todos virou rotina necessária. Além disso, ela relata que precisou abrir mão de algumas regras da casa, como por exemplo, evitar que os filhos passem tanto tempo na televisão ou *tablet*. Precisou se render e incorporar as horas de TV e jogos eletrônicos na rotina dos filhos, principalmente do filho mais novo, pois o seu horário de aula *online* era muito curto e deixá-lo entretido com os eletrônicos foi uma forma possível de poder trabalhar sem interrupções frequentes.

Sandra associava livremente, quase não sendo necessária minha intervenção. Tive a impressão de que ela encontrou naquela entrevista um espaço seguro para compartilhar suas vivências. Ela prosseguiu contando-me que, além da adaptação da rotina familiar imposta pelo isolamento social, a família também passou por uma *“crise psicológica importante”*, e o medo do adoecimento pelo vírus assolou a família, principalmente Bruna. Antes que prosseguisse, perguntei se estava confortável para entrar naquele assunto, já que as crianças estavam presentes, embora concentradas em seus desenhos. Ela se voltou para a filha e perguntou se ela gostaria de me contar o que havia sentido por um tempo. Bruna concordou rapidamente e contou que por um bom tempo *“sentia dores no estômago”*, colocando a mão na barriga para me mostrar onde era a dor, *“mas agora eu já estou melhor, sem dor, mas ainda tenho medo de pegar o vírus”*. Sandra acrescentou vômitos e crises de ansiedades ao relato da filha, sintomas que na falta de razão orgânica os levou a buscar ajuda psicológica para toda a família. Quando perguntei sobre os motivos do atendimento familiar, Sandra explica que, de certa forma, todos foram acometidos pelo medo. Fazia dois meses que estavam sendo atendidos quinzenalmente na modalidade de psicoterapia familiar, além de acupuntura semanal, e já percebeu melhora significativa. Fiz o seguinte comentário: *“Puxa, uma onda de crise chegou até vocês, mas me parece, então, que está passando...”*. Sandra responde que o período de isolamento foi marcado por ondas de crises: a primeira foi o confinamento da família; a segunda foi o medo da contaminação e a terceira foi a readaptação das crianças à escola presencial. Ela, então, reflete que a cada uma dessas crises, a família precisou se adaptar e buscar soluções.

Em contrapartida, Sandra reconhece que a pandemia permitiu que vivessem de uma forma que antes não era possível pela rotina que tinham: o tempo agora é suficiente para fazerem refeições juntos, conversarem mais, cuidar da casa e estar mais presente na vida dos filhos. Ela aprendeu a conviver com a casa mais tumultuada de pessoas e brinquedos, o que antes a irritava bastante porque tem *“TOC de arrumação e organização”*. E conclui: *“Eu aprendi a conviver com as diferenças entre as pessoas da minha família e tudo bem o brinquedo ficar*

um tempo maior fora do lugar. Eu sinto que eu estou mais desacelerada e se olho para trás, me pergunto como era possível viver aquela vida tão intensa”.

Perguntei a Sandra como ela pensava que seria quando a pandemia acabasse e ela disse: *“aquela vida de antes eu não quero mais, nunca mais”*, se referindo à rotina intensa. Há duas semanas vendeu a sua parte da empresa (escola profissionalizante) e agora o seu tempo está totalmente dedicado à casa e aos filhos. Ela pretende trabalhar, porém não mais em período integral nem com tantas responsabilidades, como sempre foi desde que começou a vida profissional. Além disso, decidiu tirar os filhos do período integral da escola, pois deseja continuar participando mais ativamente desta fase da vida deles. Ela percebe que não teria sido possível viver esta nova experiência não fosse a *“crise do isolamento social”* e o intenso convívio familiar que gerou. A crise foi a oportunidade para várias descobertas sobre si mesma: o gosto de cuidar da casa, dos filhos e do marido. Assim ela sente que está cuidando de si mesma.

Eu estava tão envolvida com a história de Sandra que mal percebi que as crianças haviam saído da tela. Após o extenso relato de Sandra, agradei sua participação e comentei sobre a saída das crianças e o fato de não ter conversado com elas. Sandra, então, chamou os filhos e logo eles vieram, cheio de energia como antes. Ela pediu que me mostrassem seus desenhos e assim o fizeram.



Figura 9 - Desenho de Bruna, 9 anos.

Pedi que Bruna falasse sobre seu desenho. Ela explica que desenhou Letícia dizendo ao pai que os restaurantes tinham fechado por causa da pandemia e que a mamãe trabalhava em um restaurante. Bruna saiu de cena e voltou correndo para brincar com a amiga Bianca. Na sequência apareceu Caio, que me mostrou o seu desenho, mas nada falou sobre o desfecho que havia imaginado para a história.

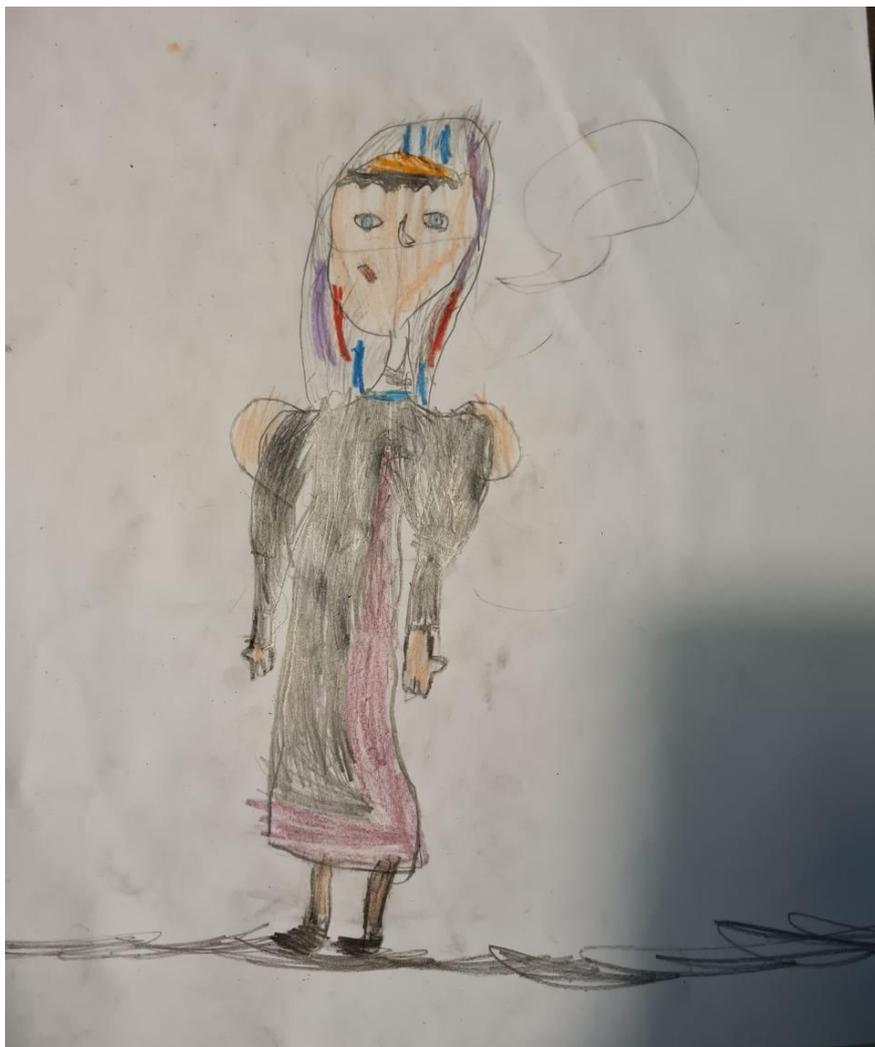


Figura 10 - Desenho de Caio, 6 anos.

Sandra disse: *Não sei se você vai conseguir aproveitar alguma coisa desses desenhos (risos)*. Ri, mas fiquei com a mesma dúvida sobre a participação das crianças; primeiro, porque achei que não tinham entendido a proposta da NIG e, segundo, porque estavam muito excitados com a presença da amiga de Bruna e podem ter se distraído.

Agradei a Sandra pelo tempo e por ter compartilhado tanto. Combinamos que ela me enviaria os Termos de Consentimento e Questionário sociodemográfico assinados por *e-mail*. Senti-me cansada ao final da entrevista.

NARRATIVA 7: A mãe é a maetrina

Participantes da entrevista: Lúcia, Daniel, Lina e Laura

Configuração da família

Mãe: Lúcia Idade: 39 anos Escolaridade: Ensino Médio completo Profissão: Assistente administrativa	Pai: Leandro Idade: 39 anos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Administrador de empresas	Filho: Daniel Idade: 10 anos Escola: Privada Série: 5º ano	Filha: Lina Idade: 08 anos Escola: Privada Série: 3º ano	Filha: Laura Idade: 05 anos Escola: Privada Série: Pré-II
Renda familiar: + 9 salários mínimos				

Esta foi minha última entrevista agendada e estava na expectativa de conhecer a Lúcia e seus três filhos. Conciliar nossos horários foi um pouco custoso, uma vez que Lúcia só poderia realizar a entrevista às quartas-feiras pela manhã, quando eu tinha aulas do mestrado. Após alguns reagendamentos, finalmente conseguimos nos conhecer via *Google Meet*.

Quando iniciamos a vídeo-chamada, Lúcia estava só. Era bem cedo, as crianças tinham acabado de acordar e estavam terminando o café-da-manhã. Logo chegou Laura, a filha mais nova, de pijama e sonolenta, sentou-se no colo da mãe e se aninhou. Tentei conversar com ela, mas nada respondia. Logo conheci Daniel, o filho mais velho. Já estava disposto e sorridente. Senti falta de Lina e, ao perguntar por ela, Lúcia explica: “É a filha mais difícil, ela não virá”. Me apresentei a todos e os convidei para escutar uma história. Logo projetei a NIG para as crianças e enviei a NI ao celular da mãe. No meio da leitura em voz alta da NI, fui interrompida pela presença de Lina, que devagarinho foi se juntando a nós. Quando terminei a história, Lúcia decidiu reler para a filha que chegou depois. Leu de forma calma e pausada enquanto Lina prestava bastante atenção. Aguardei o término da leitura e convidei a todos para completarem aquela história: “O que vocês acham que aconteceu com essa família?”

Quem quiser pode desenhar, escrever ou me contar. ” As crianças logo pegaram folhas e lápis-de-cor e começaram a desenhar. A mãe escreveu sua história assim:

– *“O número de mortes já ultrapassa todos os recordes e esta pandemia já ganha em mortes de todas as outras já registradas”, disse Letícia.*

– *Como pode ser se já temos grande parte da população mundial vacinada? Perguntou o pai.*

– *Ao que tudo indica, as variantes são mais rápidas que as atualizações das vacinas e vamos ter mesmo que conviver com este vírus para sempre, completou a mãe.*

– *Seria uma seleção natural da humanidade, visto que algumas pessoas mesmo em contato com o vírus parecem não pegar o mesmo?! Refletiu o pai”.*

Laura foi a primeira a finalizar o seu desenho e me mostrou:

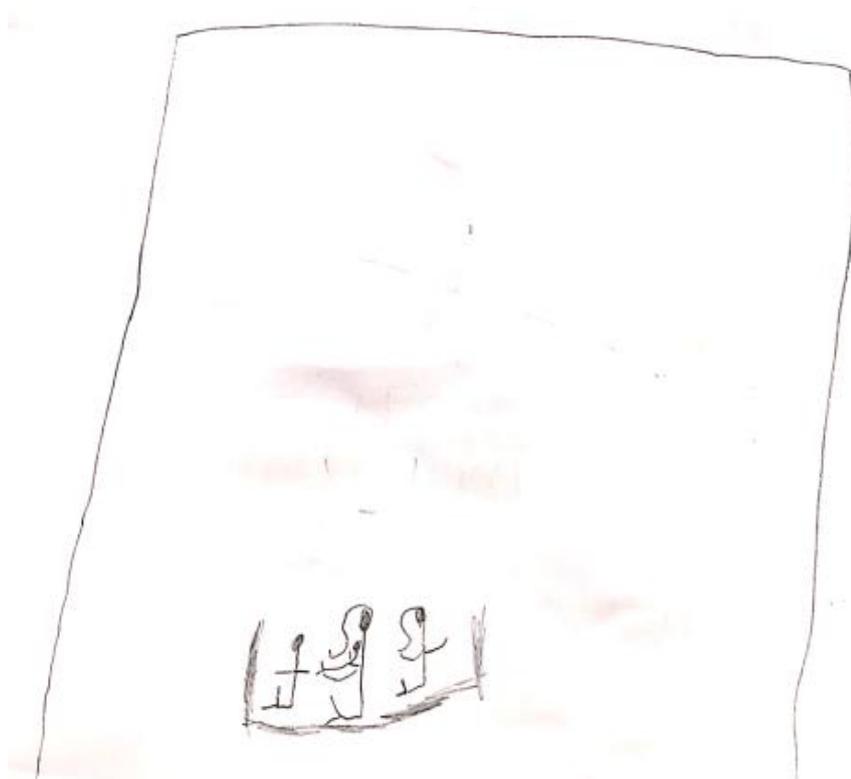


Figura 11 - Desenho de Laura, 5 anos.

Perguntei o que ela havia desenhado e ela disse que era a família no cinema. Lúcia logo conta que a filha ama cinema. Está com saudades e não vê a hora de poder ir ao cinema com a família.

Lina reproduziu parte da NIG e disse que a família recebeu a notícia que as “coisas” (sic) começaram a abrir novamente e que as crianças voltariam para a escola:



Figura 12 - Desenho de Lina, 8 anos.

Lina contou-me que foi muito difícil não poder ir para a escola, nem ver os amigos e passear. Sentia muita saudade e estava feliz de, finalmente, poder voltar para a escola, já que as condições sanitárias da cidade em que eles moram já permitia esse retorno.

Daniel desenhou uma mãe surpresa com a notícia que a pandemia tinha acabado e que as coisas voltariam ao normal:



Figura 13 - Desenho de Daniel, 10 anos.

Daniel revelou que sentiu muita falta da escola, e que agora está mais feliz por poder voltar a ver seus amigos. Disse que também gostou muito de ter ficado em casa, pois foi legal ter os pais e as irmãs por perto o tempo todo. Ele mencionou as sessões de cinema que fizeram juntos e a caminhada da família. Eu fiquei surpresa com sua resposta, principalmente com o que ele chamou de “*caminhada da família*”. Pedi, então, que me falasse mais sobre isso, mas foi a mãe quem deu mais detalhes: “*A gente começou a andar nas ruas do bairro, pois precisávamos sair um pouco. Acabou que a gente começou a ir todos os dias e se tornou quase que um ritual, sabe?! A gente sempre faz o mesmo caminho e, pela frequência, as crianças começaram a reparar nas árvores do caminho e a nomeá-las de acordo com suas características...tinha a cacheadinha, a peladinha... Foi interessante, porque eles começaram a observar e perceber as diferenças entre as árvores e entre as estações do ano. Eles iam pelo caminho falando assim: daqui 10 passos vamos chegar na árvore tal...*”. Achei tão valiosa essa descrição que comentei: “*Puxa, que legal! Vocês encontraram novas formas de interagir*”

e acabaram descobrindo coisas que nem percebiam antes”. Lúcia confirma e passa a me contar as vivências da família no período de pandemia.

Ela define que este foi um período “*bem puxado*” porque a pandemia acelerou os negócios do casal e a demanda de serviços triplicou. Há três anos, o casal abriu sua própria empresa de Harmonização Facial onde vendem produtos e aulas *online*. A adaptação ao trabalho remoto não foi, portanto, necessária. Se da perspectiva financeira, pondera Lúcia, “*a pandemia foi maravilhosa para a nossa família*”, porém a rotina familiar tornou-se um grande desafio. Lúcia precisou conciliar escola *online* para as três crianças e cuidar das entregas das atividades de cada um deles. Ela, que foi sempre uma mãe presente em reuniões de pais, organizada e atenta às tarefas escolares dos filhos, no período de pandemia se sentiu “*perdida*”, devido ao acúmulo de tarefas.

Lúcia costumava trabalhar no período da manhã, quando as crianças estavam na escola, enquanto as tardes eram reservadas para levar e buscar as crianças em muitas outras atividades, como natação, futebol, inglês, música etc. Naquela época, voltavam tarde para casa, por volta das 21 horas, quando começavam a se preparar para dormir para no dia seguinte retomar essa rotina. Quando a pandemia chegou, todas as atividades foram suspensas e as crianças passaram a ficar integralmente em casa. Perguntei como tinha sido essa adaptação. Lúcia reconhece que foi bastante difícil, pois não estavam acostumados e isso foi trazendo tristeza, principalmente ao filho Daniel, que, segundo a mãe, ficou bastante deprimido.

Ainda durante o período de pandemia, Lúcia decidiu iniciar uma formação em Educação Parental, pois tem planos profissionais para além da empresa. Fiquei me perguntando o motivo dessa escolha naquele momento em que a rotina intensa e a falta de tempo foram indicadas como os principais desafios vividos. Decidi perguntar: “*Uma decisão dessas em um momento tão intenso na sua vida...*” Ela responde rindo: “*Pois é ... a gente vai inventando cada coisa, né?!*” Mas justifica: “*A maternidade me reinventou, sabe?! Eu nunca fui aquela mulher sonhadora e romântica com a maternidade. Eu queria ter filhos, sim, mas este não era o meu objetivo de vida. Quando eu me tornei mãe eu percebi que essa função me cabia e*

sentí gosto nisso". Foi daí que lhe surgiu a vontade e a ideia de se formar como educadora parental e trabalhar nessa área. Lúcia demonstrou empolgação com o curso e confessa que está aplicando algumas ideias advindas do curso na própria família, como por exemplo, a construção de um *"cartaz dos sonhos e desejos"*, onde todos escrevem seus sonhos e podem se conhecer mais um ao outro e, quem sabe, realizar alguns daqueles sonhos. Perguntei sobre o que já tinha nesse cartaz e ela respondeu: *"Ah, tem de tudo... desde passear com a cachorrinha, um abraço na avó até passeio para a Disney"* (risos). Criaram outras atividades que também se tornaram rotina: assistir filmes da juventude dos pais, que virou a sessão de *"filmes em família"*; a *"noite da música"*, quando o pai e as crianças tocam e todos cantam; ligações de vídeo com os parentes que duravam algumas horas.

Perguntei a Lúcia sobre o marido e se ele também participava de toda essa rotina e atividades. Ela disse que sim e que ele está aprendendo a realizar tarefas domésticas, *"coisa que ele nunca tinha feito na vida... tá sendo difícil, viu?!"*. Eu exploro o tema: *"Ah é? Me fala mais sobre isso"*. Ela disse que ela precisa *"orquestrar"* (sic) e ensiná-lo: *"eu fico lá indicando o que ele precisa fazer e como fazer... isso me cansa muito, mas ele pede para eu ter paciência com ele, pois ele nunca havia feito essas coisas e agora ele quer ajudar. É ótimo que ele ajuda, mas é cansativo"*. Lúcia esclarece que as crianças já retomaram as aulas presenciais, mas em regime de alternância: semana sim, semana não. Como nem sempre coincidem as semanas em que os três filhos terão aula, fica mais difícil conciliar as tarefas domésticas com as profissionais.

Sobre os planos da família para o período pós-pandemia, Lúcia e o marido estão repensando as atividades das crianças e concluindo que nem todas serão retomadas. Quando pergunto sobre o que gerou essa reflexão, ela diz que a experiência que viveram durante a pandemia fez com que descobrissem novas possibilidades e pretendessem cultivar mais os momentos juntos do que as atividades individuais.

Como as crianças já tinham saído, agradei a Lúcia por seu tempo e disponibilidade de compartilhar experiências e me coloquei à disposição para outro encontro, caso ela quisesse. Combinamos que me enviaria por e-mail os Termos de Consentimento e o Questionário

sociodemográfico preenchidos e assinados, bem como os desenhos das crianças. Nos despedimos.

4. DISCUSSÃO

Este estudo que visou compreender como as famílias entrevistadas foram afetadas pela pandemia de Covid-19 apontou para as encruzilhadas formadas, por um lado pelo cenário de crise que se instalou para todos nós, por outro pelos recursos que cada indivíduo, família ou sociedade lançou mão para sobreviver às invasões ambientais. Sabemos que cada família tem seu modo singular de lidar com desafios, conquistas e conflitos, o que também é afetado por seu contexto de vida, o que nos faz supor que, ainda que não possamos generalizar nossos achados, podemos aprender com esses diferentes modos de ser família.

O material de pesquisa produzido a partir das entrevistas realizadas com mães e filhos, tanto pelas NI, NIG e NT, foi o ponto de partida para a análise interpretativa das dimensões inconscientes das condutas familiares, as quais nomeamos de sentidos afetivo-emocionais e que permearam as vivências dos participantes durante a pandemia de Covid-19. Discutimos os achados em dois campos de sentidos: “Invasões ambientais à família” e seus dois subcampos “Medo, luto e adoecimento” e “Tudo junto e misturado”; “A família na linha de frente” e seus dois subcampos “Unidos sobreviveremos” e “Desligando o piloto automático”.

Nesta seção apresentamos reflexões e interpretações que nos pareceram relevantes em termos do avanço do conhecimento sobre a experiência humana em tempos de crise. Reconhecemos o recorte estratégico que orientou a produção de material vivencial associado a contextos críticos e as limitações que ele possa ter acarretado, bem como a possibilidade de inúmeras outras interpretações, conforme o olhar de cada pesquisador, característica intrínseca às pesquisas qualitativas mas nem por isso destituídas de valor.

A fim de compreender os sentidos afetivo-emocionais que revestem a experiência de cada participante desta pesquisa, recorreremos à produção científica atual bem como à teorização winnicottiana a respeito do papel fundamental que o ambiente desempenha no processo de continuidade do ser (Winnicott, 1968/1999), assunto com o qual inicio esta seção.

4.1 O papel do Ambiente na Continuidade de Ser

Tomaremos os ensinamentos de Donald W. Winnicott (1896/1971) a respeito da fundamental importância do ambiente no processo de amadurecimento emocional e da continuidade do ser para pensarmos as vivências familiares aqui representadas por mães e filhos entrevistados, sobre o pano de fundo de um cenário de crise deflagrado pela pandemia de Covid-19.

Instigado por suas observações na clínica pediátrica a respeito dos processos de desenvolvimento infantil que apontava, sobretudo, para vivências emocionais bastante primitivas, Winnicott (1945/2000) teceu as bases da teoria do Desenvolvimento Emocional Primitivo, que se tornou central em seu pensamento e norteou sua prática clínica. Essa teoria se fundamenta na premissa de que o processo de amadurecimento emocional depende de dois fatores essenciais: a tendência inata à integração e um ambiente facilitador. Para o autor, o “estado de unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano” (Winnicott, 1984/1999, p. 47). Entretanto, para que essa tendência inerente ao ser humano se realize, é necessário que um ambiente facilitador forneça cuidados suficientemente bons que sustentem e facilitem os processos de amadurecimento (Winnicott, 1983). Esses dois fatores operam juntos na constituição do *self* e no senso de continuidade existencial, jornada esta que se inicia nos primórdios da vida intrauterina e se estende até a morte do indivíduo.

O sentido do processo maturacional parte de um estado de dependência absoluta, alcança a dependência relativa e ruma para a independência, mas para isso conta com um ambiente facilitador. Esse ambiente é, nos primeiros estágios, representado pela “mãe suficientemente boa”⁷, ou por um substituto, já que o bebê “precisa de um ordenamento do entorno para sua sobrevivência psíquica (e de outras naturezas)” (Franco, 2003, p.39). Posteriormente, a

⁷ Conceito winnicottiano que indica a essencial adaptação ativa da mãe, que a torna capaz de suprir as necessidades físicas e emocionais de seu bebê, condição necessária para o desenvolvimento emocional da criança (Winnicott, 1956/2020).

disponibilidade materna passa a ser representada, em consonância com o estágio do amadurecimento e as suas necessidades, por outros, como o pai, a família extensa e os grupos sociais. Assim, considera-se que a constituição subjetiva do indivíduo se dá no interior das relações (Dias, 2003).

Embora a teoria winnicottiana tenha se estruturado em torno dos estudos sobre o desenvolvimento emocional primitivo, é um sistema que permite compreender o viver humano, que está ancorado nas condições constituintes do indivíduo e nas relações ambientais nas quais ele está inserido, conforme salienta Mello Filho (2003). Também Dias (2003) reconhece o papel estruturante das experiências vividas na primeira infância.

A teoria do amadurecimento constitui, portanto, horizonte teórico necessário para consideração e compreensão dos fenômenos humanos com que nos deparamos na clínica. Segundo essa teoria, qualquer fenômeno que queiramos considerar, na doença ou na saúde, só pode ser devidamente apreciado se levarmos em conta todo o processo de amadurecimento do indivíduo, desde os estágios mais primitivos (...).” (Dias, 2003, p.103).

Sabemos que o primeiro ambiente social que acolhe o recém-nascido costuma ser a família e que o modelo em que Winnicott se baseou era o da família nuclear. Nessa perspectiva, o desenvolvimento emocional de cada um dos membros de uma família adquire um papel central na oferta de um ambiente facilitador ou prejudicial para o crescimento pessoal de todos. Nas palavras de Bomfim e Barbieri (2020), “os fatores de integração da família têm como base a condição de seus membros, as relações estabelecidas com a sociedade e seu desejo de fundar e compor uma família, seja por parte de cada um dos pais ou da criança” (p.30).

Para Winnicott (1965/2005), “cada membro da comunidade adulta está em processo de crescimento, e permanecerá assim, esperamos, ao longo de toda a sua vida” (p.40) e contribuirá para o estabelecimento e manutenção da unidade familiar. Se a família constituir-se como ambiente facilitador para o amadurecimento emocional dos seus membros, a

preservação da família enquanto ambiente de cuidado dependerá da qualidade do contexto social em que vive. É por essa razão que não podemos tomar uma determinada experiência familiar como dissociada de sua rede de apoio (Aching & Granato, 2018) de sua condição socioeconômica (Aching & Granato, 2016), do preconceito que enfrenta (Ribeiro & Granato, 2021), de sua saúde mental (Carias & Granato, 2021), das políticas públicas que favorecem sua manutenção (Bonfatti & Granato, 2021) dentre outros fatores.

Ora, precisamos levar em consideração que a saúde e o bem estar individual e familiar não estão isentos de possíveis perturbações que advêm de instabilidades da provisão ambiental, intrafamiliar e extrafamiliar. O ambiente, quando não se faz facilitador, é capaz de dificultar ou, até mesmo, comprometer as conquistas criativas dos indivíduos rumo à realização pessoal e pode, inclusive, ameaçar com a desintegração da unidade familiar. É neste sentido que tomamos a pandemia de Covid-19, como cenário de falha ambiental extrafamiliar que afetou drasticamente as vivências familiares, pelo caráter emergencial das mudanças sociais que determinou e pela adaptação repentina que exigiu das famílias sem tempo para se prepararem nem previsão de quanto ia durar.

Nesse contexto pandêmico, pontuado por demandas de adaptação imediata, perdas em múltiplas dimensões do viver, medos primitivos reativados e as defesas e recursos por eles mobilizados, supomos que cada família respondeu ao cenário de crise a seu próprio modo, ou do modo que lhe foi possível. Imaginamos, com este estudo, poder iluminar a experiência singular de cada família entrevistada durante a pandemia de Covid-19 em termos do que perderam, do que ganharam ou do que aprenderam, conhecimento este que nos poderá ser útil no futuro quando formos novamente desafiados por contextos dramáticos como este.

4.2 Campo 1: Invasões Ambientais à Família

A crise sanitária que assolou o mundo em 2020-2021 desencadeou uma série de medidas de controle que se fizeram sentir a nível individual e coletivo, tais como as quarentenas e os

lockdowns; medidas de contenção, como o distanciamento social, o uso de máscaras e o fechamento de estabelecimentos não essenciais; medidas de prevenção, como o desenvolvimento de vacinas contra o novo coronavírus e medidas de tratamento e cuidados a serem realizados na rede de assistência à saúde e nas próprias residências dos afetados ou dos casos suspeitos. Entendemos que, a despeito das especificidades de cada país, esse novo contexto de crise afetou todas as pessoas e famílias, constituindo-se em uma pluralidade de falhas ambientais ou invasões da realidade, conforme a teorização winnicottiana. Nas palavras de Carias et al. (2021), “a falha ambiental é toda situação humana que interrompe a continuidade de ser de indivíduos e/ou coletivos. Ela pode se manifestar como falta, excesso ou instabilidade no atendimento das necessidades básicas das pessoas” (para. 38).

No decorrer dos encontros com os participantes e em suas produções narrativas, foi possível identificar como as famílias foram afetadas. Tal constatação se alinha aos achados de estudos realizados em diferentes culturas sobre os desafios enfrentados no âmbito familiar, por ocasião da pandemia de Covid-19 (Alcalá et. al., 2021; Lee et al., 2020; Lian e Yoon, 2020; Silva et al., 2020; Schimid et al., 2021; Sabah et al., 2021; Shibusawa et al., 2021; Kracht et al., 2021; Westrupp et al., 2021). Discutiremos, portanto, as invasões ambientais sofridas pelas famílias a partir de dois subcampos: “Medo, luto e adoecimento” e “Tudo junto e misturado”.

Subcampo 1: Medo, Luto e Adoecimento

Neste sub-campo, encontramos os sentidos afetivo-emocionais que decorrem do risco de contrair a doença que, além de desconhecida, já se mostrou tão contagiosa quanto fatal. Reconhecemos nas entrevistas realizadas que além do medo do contágio, o *luto* pelas vidas perdidas e o sofrimento decorrente do *adoecimento* físico e/ou psíquico foram apontadas como consequências igualmente impactantes no cenário pandêmico e que invadiram sobremaneira a vida das pessoas.

Ornell et al. (2020) concluem que o número de pessoas afetadas em termos de saúde mental é maior que o número de pessoas infectadas pelo vírus e que as consequências do acometimento mental tendem a durar mais tempo que as da própria pandemia. Além disso, os mesmos autores discutem que ainda que o medo seja um mecanismo de defesa normal, pode evoluir para um transtorno psiquiátrico quando se torna crônico ou se apresenta como uma reação desproporcional à realidade. Durante uma pandemia, o medo pode aumentar os níveis de ansiedade em indivíduos saudáveis, além de intensificar os sintomas daquelas pessoas com transtornos psiquiátricos pré-existentes (Ornell et al. 2020). Asmundson (2020) discute o impacto da coronafobia na saúde mental e que tem sido estimulada tanto pela ameaça que o vírus representa em termos de contaminação, adoecimento e possibilidade de morte, quanto pelas incertezas sobre os desdobramentos da pandemia.

Esse clima emocional permeou, em maior ou menor grau, todas as nossas entrevistas, como era de se esperar em situação de pandemia como a que estávamos vivendo. A participante Alessa, por exemplo, expressou intenso medo de que sua família fosse contaminada pelo vírus. O temor era tanto que chegou a ficar “descompensada” (sic), devido às excessivas exigências de cuidado e higiene que colocou para si e para a família. Ela preferiu se responsabilizar pelas saídas para compras no supermercado, padaria e farmácia, para poupar o marido e a filha da exposição ao vírus. Tamanho era o medo de perder seus entes queridos e seu lugar de esposa e mãe, que Alessa se fez escudo para a família colocando-se à linha de frente no dia a dia. Tal posição defensiva foi sentida logo no início do encontro. Séria e de poucas palavras, Alessa parecia desconfiada como se analiticamente ponderasse sobre a segurança daquele ambiente instaurado pela pesquisa. Da mesma forma, tal postura se revelou na NI, quando descreveu detalhadamente um protocolo para evitar aglomerações nas saídas de casa:

As saídas serão permitidas de acordo com o número de identidade da população, os com final de 0 a 2 às segundas, os de final 3 e 4 às terças, os de final 5 e 6 às quartas, os de final 7 e 8 às quintas e os de final 9 às sextas (NI - Alessa).

A necessidade de uma tamanha rigidez é questionada, em sua NI, pelo personagem-pai que manifesta seu desconforto com a severidade das medidas e minimiza seu caráter dramático, mas que não encontra eco na resposta da personagem-mãe: *"Para a proteção da vida, será necessária uma medida mais rígida"* (NI - Alessa).

Corroboramos os achados de Aiello-Vaisberg et al. (2020) sobre o sofrimento materno durante a pandemia, em especial o campo de sentido afetivo-emocional "Fazendo tudo e mais um pouco" com a conduta de Alessa, a qual parece revelar "a fantasia de que a mãe deve se ocupar de todas as atividades domésticas, profissionais e familiares durante o isolamento, para evitar o contágio de sua família pelo coronavírus", conforme concluem Aiello-Vaisberg et al. (2020, pp. 8-9).

Podemos notar que o medo também afetou a família da participante Débora, quando ela contou sobre sua experiência de estar gestante durante a pandemia de Covid-19 e o medo de ser contaminada pelo vírus no hospital. Embora não tenha sido contaminada na ocasião do parto, Débora permaneceu internada devido a complicações no pós-parto, enquanto a filha recém-nascida voltava para casa, o que nos faz supor o prolongamento do sentimento de insegurança, não só pelo distanciamento da filha mas também pelo risco de contágio pelo novo vírus. A partir de uma revisão integrativa de literatura, Silva et al. (2021) expuseram os resultados do impacto da pandemia de Covid-19 na saúde mental de gestantes e puérperas. Os achados revelaram que essas mulheres estão lidando com distúrbios psicológicos, tais como ansiedade e sintomas depressivos, de uma maneira mais intensa se comparado a períodos pré-pandemia, uma vez que se somam às mudanças e adaptações já esperadas na gravidez, efeitos secundários provocados pela pandemia. Na NI de Débora, podemos identificar uma mãe desolada diante da falta de solução para a nova doença:

Sua mãe chorando com olhar perdido (...) A mãe senta no chão para conversar com Pedro, e lhe explica que é uma doença nova a qual as pessoas não sabem como curar. Ela diz: sabe quando temos gripe e tomamos remédio para dor e febre e passa? Então, para essa doença, não se sabe o que tomar.

Ava, filha de Maya, também inclui em sua NIG uma família apavorada com a gravidade da Covid-19 a qual encontrou expressão na figura de um médico que contraiu a doença e morreu, rompendo, talvez, sua crença no poder do médico contra o vírus, e instaurando uma vivência de desamparo. Sua mãe também se mostrou insegura quanto ao retorno da filha ao ensino presencial e, assim como Alessa, proibiu que a filha retornasse. A NI de Maria comunica sua preocupação com o adoecimento de seus entes queridos enquanto sua filha Victoria representa o medo por um vírus grande e assustador que amedronta a mãe. Também a NIG de Alice sugeriu medo e tristeza permeando a experiência familiar, ao mesmo tempo que contava com a proteção do amor materno, representado graficamente pelos balões em formato de coração. Neste ponto recorreremos a Winnicott (1949/1999) sobre a capacidade da mãe oferecer um ambiente confortável e seguro estar associada ao seu próprio amadurecimento emocional. Os balões de Alice, por nós traduzidos como cuidado materno, nos soam como memória inconsciente infantil acerca dos cuidados recebidos de uma mãe que em estado de “preocupação materna primária”⁸, pode satisfazer as necessidades básicas da criança. Em consideração à presença materna no tempo, Dias (2003) elabora que:

O primeiro sentido do tempo, no mundo subjetivo, é o da continuidade da presença, que se instaura pela experiência repetida da presença da mãe, de sua permanência, da continuidade dos cuidados que lhe apresentam continuamente o mundo. O bebê não sabe da existência permanente da mãe, mas sente os efeitos da presença e, vagorosamente, criando uma memória dessa presença, conta com isso (p.197).

Ainda sobre os impactos psicológicos da pandemia sobre o bem estar familiar, não podemos deixar de considerar que algumas das crianças participantes desta pesquisa foram diretamente afetadas por angústias resultantes do medo do adoecimento e da condição de isolamento social. Lúcia percebeu que, à medida que o tempo avançava e as atividades escolares continuavam suspensas, o filho Daniel foi apresentando tristeza e ficou deprimido.

⁸ Conceito winnicottiano que se refere a um estado psicológico materno que se inicia no final da gestação e perdura até algumas semanas após o nascimento, em que a mãe, quando identificada com o seu bebê, torna-se sensível e, portanto, apta a satisfazer as necessidades físicas e emocionais do filho (Winnicott, 1956/2000).

Maria, mãe de Victoria, notou que a filha estava mais triste e chorava sem razão aparente, o que foi amenizado quando a criança foi presenteada pelos seus pais com uma gatinha com o objetivo de lhe fazer companhia. Bruna foi outra criança participante da pesquisa que manifestou intenso sofrimento associado ao medo de contágio pelo vírus, apresentando sintomas psicossomáticos, como dores de estômago, vômitos e crises de ansiedade. Esse cenário de sofrimento psíquico infantil durante a pandemia de Covid-19 foi estudado por Zengin et al. (2020) e por Wang et al. (2020) os quais concluíram que as mudanças de rotina no estilo de vida, tais como sono, alimentação, atividades sociais, aumento do uso de telas, bem como o medo da contaminação pelo vírus impactaram significativamente dado o aumento dos níveis de ansiedade em crianças.

Subcampo 2: Tudo Junto e Misturado

No decorrer dos encontros com os participantes e suas narrativas, tornou-se evidente que com a preconização do *lockdown* e isolamento social, as atividades escolares e laborais tiveram que ser desenvolvidas em casa, com as famílias enfrentando desafios jamais experimentados. Portanto, esse subcampo comunica os sentidos afetivo-emocionais que expressam a forma como as famílias lidaram com o acúmulo e sobreposição de tarefas domésticas e de cuidado dos filhos, além do trabalho e a escola sendo realizados no lar.

O fato de a recomendação de isolamento social ter sido mantida por tempo indeterminado, colocou os núcleos familiares em convívio diário e exclusivo entre seus membros, com a paralização das creches, estabelecimentos de ensino e isolamento da família extensa. Com essa prolongada desarticulação da rede de apoio aos pais, precisamos lembrar que existe uma diferença considerável entre querer ficar em casa e ter que ficar nela, por tempo indeterminado, quando a vida está em risco (Oliveira, 2020). Com a sobreposição do *home office* com o estudo *online*, o cuidado infantil e as tarefas domésticas o cenário de crise estava montado também no interior dos núcleos familiares. Todas as mães participantes citaram

alterações significativas em suas rotinas, papéis e funções, bem como suas repercussões ao final do primeiro ano de pandemia.

Maria situou a crise instaurada pela pandemia de Covid-19 no contexto da vida profissional do casal. Para ela, a demanda de trabalho foi reduzida pela diminuição do número de clientes, o que acarretou redução da provisão financeira e mais tempo dentro de casa. Para ele, sua demanda de trabalho foi exponencialmente aumentada com o início da pandemia, por trabalhar no setor de Tecnologia da Informação e passar a ser requisitado a qualquer hora do dia pela sua empresa. Ao contrário de Maria, passou a ficar menos tempo com a família. Ela sentiu-se prejudicada pelo fato de a "pandemia ter roubado" o seu marido, diferentemente de outros casais que, em seu imaginário, gozavam da presença um do outro agora que tinham mais tempo juntos. Além do aspecto laboral, a pandemia afetou os estudos de Maria que passaram para a modalidade *online*, como os de sua filha.

Ainda que os achados de Lima et al. (2020), Sahu (2020) e Vieira et al. (2020) abordem alguns dos desafios do ensino remoto para os estudantes do Ensino Superior, sobretudo em relação à adaptação às tecnologias, Maria se refere a outro tipo de conflito associado ao ensino remoto. Agora que está presente quando o marido chega em casa do trabalho, sua atenção, antes centrada nos estudos, é capturada pelo rosto cansado do marido que desencadeia preocupação e sentimento de culpa por não poder acolhê-lo já que está assistindo a aulas da faculdade na tela do computador. Embora Victoria, sua filha, esteja em casa o tempo todo na companhia da mãe, algo parece faltar. Segundo a mãe, eles compreendem a tristeza que tomou conta de Victoria na pandemia como efeito da solidão, vazio que é rapidamente preenchido por uma gatinha de estimação. No entanto, a solidão de Victoria parece ser eco da solidão materna em seu sentimento de culpa pela deformidade da mãozinha da filha. Pelo relato de Maria, com o isolamento social, pai, mãe e filha carregam sozinhos o fardo do próprio sofrimento à espera de um compartilhamento futuro. À ausência afetiva materna, Victoria contrapõe "o melhor lugar do mundo", representado pela casa da avó, lugar do qual manifesta intensa saudade, embora nunca o tenha frequentado tanto. Lugar

imaginário onde há presença e onde é protegida das invasões da realidade (Winnicott, 1956/2000) e, portanto, pode relaxar e se entregar ao brincar criativo.

Winnicott (1971/1975) nos ensinou sobre a importância da sustentação ambiental para o desenvolvimento do potencial criativo do bebê. O ambiente, quando suficientemente bom, deve ser capaz de ofertar um equilíbrio saudável entre sustentação e frustração, isto é, adequado ao estágio maturacional do bebê. Quando satisfatoriamente cuidado, o bebê amplia seus recursos emocionais e a tolerância a falhas ambientais à medida que se desenvolve. As falhas impulsionam o processo de amadurecimento se o bebê está preparado para recebê-las, uma vez que o direciona a criar sua própria experiência a partir da realidade que lhe é apresentada. Entretanto, quando o ambiente se mostra invasivo, porque o bebê não está preparado, resta ao bebê se defender dessas invasões que engendram agonias impensáveis. Nesse caso, o processo criativo pode ser prejudicado, tornando a situação propícia para o surgimento de um falso *self* (Winnicott, 1964/1999). A cadência maturacional do indivíduo se dá a partir da qualidade do ambiente que lhe é apresentado em termos de sustentação emocional.

A família de Alessa também precisou se adaptar ao novo formato *online* para trabalho e escola e, segundo Alessa, a intensificação do convívio familiar levou a alguns atritos, sobretudo em relação à divisão de tarefas domésticas. Em entrevista dada ao Jornal da USP (Lourenço, 2020), a psicóloga Carla Guanaes Lorenzi, professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), informou que devido às alterações sofridas no seio familiar, como a adoção do trabalho *home office* e o ensino *online*, bem como o aumento das tarefas domésticas e o prolongamento da convivência familiar, os atritos familiares tinham aumentado. Na entrevista com Sandra, desafios nessa esfera da vida familiar também foram mencionados, especialmente em relação ao preparo das refeições, tarefa a qual precisou se dedicar durante a pandemia, embora nunca tenha feito parte de sua rotina diária. Um estudo realizado pela FIOCRUZ (2020), demonstrou que o aumento das atividades domésticas durante a pandemia de Covid-19 foi percebido tanto por mulheres (67%) quanto por homens (55,7%).

O aumento das tarefas domésticas como responsabilidade prioritariamente feminina ficou evidenciado na maioria das entrevistas, ainda que Maya, Denise e Lúcia tenham reconhecido que algumas tarefas vêm sendo realizadas pelos seus maridos, dado este que corrobora os achados de Lemos et al. (2020). Tal cenário denuncia uma persistência da desigualdade de gênero que se expressa na divisão do trabalho doméstico, como indicou Clark et al. (2020) ao afirmar que a pandemia de Covid-19 expôs essa lacuna. A pesquisa *online*, intitulada “A contratação de empregados domésticos durante a pandemia de Covid-19” (Agecom, 2020), realizada entre maio e junho de 2020 por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Regional do Cariri (URCA) e Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), apresentou que os 52% dos 1.442 respondentes identificaram uma sobrecarga de trabalho doméstico em seus domicílios para as mulheres. Importante aqui mencionar que o perfil da maior parte dos entrevistados foi semelhante a esta pesquisa de mestrado (classe média, maioria com ensino médio completo, idade entre 30 e 69 anos e renda familiar acima de 5 salários-mínimos) o que nos permite aproximar ambos os estudos.

A maioria das famílias entrevistadas tiveram que lidar, em algum momento, com o fechamento das escolas e a adaptação para o ensino *online*, embora algumas crianças, como Alice, Bruna, Caio, Daniel e Lina, já tivessem retomado as aulas presenciais quando foram entrevistados. Já a escola dos irmãos Lara e Luiz não aderiu ao ensino remoto, preferindo elaborar atividades impressas para que os pais as retirassem na escola e assim ficaram até o momento da entrevista.

De acordo com Lion & Yoon (2020), as responsabilidades escolares dos filhos foram mais uma tarefa que os pais precisaram incluir em sua já atribulada agenda, o que contribuiu para a intensificação do conflito “trabalho-família”. A NI de Denise corrobora esses dados: “As aulas online demandam dos pais que gerenciem os horários, as pausas, as tarefas gravadas e o envio dos deveres de casa nas plataformas da escola”. Embora Denise tenha indicado os

pais como sendo os gestores das atividades escolares dos filhos, na entrevista ficou evidente que ela tinha assumido grande parte dessa função.

Em situação semelhante, Débora não só assumiu a responsabilidade de ajudar os filhos com suas tarefas escolares, mas se pôs a estudar os conteúdos a fim de ensiná-los. Decorrente desse mesmo senso de responsabilidade, Débora se culpava ao se deparar com suas limitações e dificuldades para ensiná-los. Lúcia, mãe de Daniel, Lina e Laura, era a responsável pelo gerenciamento dos horários de aula *online* dos três filhos e dos prazos de entrega das atividades escolares. Na família de Sandra, pai e filha tinham locais de trabalho e estudo fixos e privativos em casa, enquanto Sandra e o filho mais novo buscavam espaços disponíveis na casa para suas atividades. Além disso, foi Sandra quem reajustou os horários de reuniões de trabalho para não coincidirem com os horários de aula do filho, já que eles precisavam revezar o uso de um mesmo computador, enquanto o marido e a filha tinham cada um o seu próprio, refletindo uma hierarquia de gênero e idade na família.

Essa predominância de mães que assumiram a responsabilidade sobre as atividades escolares e se adaptaram às rotinas dos filhos, em oposição aos pais, observada nesta pesquisa, se alinham aos achados de Dorna (2021) sobre a maior parte das mães de seu estudo terem assumido completamente a supervisão das atividades escolares de seus filhos.

No que tange às responsabilidades parentais contemporâneas, percebemos que ainda persiste a lógica da família tradicional que se apoia sobre uma suposta hierarquia de gênero que estabelece já de saída a desigualdade entre os cônjuges. À mãe são atribuídas as tarefas domésticas, escolares e o cuidado dos filhos, enquanto o pai se ocupa prioritariamente da provisão financeira do lar, o que soa ultrapassado quando entrevistamos mães que também exercem atividades remuneradas, como neste estudo. O relato de Débora sobre sua rotina diária ilustra bem essa concentração do cuidado do lar e das crianças na figura da mulher:

Acordo, cuido da bebê, cuido das outras crianças, começo o trabalho. Tenho que entreter as crianças no meio disso tudo. No horário do almoço, preparo a comida e ao mesmo tempo vou arrumando a bagunça das crianças. Dou de mamá e, à noite,

escuto um curso online pelo celular enquanto estou preparando a janta e cuidando das crianças, pois preciso estar sempre atualizada, por conta do meu trabalho.

Fica ainda mais evidente a diferenciação entre trabalho produtivo e reprodutivo em termos de seu valor social atribuído (Federici, 2021) quando Débora é questionada sobre a participação do marido nessa rotina. Ela responde: *“Ah, ele fica no celular o dia inteiro, trabalhando”*. Interessante notar que essa lógica que reserva à figura masculina o trabalho produtivo, e portanto remunerado, ficando o trabalho de reprodução da força de trabalho (cuidado do lar, da alimentação, higiene e vestimentas de marido e filhos), dentro de uma perspectiva capitalista, é reproduzida no brincar imaginativo do filho Luiz. Quando a pesquisadora lhe pergunta sobre sua brincadeira favorita, o pequeno Luiz responde: *“Eu trabalho de tudo, tipo patrulha de polícia, tipo gasolina, tipo de bombeiro, tipo oficina, tipo ferramenta, de metal, de ferro, de polícia”*. Na sequência, justifica para a pesquisadora a necessidade dessas brincadeiras, dizendo que é para ganhar *dindim*” (sic) e sustentar a família. E se ainda tivermos dúvida sobre a expressão dessa desigualdade no discurso infantil, Luiz esclarece que enquanto ele trabalha, a irmã *“só brinca”*. Sabemos com Campos & Ramos (2018) que, através do brincar, as crianças compartilham os significados de papéis sociais intrínsecos a sua cultura e que são reproduzidos nas relações familiares, o que indica que já conseguem compreender as relações e os papéis sociais desempenhados no seu contexto familiar.

A NI elaborada por Denise confirma o fato de que, apesar de haver compartilhamento de tarefas pelo casal, é a mãe quem fica sobrecarregada com o cuidado infantil:

Além disso, tem que preparar a alimentação com ajuda do esposo, atender todas as demandas do trabalho, bem como participar de diversas reuniões e entrega de relatórios. O pai também segue a mesma rotina. Porém, em especial no cuidado com o filho menor, a mãe fica mais sobrecarregada (NI - Denise).

Também na NI de Sandra, podemos notar como a mãe se ocupa e se preocupa com suas múltiplas tarefas, enquanto o pai parece conseguir desfrutar mais o convívio familiar:

A mãe curtia poder ficar mais em casa com os filhos e esposo, mas estava extremamente preocupada com a empresa e os negócios... e com Marcelo que estava antissocial, pois passara mais da metade da vida em casa. O pai se preocupava, mas aproveitou mais o tempo para curtir a casa, os filhos e a esposa.

Tanto Débora quanto Maya viveram a experiência de dar à luz a um novo membro da família durante a pandemia, o que nos parece configurar um incremento de demandas emocionais para a mulher, e o conseqüente risco de sofrimento psíquico (Dayan, 2016), bem como para sua família (Martins et al., 2008). Há ainda que se considerar que a desativação das redes de apoio que afetaram a todos se fez sentir mais intensamente em situações de vulnerabilidade física, emocional ou social (Carias et al., 2021).

Experiências de luto, medo e adoecimento, somadas à necessária, mas improvável, conciliação entre as atividades profissionais, escolares e reprodutivas no ambiente doméstico, foram algumas das invasões ambientais consteladas pela pandemia de Covid-19. Uma demanda de adaptação dessa envergadura pressupõe uma mobilização de recursos psíquicos de grande magnitude, a qual anuncia uma potencial ameaça à integridade pessoal e coletiva. Entretanto, a despeito do sofrimento que a pandemia significou em termos globais, nossos participantes comunicaram uma interessante encruzilhada em que perdas e danos se encontraram em um movimento de superação criativa das adversidades, assim ecoando a concepção winnicottiana do homem como ser criativo (Winnicott, 1970/1999).

4.3 Campo 2: A Família na Linha de Frente

Pudemos entender, a partir dos resultados da pesquisa, que quando as famílias se perceberam ameaçadas, recursos foram mobilizados para lidar com as invasões ambientais sofridas a fim de preservar a sua sobrevivência física e emocional. Assim, discutiremos a contrapartida familiar à situação de crise instalada pela pandemia segundo dois subcampos de sentidos afetivo-emocionais: Unidos sobreviveremos; Desligando o piloto automático.

Subcampo 1: Unidos sobreviveremos

Os sentidos afetivo-emocionais que compõem esse sub-campo giram em torno da crença de que a união familiar é a melhor estratégia para enfrentar crises como a que vivemos por ocasião da pandemia. Neste eixo encontramos o recurso da união, ou fortalecimento dos vínculos familiares tanto como defesa contra as invasões como proteção e sobrevivência da própria família enquanto grupo social. Como resultado, algumas das soluções criadas/encontradas pelas famílias entrevistadas produziram saúde e bem-estar enquanto outras causaram adoecimento físico e/ou psíquico.

Identificamos que neste eixo reverberam sentimentos de confiança e segurança e, com eles, as intrusões ambientais são mitigadas, ainda que imaginativamente. Nesse ambiente de sustentação emocional ou *holding* (Winnicott, 1958/2005), a família encontra forças para lidar com as ameaças externas. É evidente que em tempos de crise, recursos mais e menos amadurecidos são mobilizados para o seu enfrentamento, sendo paulatinamente abandonados quando a vida retoma a sua rotina, como é o caso de conflitos armados, epidemias e pandemias, desastres naturais ou causados pelo homem, fome, desemprego, acidentes, morte, doenças incapacitantes, e a infinidade de vicissitudes a que todas as pessoas e famílias estão sujeitas. Por essa razão, defesas como a negação podem se mostrar úteis em certo momento e inadequadas em outro, e não nos cabe aqui julgar a adequação das famílias entrevistadas. Talvez se possa discutir a adequação de uma determinada estratégia frente a um sofrimento vivido como insustentável e quanto aos seus desdobramentos em termos da criação de mais sofrimento enquanto se buscava aliviar o primeiro.

Alessa ilustra a crença de que a família unida na frente de batalha contra a pandemia é a melhor, ou talvez a única, estratégia que estava à sua disposição:

A família fica reunida na sala, pensativa sobre os novos tempos e com a certeza de que unidos, seguindo as medidas de higiene, distanciamento, usando máscara e aguardando a ciência, tudo voltará a ficar bem. (NI de Alessa)

Pietra faz eco às recomendações da mãe sobre a eficácia de uma ação coletiva:

Nós vamos usar máscaras para salvar nossas vidas! (NIG de Pietra)

E Débora acrescenta a religiosidade e a ciência ao ambiente familiar como o que garantirá suporte emocional para seus membros:

Vamos todos juntos orar a Deus para que sua misericórdia nos alcance e que esses dias de dificuldades sejam abreviados, que achem a cura e que tudo possa voltar ao normal, podendo voltar à escola e ir nas casas das pessoas que amamos. (NI de Débora)

Denise conta que sua família passou a utilizar um caderno para registrar os motivos pelos quais se sentiam gratos. Podemos entender que tal estratégia carrega, para além da mera negação da realidade que estavam vivendo, uma dimensão criativa de enfrentamento da realidade. Aquela escrita em família, que reforça os vínculos que os sustentam como grupo e como indivíduos, permitia a exploração de novos significados para as experiências vividas devido ao potencial elaborativo intrínseco ao ato narrativo (Granato et al. 2011), que gera a possibilidade de re(criar) caminhos associativos e evocar novas construções psíquicas. O resultado desse esforço conjunto para encontrar o sentido daquela vida que Denise e sua família estavam vivendo foi o resgate da esperança, sem a qual corriam o risco de desintegrar-se no âmbito individual ou coletivo, comprometendo a própria sobrevivência, nos termos deste eixo de discussão do material de pesquisa.

Sandra mencionou que toda a família iniciou tratamento psicológico durante a pandemia, na esteira dos sinais de adoecimento da filha Bruna. Consideramos, portanto, que esse movimento familiar conjunto, em resposta à crença “ Unidos sobreviveremos”, sugere que o núcleo familiar viveu uma ameaça de desintegração a partir do adoecimento de um de seus membros. Winnicott (1965/2005) assinala como muitas vezes só conseguimos apreciar a saúde familiar pelo seu contraste: “É quando a família se rompe, ou ameaça romper-se que percebemos o quão importante é a família intacta” (p.133). No caso de Sandra, supomos que o movimento de sua família sinaliza que a convocação geral de seus membros serve ao

objetivo de restaurar a unidade que ameaça desintegrar-se. Se o amadurecimento emocional, como nos ensinou Winnicott (1965/2005), é um processo contínuo na vida do indivíduo, embora afetado por interferências ambientais, a saúde psíquica da família também está ancorada nas condições maturacionais e constituintes de cada um de seus membros (Bomfim & Barbieri, 2020) no sentido de sua integração.

Na entrevista com a participante Débora, identificamos que a estratégia do “Unidos sobreviveremos”, que parece ser estrutural para a família, produziu desdobramentos que poderiam ter sido fatais na pandemia, como o caso do contágio coletivo pela Covid-19 em uma visita familiar ao dentista em plena pandemia: *A gente faz tudo junto, sabe? Então, se um vai ao dentista, todo mundo vai junto. Até a bebê foi e a dentista aproveitou para ver a boquinha dela*”. Dada a restauração da saúde física da família, que sobreviveu sem precisar recorrer a internações hospitalares, Débora parece comemorar o fato de que a pandemia permitiu que a família estivesse ainda mais próxima e unida:

Sempre foi assim. As crianças até palpitam nos nossos casos de trabalho, pois elas nos veem trabalhando e escutam nossas reuniões com clientes e nossas conversas. Agora na pandemia, parece que o apego se intensificou (Débora).

Entretanto, aquilo que na opinião de Débora constitui um *holding* familiar satisfatório, se apresenta falho na perspectiva de proteção de seus membros contra ameaças ambientais, seja na exposição desnecessária ao coronavírus, seja na exposição das crianças a conteúdos adultos do mundo do trabalho. Aqui a união familiar se inscreve na ordem do fusional e, portanto, em seu excesso compromete a adaptação saudável à situação de crise, isto é, aquela que permitiria equilibrar o medo e o comportamento de risco. Nesse sentido, Débora pareceu sinalizar a necessidade de atenção psicológica durante a entrevista, o que foi comprovado dias depois da entrevista quando, por ocasião da entrega do TCLE, manifestou espontaneamente esse reconhecimento.

Subcampo 2: Desligando o Piloto Automático

O campo “Desligando o piloto automático” reúne os sentimentos e *insights* que emergiram a partir da interrupção da antiga rotina causada pelo isolamento social. Identificamos a presença de uma avaliação crítica da organização pessoal e familiar anterior à pandemia, dos desafios que a realidade externa impôs durante a pandemia, da necessidade de incorporação ou interrupção de atividades na rotina familiar e do reconhecimento das perdas e ganhos desse processo de adaptação. Mães e filhos descreveram a implementação de novas rotinas e a criação de novas formas de viver e de ver a vida, as quais caminhavam ora para o viver criativo e autêntico ora para sua inibição. Necessidades, valores e possibilidades foram visitados e revisitados pelas famílias e seus integrantes em busca da manutenção da vida e da preservação da continuidade existencial como necessidade básica humana Winnicott (1945/2000).

Para a família de Alessa, por exemplo, foi ficando evidente a automatização de hábitos que pareciam ser fundamentais para o lazer e entretenimento familiar, mas que logo se revelaram desnecessários e, portanto, substituíveis. Por terem que renunciar a eles, um espaço para o novo surgiu e atividades inéditas foram criadas, tais como preparar o alimento a seis mãos (mãe, pai e filha) substituindo os frequentes jantares e almoços em restaurantes. Nessa nova experiência familiar compartilhada, puderam resgatar “o valor das pequenas coisas” (sic).

A própria Alessa explica como a interrupção de um ritmo de vida alienado das próprias necessidades pode ser benéfica ao instaurar forçosamente um tempo de reflexão: “sabe quando a gente está em ação o tempo todo e não consegue dar atenção ao que de fato está acontecendo? A adrenalina da rotina passou e o braço doeu, eu percebi a dor”. A constatação de que algo estava se perdendo com aquela correria toda, como sua saúde física, os pequenos detalhes da convivência diária que revertem em intimidade e a falta de questionamento familiar sobre o que importa de fato na vida estavam sendo suprimidas pela rotina intensa anterior.

Sandra referiu a mesma experiência transformadora. A situação de pandemia parece ter inicialmente repercutido como obstáculo, como interrupção do viver das pessoas e famílias, para depois configurar a crise como oportunidade de revisões críticas sobre o viver de cada família. O interessante é que passado o primeiro ano de pandemia, o que supomos ter sido um período de acomodação à nova realidade e superação dos primeiros desafios, os projetos de recuperação da continuidade do viver já incorporam essa reflexão sobre hábitos e valores. Sandra reconheceu que com a intensa convivência e o confinamento familiar precisou negociar consigo mesma antigas exigências que comprometeriam a integração e o bem estar familiar naquela situação de crise:

Eu aprendi a conviver com as diferenças entre as pessoas da minha família e tudo bem o brinquedo ficar um tempo maior fora do lugar. Eu sinto que eu estou mais desacelerada e se olho para trás, me pergunto como era possível viver aquela vida tão intensa.

Em seu relato, Denise focaliza o sentimento de gratidão que emergiu da crise na medida em que esta mesma crise oportunizou uma nova perspectiva da qual olhar para a própria família. O convívio mais próximo, a rotina compartilhada, os pequenos detalhes do cotidiano tiveram o poder de resgatar experiências esquecidas ou negligenciadas pelo excesso ou pelo tipo de demandas e tarefas do mundo contemporâneo.

O fato de precisarmos ficar mais próximos fez com que a gente se tornasse mais gratos: gratos pela oportunidade de estarmos mais em família; pelas refeições que podemos fazer juntos; pelos passeios que fizemos juntos. Passamos a ser mais gratos pelos pequenos momentos, que anteriormente nem percebíamos o valor deles.

Já em sua NI, Denise comunicava que vencida a primeira etapa, durante a qual foram todos tomados pela surpresa, pela ameaça, pelas perdas, pelo desconhecido, teve início um período de recuperação da família como lugar de descanso da realidade (Winnicott, 1971/1975a). Esse movimento de recuperação de valores e experiências perdidas parece ter sido impulsionado pela gravidade da situação que havia se instalado com a pandemia e suas

ondas de contágio e de mortes, mas também pela condição de isolamento social. Se o isolamento ou distanciamento social nos protegia do risco de contágio, também sinalizava que estávamos todos por nossa própria conta, isolados em nossas casas, o que pode ter reforçado nossas necessidades de vinculação familiar para a sobrevivência física e psíquica.

No entanto, estão gratos pelo privilégio de ter uma casa e recursos para se manterem seguros dentro de casa, sabendo que lá fora as notícias são de muito sofrimento em todos os aspectos. Essa gratidão transborda o coração, e saber que seus filhos estão bem, e que é uma fase ruim que o mundo está passando, ajuda a família a seguir confiante por dias melhores (NI - Denise).

Lúcia e a família criaram um ritual familiar que chamaram de “a caminhada da família”, quando saíam em seu pequeno grupo familiar para passear pelas redondezas de sua casa e passaram a observar detalhes da vida que já os circundava, mas que eram ignorados em função das muitas tarefas e compromissos de seu antigo cotidiano:

A gente começou a andar nas ruas do bairro, pois precisávamos sair um pouco. Acabou que a gente começou a ir todos os dias e se tornou quase que um ritual, sabe?! A gente sempre faz o mesmo caminho e, pela frequência, as crianças começaram a reparar nas árvores do caminho e a nomeá-las de acordo com suas características... tinha a cacheadinha, a peladinha... Foi interessante, porque eles começaram a observar e perceber as diferenças entre as árvores e entre as estações do ano. Eles iam pelo caminho falando assim: daqui 10 passos vamos chegar na árvore tal... (Relato - Lúcia).

A família de Lúcia explorou suas possibilidades criativas e descobriu novos sentidos para as experiências do viver compartilhado, tais como a “sessão de filmes em família” e a “noite da música”. Nas palavras de Franco (2003), “a vida criativa tem a ver com a capacidade de se surpreender e de ver de novo onde estava o conhecido” (p.43). Porém, na concepção de Winnicott (1970/1999) sobre o viver criativo, só tem sentido criar uma “noite da música” se

esta favorecer a expressão autêntica do *self*, o que é bem diferente da imposição de uma tarefa.

A teoria winnicottiana propõe a criatividade como característica inerente à natureza humana, embora dependa de condições ambientais favoráveis para que possa se expressar (Dias, 2003). Winnicott (1971/1975), associa a noção de criatividade com a noção de existência e isso significa que o ser precede o fazer. Franco (2003) entende o viver criativo autêntico como “um modo de viver que cria o mundo exatamente onde ele está, mas com um toque pessoal, próprio” (p.41), e que revela o verdadeiro *self* (Winnicott, 1971/1975a).

A criatividade é o fundamento estabelecido entre o indivíduo e o mundo e isso significa que aos indivíduos sadios que gozam de um *self* integrado, ela é o motor de produção de sentidos para as experiências (Winnicott, 1971/1975). De acordo com Pires (2010), à semelhança do brincar infantil que expressa a possibilidade criativa da criança em “dar existência” às suas fantasias a partir da experiência imaginativa e simbólica, o viver criativo do adulto, quando este goza de saúde psíquica, é um viver brincante, pois ele “dá existência” ao seu viver. Por outro lado, segundo Winnicott (1971/1975) falhas ambientais repetidas e desproporcionais aos recursos emocionais de cada um instauram uma condição em que o ser é substituído pelo reagir. Nas palavras de Franco (2003, p. 40), seriam “vidas apenas reativas” e não criativas.

Neste sentido, Maria faz uso da entrevista para reafirmar o quanto se sente culpada desde que sua filha queimou a mãozinha em um ferro elétrico deixado ligado sobre sua cama. Em sua busca incessante de expiação dessa culpa, esta é a primeira vivência que compartilha durante a entrevista a qual segue em tom desesperançado. Maria se vê refém de uma pandemia que parece imitar a tragédia familiar que insiste em acompanhá-la até os dias de hoje. Ela completa sua NI com o risco de contágio que ameaça a relação entre mãe e filho, risco que caminha no sentido do mais vulnerável, neste caso a mãe idosa, quando em seu próprio caso a vulnerável era a filha de um ano de idade.

Letícia viu uma notícia no jornal que a cidade em que sua mãe mora, devido à piora pandêmica, estava sem oxigênio e ficou muito preocupada, pois seu irmão, que também mora lá, está contaminado e provavelmente iria precisar do oxigênio. Sua mãe havia tido contato com ele e ficou com medo de ter se contaminado. Ela ficou com medo devido a sua idade e assim fazer parte do grupo de risco.

Maria pede que a filha mostre sua mãozinha para a pesquisadora atestar sua falha em proteger o bebê, e faz questão de contar suas consequências rememorando as cirurgias e o sofrimento. Não sabemos se Maria buscava se castigar uma vez mais ou se perdoar na justificativa que espontaneamente apresentou sob o peso da culpa:

Eu nunca deixava o ferro de passar ligado, mas bem naquele dia eu deixei. Foi muito rapidinho, mesmo. Eu precisava ir em outro cômodo para pegar alguma coisa, mas tomei o cuidado de deixar o ferro do outro lado da cama.

A culpa que não encontra reparação a invade sobremaneira, já que se depara cotidianamente com a própria filha e conseqüentemente com a sua própria dor. A filha, por sua vez, conta com a presença afetiva da mãe que se faz ausente, por estar invadida pela culpa. Tal sentimento também perpetua sua relação com o marido:

Meu marido é uma pessoa muito legal, a melhor companhia do mundo. Quando ele chega do trabalho, eu estou assistindo aula; quando o vejo entrando pela porta, eu logo percebo que ele não está bem, está cansado. Minha vontade é acolhê-lo e cuidar dele, mas me sinto dividida entre a vontade de cuidar do meu marido e a necessidade de acompanhar as aulas.

Ora, o sentimento de culpa de Maria parece atuar como uma prisão afetivo-emocional que inibe a possibilidade do viver criativo diante das exigências que a pandemia impôs às famílias. Em suas reflexões sobre as vivências familiares na pandemia, percebemos a mera reprodução da descontinuidade existencial da família, restando-lhe lamentar sua incapacidade de proteger, cuidar e desfrutar do convívio. Sem o marido, os amigos, as festas e as viagens, Maria é condenada a lembrar eternamente do acidente, o que a sobrecarrega. Não é a toa que Maria expressa o seu desejo pela vida que levava antes da pandemia, quando

acionar “o piloto automático” lhe permitia momentos de descanso do próprio sentimento de culpa.

É Victoria, sua filha, que parece encontrar, no meio ao caos, sentido no viver durante a pandemia: Victoria celebra o fato de poder tomar café da manhã com o pai e jogar bola no quintal com a família. Até em seu desenho, a personagem-filha é a única a expressar um sorriso, enquanto os pais se mostram ameaçados.

Débora, por sua vez, embora tenha expressado que o viver confinado com a família estava sendo “como se estivessem de férias”, a interrupção da antiga rotina e a instauração da nova, permitiu que contrastasse o desejo pela vida profissional e pessoal de maneira menos emaranhada. Ao constatar o próprio desejo pelo retorno ao passado pré-pandêmico, Débora se sente egoísta: *“Ah, eu fico pensando que eu não posso sentir falta [da rotina anterior], sabe... eu preciso estar aqui por eles”*. Como saída, encontra na empolgação com o confinamento familiar um modo de viver, ainda que falso, a descontinuidade da vida.

Constatamos que, embora tenham sido muitos os desafios e os conflitos deflagrados pela pandemia de Covid-19, cada família encontrou um modo próprio de agir ou de reagir a fim de lidar com o novo e assustador contexto pandêmico. Na presença de recursos psíquicos suficientes, a pandemia se tornou oportunidade para o amadurecimento emocional das famílias e seus integrantes; na presença de fragilidades não superadas comprometeu a resignificação e integração das experiências vividas. As invasões ambientais incitadas pela pandemia marcaram nossas vidas e de nossos participantes de modo a operar uma divisão entre a vida antes e depois da pandemia, anunciando tanto a fragilidade do viver quanto a potência do criar.

4.4 As Mulheres-Mães Participantes desta Pesquisa

Embora o foco nas vivências familiares durante a pandemia tenha capturado nossa atenção neste estudo, não podemos ignorar o fato de que as mulheres-mães e seus filhos

tenham se voluntariado a participar como porta-vozes de suas famílias, e não seus maridos, e que isso tenha adquirido um significado ainda maior por ocasião da pandemia.

Embora as mulheres tenham conquistado espaços sociais antes reservados aos homens, superando a histórica associação do feminino às tarefas de cuidado, e, portanto, à maternidade como destino (Badinter, 1985; Silva et al. 2020), a pandemia de Covid-19 e o confinamento familiar acabou denunciando a manutenção das desigualdades de gênero, raça e classe (Silva et al. 2020).

Para Oliveira (2020), a pandemia escancara os desafios cotidianamente impostos às mulheres, principalmente no que tange à sobrecarga feminina pelo acúmulo das tarefas domésticas e parentais. Este cenário já havia sido identificado em experiências anteriores de crise, tais como os surtos de Ebola e de Zika Vírus (Wenham et al. 2020).

Com a preconização do isolamento social, as redes de apoio formal à família, como os serviços de saúde e assistência, os espaços de convívio social, as atividades esportivas e educativas, bem como a rede informal, usualmente constituída por familiares e amigos, foram reduzidas ou interrompidas. Isso fez com que a demanda de trabalho, principalmente das mães, se intensificasse para além da habitual dupla jornada de trabalho, que assim se tornava até tripla (Silva et al. 2020).

Para muitas mulheres, o trabalho remunerado passou a ser desenvolvido no lar, superpondo-se ao trabalho reprodutivo não remunerado que acontece dentro de uma lógica de produção capitalista que desconsidera as condições para que o trabalho seja desenvolvido (Dorna, 2021). Power (2020) chama nossa atenção para o que tem se chamado de “terceiro turno” (*The Third Shift*), que se refere ao trabalho emocional subvalorizado e, portanto, não remunerado, usualmente desempenhado por mulheres.

Silva et al. (2020) referem a “feminização do cuidado” como o lugar subjetivo segundo o qual as mulheres são constituídas como cuidadoras natas, o que por estar profundamente arraigado em nossa sociedade já se naturalizou. Nas próprias mulheres, quando não disponíveis para o cuidado, seja por motivos de diversas naturezas, é comum despertar

sentimento de culpa pelo não cumprimento de sua responsabilidade: o maternar (Badinter, 1985). Neste sentido, Aiello-Vaisberg et al. (2020) identificam um imaginário coletivo que supõe a mãe biológica como sendo a melhor cuidadora dos filhos, reforçando ainda mais a feminização do cuidado. A título de ilustração recorreremos aos desenhos de Alice, cuja expressão imaginativa da figura materna de cuidado comprova a expectativa social de que diante das ameaças ambientais, seja a representada pelo vírus, seja o desamparo decorrente, a mãe protegerá com seu amor toda a família.

Ao analisar o material narrativo desta pesquisa, encontramos a mãe como principal responsável pelos cuidados com os filhos, ainda que o casal parental estivesse nas mesmas condições de trabalho *home office*. Ora, tal cenário nos remete aos primórdios do desenvolvimento capitalista que reservava às mulheres o lugar social destinado ao trabalho reprodutivo, cuidando da casa, dos filhos e do marido para garantir a contínua renovação da força de trabalho (Federici, 2021). Embora posteriormente as lutas feministas tenham desempenhado importante papel na conquista de posições sociais que outrora não eram possíveis para as mulheres, a pandemia revelou que tais conquistas se concentraram no âmbito do trabalho produtivo, enquanto o reprodutivo segue como responsabilidade da mulher.

As mulheres-mães participantes deste estudo confirmam a manutenção da desigualdade de gênero, especialmente na esfera familiar, ainda que o façam de modo sutil ou mesmo inconsciente. Alessa se coloca na linha de frente para garantir a proteção e o cuidado da família, fazendo-se de escudo contra as invasões ambientais, embora não chegue a considerar que expor-se ao risco comporta em certa medida o comprometimento da função de escudo que tanto se orgulha de desempenhar. Na mesma linha heróica de Alessa em sua sustentação emocional do ambiente familiar, Lúcia coordena e monitora as atividades escolares dos três filhos, além de orientar o marido em seu aprendizado das tarefas domésticas.

Já Débora refere aquele período de confinamento e sobrecarga de trabalho como se estivessem de férias, negando os custos desse sacrifício em termos de sua saúde mental. É

somente no quarto, longe da família, que seu verdadeiro *self* pode se revelar, ainda que brevemente porque precisa se recompor: recorre a Deus para conter o sofrimento negado e sente-se culpada e egoísta por desejar o retorno à sua vida pré-pandemia, quando achava possível equilibrar a vida profissional e a função materna. Ecoando os ideais de maternidade das demais participantes deste estudo, Maria exige muito de si e se paralisa pelo sentimento de culpa por não ser a mãe e a esposa que imaginava. Afinal, Maria vê no rosto do marido e na mão de sua filha a comprovação de seu suposto fracasso.

Apesar da sobrecarga experimentada pelas mães entrevistadas devido à sobreposição de funções laborais, domésticas, conjugais e parentais, algumas delas parecem ter encontrado na situação de pandemia uma oportunidade para viver uma nova experiência de maternidade. Sandra, por exemplo, se recusa voltar à vida de antes, quando não havia espaço para se dedicar à casa, ao marido e aos filhos. Decidiu vender sua parte dos negócios e transferir as crianças do período escolar integral para o parcial, frente a seu desejo de participar mais ativamente da vida dos filhos. Sandra não pretende renunciar à vida profissional, mas busca um trabalho que lhe permita conciliar com a maternidade. Já Maya, que gozava a licença-maternidade quando foi entrevistada, teve a oportunidade de ser mãe em tempo integral pela primeira vez. Encantou-se com a experiência e passou a nutrir o sonho de jamais retornar ao trabalho, apesar das necessidades financeiras da família.

Também Lúcia aproveitou a situação de pandemia como pausa para refletir sobre a vida que ela e sua família levavam. Ao criarem novas atividades familiares, ela e o marido concluíram que algumas das atividades extra-curriculares dos filhos poderiam ser substituídas futuramente, quando a situação sanitária permitisse o retorno escolar, por momentos de convívio familiar que agregariam mais à formação das crianças que uma agenda cheia de atividades. Nesta família, percebemos uma maior participação e envolvimento paterno com as questões familiares, sugerindo uma flexibilização dos estereótipos de gênero ainda tão presentes nas famílias brasileiras, sobretudo nas heteroparentais (Campana et al. 2019).

Em seu estudo sobre a parentalidade contemporânea, Campana et al. (2019) defendem nosso uso do conceito “preocupação parental primária” (Moraes, 2017) em substituição à

“preocupação materna primária” de Winnicott (1956/2000), descolando o imaginário sobre a capacidade de cuidar da mulher, que se apoia em uma suposta determinação biológica, para redirecioná-lo ao âmbito das construções socialmente determinadas. Estamos cientes de que as mudanças sociais exigem um grande esforço de superação de estereótipos e de ideais, dado o seu enraizamento ideológico, o que foi amplamente confirmado pelas participantes deste estudo. A mãe segue como a responsável pela manutenção da saúde e bem-estar da família e como figura emblemática do cuidado.

Finalizamos aqui a discussão do material narrativo que foi generosamente oferecido pelos participantes deste estudo, dado o sofrimento gerado pela pandemia e pelo confinamento que estávamos vivendo, imaginando que o compartilhamento de suas experiências possa ter produzido certo alívio. Reconhecemos os limites de nossa análise sobre o fenômeno das vivências familiares durante a pandemia dentre as muitas possibilidades de interpretação que se escondem nas entrelinhas dos relatos de mães e filhos. Enfim, confortamo-nos com a ideia de que tenhamos produzido conhecimento útil para novos contextos de crise e para estimular novas pesquisas na área da parentalidade e novos debates sobre as relações de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha por desenvolver este estudo a respeito das vivências familiares durante uma grande crise pandêmica trouxe grandes desafios, a começar por eu mesma estar, assim como todos os participantes, vulnerável diante do risco do adoecimento pelo novo vírus. Outro desafio foi ser pioneira em meu grupo de pesquisa na realização de toda a pesquisa na modalidade *online*, experiência esta que permitiu que me aproximasse ainda mais das experiências dos participantes que também estavam aprendendo a lidar com os desafios impostos pela necessidade do *home office* e escola *online*.

Delineada com o objetivo de compreender as vivências familiares durante o isolamento social na pandemia de Covid-19, a presente pesquisa nos permitiu conhecer alguns desafios enfrentados pelas famílias. De alguma maneira, a totalidade dos entrevistados se referiram,

direta ou indiretamente, ao medo do adoecimento pelo vírus. Além disso, a maioria também indicou que a família precisou se adaptar a novas rotinas do dia-a-dia, à intensificação da convivência familiar e à sobrecarga de tarefas, uma vez que o trabalho remunerado e o trabalho reprodutivo (Federici, 2021) se sobrepuseram diariamente, afetando sobremaneira as mães entrevistadas.

Pudemos compreender, a partir das entrevistas e do material narrativo produzido pelos participantes, que a interrupção do “piloto automático” de suas vidas criou espaço para a reflexão e questionamento da antiga forma de viver, tanto no âmbito pessoal quanto familiar. Desligar o piloto automático levou as famílias ao seu “avesso”, este que pode representar tanto a desorganização da antiga rotina quanto os próprios recursos inconscientes que deram o tom à forma pela qual as famílias buscaram garantir a sobrevivência e a continuidade do ser/viver na “linha de frente”. Neste sentido, estar do “avesso” pareceu ser, para a maioria das famílias, oportunidade para novas formas do viver criativo (Winnicott, 1971/1975), embora ainda não saibamos sobre a perenidade dessas mudanças no pós-pandemia.

Por exemplo, Alessa disse que “*a pandemia mostrou o valor das pequenas coisas*”, se referindo ao valor do tempo em família; de forma semelhante, Denise indicou que a intensificação necessária do convívio familiar fez com que eles descobrissem novas formas de aproveitar o tempo juntos. Maya e Sandra tiveram a oportunidade de resgatar a maternidade outrora comprometida pela rotina anterior. Lucia descobriu novas possibilidades de rotina que poderiam ser mantidas mesmo quando a pandemia acabasse.

Entretanto, para outras estar do avesso pareceu ser ainda mais desorganizador e, nesses casos, ficou evidente o desejo pelo retorno à vida anterior. Maria experimentou a diminuição do tempo compartilhado com o marido em casa, além de ter que lidar mais frequentemente com seu sentimento de culpa, devido à intensa companhia da filha. Débora, por sua vez, pareceu tentar camuflar o avesso que o isolamento social escancarou: o anseio por uma vida em que fosse possível separar as tarefas reprodutivas do trabalho remunerado.

Ao buscar conhecer os sentidos afetivo-emocionais das vivências familiares durante a pandemia de Covid-19 pudemos tecer reflexões e discussões sobre a temática e, ainda,

vislumbrar futuros estudos que complementassem nossos achados. Este trabalho também contribuiu para o debate das questões de gênero ao constatar a sobrecarga feminina no contexto de famílias de classe média em que tanto maridos quanto esposas são profissionais e têm seus empregos, sem que isso signifique o compartilhamento de tarefas pelo casal.

Neste sentido, pudemos identificar que a pandemia de Covid-19 colocou em evidência a permanência da condição histórica e social da mulher enquanto principal responsável pelo cuidado dos filhos e pelas tarefas domésticas. Tal constatação parece ter sido evidenciada não só pelas vivências e rotinas familiares narradas pelas participantes, mas também pelo fato de que a mulher-mãe se apresentou, neste estudo, como a “porta-voz” da família, apesar de nosso convite ter sido extensivo aos pais.

A ausência do pai na pesquisa convidou-nos a refletir sobre a figura paterna, que historicamente tem se ocupado da provisão financeira à família e dedicando a maior parte de seu tempo ao seu papel profissional, continuar ausente da cena familiar contemporânea. Os irmãos Lara e Luiz reproduzem a desigualdade de gênero e a desvalorização do trabalho reprodutivo. Lara, embora de poucas palavras, permaneceu disponível durante toda a entrevista, enquanto Luiz se fez ausente diversas vezes, ocupado que estava com outras atividades. Quando inquirido sobre sua brincadeira favorita, Luiz respondeu: “trabalho de tudo, tipo patrulha de polícia, tipo gasolina, tipo de bombeiro, tipo oficina, tipo ferramenta, de metal, de ferro, de polícia”. E acrescenta que sua irmã não trabalha, “ela brinca”.

Reconhecemos algumas limitações desta pesquisa como o perfil de famílias estudado que se concentrou na classe média, provavelmente devido ao uso de redes sociais para o recrutamento de participantes e da necessidade de recursos tecnológicos para a realização das entrevistas *online*. Também concluímos que as entrevistas *online* não favorecem a observação de contextos e a expressão emocional dos participantes como na modalidade presencial, embora a modalidade *online* tenha proporcionado o distanciamento seguro entre a pesquisadora e participantes, conforme recomendações sanitárias para o contexto de pandemia. Talvez pudéssemos ter realizado uma segunda entrevista com cada família, mas nos pareceu excessivo fazer essa exigência em tempos tão difíceis para todos.

Cabe destacar que embora não tenhamos esgotado o assunto estudado, este estudo pode ser de grande auxílio para aqueles cujas práticas envolvem o cuidado de famílias, na medida em que lhes permite apreciar o potencial humano para criar novas possibilidades de viver em circunstâncias adversas. Além disso, pudemos constatar que a organização familiar prévia contribui para a forma como a família enfrentará novos desafios, o que poderá ser levado em conta para um cuidado mais afinado às necessidades psicológicas familiares. Concluímos sugerindo futuras pesquisas sobre as vivências familiares no período pós-pandemia, estudos longitudinais que nos permitirão uma visão de processo e observar se os recursos mobilizados pelas famílias durante o período de crise se integraram definitivamente às rotinas familiares, estudos sobre a ótica masculina, na figura do pai, além de estudos com participantes com outras condições socioeconômicas que poderiam conduzir a diferentes desfechos.

REFERÊNCIAS

Aching, M. C. (2013). A mãe suficientemente boa: imaginário de mães em situação de vulnerabilidade social. [Dissertação de mestrado Pontifícia Universidade Católica de Campinas]

Aching, M. C.; Granato, T. M. M. (2016). The good enough mother under social vulnerability conditions. *Estudos de Psicologia (Campinas) [online]*. 33(1), 15-<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100003>

Aching, M. C., Granato, T. M. M. (2018). O papel da rede de apoio a mães refugiadas. *Estudos de Psicologia (Campinas) [online]*. 35(2), 137-147. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000200003>

Agecom, M. N. J. de. (2020, 17 julho). Artigo analisa divisão do trabalho doméstico na pandemia. *Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. Recuperado de <https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/38004/artigo-analisa-divisao-do-trabalho-domestico-na-pandemia>

Agência Brasil (2020). Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>

Agência Brasil (2020b). Número de trabalhadores em home office diminui em novembro de 2020. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-02/numero-de-trabalhadores-em-home-office-diminuiu-em-novembro-de-2020>

Aiello-Fernandes, R., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). O método psicanalítico como abordagem qualitativa: Considerações preliminares. *Cadernos Ser e Fazer: Enquadres clínicos diferenciados*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2003). Da questão do método à busca do rigor: a abordagem clínica e a produção de conhecimento na pesquisa qualitativa. *Cadernos Ser e Fazer: Enquadres clínicos diferenciados*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). O uso de objeto teoria. In T. M. J. Aiello-Vaisberg, *Ser e Fazer: Enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida: Ideias e Letras. p.185-203.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa Psicanalítica de Imaginários Coletivos à Luz da Teoria dos Campos. In: Monzani, J.; Monzani, L.R.. (orgs.) Olhar: Fabio Herrmann - uma viagem psicanalítica. São Carlos: Ed. Pedro e Joao Ediores/CECH - UFSCar, 2008, pp. 311-324

Aiello-Vaisberg, T. M. J., Gallo-Belluzzo, S. R., & Visintin, C. (2020). Maternidade e Sofrimento Social em Tempos de Covid-19: Estudo de Mommy Blogs. *SciELO preprints*. doi:10.1590/SciELOPreprints.356

Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R., & Beaune, D. (2009). Les récits transférenciels comme presentation du vecú Clinique: une proposition methodologique. In D. Beaune (Org), *Psychanalyse, Philosophie Art: Dialogue* (pp. 39-52). Lille: L'Hamattan.

Alcalá, L., Gaskins, S., & Richland, L. E. (2021). A cultural lens on yucatec maya families' covid-19 experiences. *Child Development*, 92(5), pp. 851-865. [https://doi-org.ez128.periodicos.capes.gov.br/10.1111/cdev.13657](https://doi.org.ez128.periodicos.capes.gov.br/10.1111/cdev.13657)

Ambrósio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg (2013). O Procedimento "Ser e Fazer" de acompanhamento de intervenções psicoterapêuticas. *Cadernos Ser e Fazer: Enquadres clínicos diferenciados*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Araujo, M. F. (2011). Paradoxos da família contemporânea. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 436-437.

Asmundson, G., & Taylor, S. (2020). Coronaphobia: Fear and 2019-nCoV outbreak. *Journal of anxiety disorders*, 70, 102196. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102196>

Ayuso, L., Requena, F., Jiménez-Rodríguez, O., & Khamis, N. (2020). The Effects of COVID-19 Confinement on the Spanish Family: Adaptation or Change? *Journal of Comparative Family Studies*, 51(3-4), 274-287. <https://doi.org/10.3138/jcfs.51.3-4.004>

Badinter, E (1985). *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Badinter, E. (2011). *O conflito: A mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Barbosa, A. L. N. H., Costa, J. S., & Hecksher, M. (2020). Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: Ampliação de desigualdades já existentes? *Mercado de Trabalho: conjuntura e análise*, 69, pp. 55-63. https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36187&Itemid=9. doi:10.13140/RG.2.2.18383.10408

Biffi, M. (2019). Encontros narrativos com mães, pais e bebês na transição para a parentalidade. [Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]

Bilhim, J. A. de F. (2021). Impacto da pandemia de COVID-19 no Sistema Público de Saúde em Portugal e Brasil. *Revista Eletrônica Gestão e Saúde*, 12(01) <https://doi.org/10.26512/ges.v12i01.37724>

Bleger, J. (2015). Temas de psicologia: entrevistas e grupos. *Grupos e Entrevistas*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1964).

Brasil (2020, February 26). *Brasil confirma primeiro caso da doença*. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus#:~:text=O%20Brasil%20confirmou%2C%20nesta%20quarta,para%20lt%C3%A1lia%2C%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia>.

Brasil (2020b). Ministério da Educação. *Resultados do Questionário Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil*. https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2020.pdf

Brasil (2020c). Ministério da Saúde. *Recomendações e Orientações em Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Covid-19*. https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf

Brasil (2020d). Ministério da Saúde. *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Covid-19. Recomendação para Gestores*. <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%bade-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%B5es-para-gestores.pdf>

Brasil (2021). Divulgados dados sobre impacto da pandemia na educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep. <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>

Bomfim, I. H. F. B., Barbieri, V. (2020). *Narrativas de mães brasileiras e francesas: um estudo transcultural*. Curitiba: Appris.

Bonfatti, S. C. & Granato, T. M. M. (2021). "É muito peso para uma pessoa só": narrativas interativas de adolescentes sobre o (des) acolhimento institucional. *Vínculo*, 18(1), 32-41. <https://dx.doi.org/10.32467/issn.19982-1492v18nesp.pp.37-52>

Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., & Greenberg, N. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395(10227), 912-920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)

Campana, N. T. C; Santos, C. V. M dos., Gomes, I. C. (2019). De quem é a preocupação primária? A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 31(1), 32-53. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A02>

Campos, R. K. do N., Ramos, T. K. G. (2019). Recriação de papéis sociais sobre a família no brincar de crianças pequenas. *Educação (UFSM)*, 44(e68), 1-23. doi:<https://doi.org/10.5902/1984644434956>

Carias, A. R & Granato, T. M. M. (2021). O sofrimento emocional de filhos de alcoolistas: uma compreensão psicanalítica winnicottiana. *Psicol. Ciênc. Prof.* (41)nspe3, p. 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218542>

Carias, A. R; Ribeiro, L. J; Bonfatti, S. C; Mozardo, M. L. S. G; Alves, R. G. S; Visintin, C. D. N; Granato, T. M. M. (2021). Sofrimento de mulheres em situação de vulnerabilidade durante a pandemia de COVID-19. *Rev. bras. psicoter.* 2021;23(1):211-224

Chodorow, N. (2002) *Psicanálise da Maternidade: uma crítica de Freud a partir da mulher*. 2ª ed. Rosa dos Ventos: SP

Clark S., McGrane, A., Boyle, N., Joksimovic, N., Burke, L., Rock, N., Sullivan, K. O. (2020). You're a teacher you're a mother, you're a worker: Gender inequality during COVID-19 in Ireland. *Gender Work Organ.* 28, 1352-1362. DOI: 10.1111/gwao.12611

Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa – Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Collins, C., Landivar, L. C., Ruppner, L., & Scarborough, W. J. COVID-19 and the gender gap in work hours. *Gender, Work & Organization*. 28(S1), 101-112. Doi: 10.1111/gwao.12506

Conep (2021). *Orientações para procedimento em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual*.

Cullen W., Gulati G., & Kelly B.D. Mental health in the COVID-19 pandemic. *QJM*. 2020 May 1;113(5):311-312. doi: 10.1093/qjmed/hcaa110. PMID: 32227218; PMCID: PMC7184387

Cussinato, M., Iannattone, S., Spoto, A., Poli, M., Moretti, C., Gatta, M., & Misciocia, M. (2020). Stress, Resilience, and Well-Being in Italian Children and Their Parents during the COVID-19 Pandemic. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 17(22):2897. <https://10.3390/ijerph17228297>

Czeisler, M. É., Lane, R. I., Petrosky, E., Wiley, J. F., Christensen, A., Njai, R., Weaver, M. D., Robbins, R., Facer-Childs, E. R., Barger, L. K., Czeisler, C. A., Howard, M. E., & Rajaratnam, S. M. (2020). Mental health, substance use, and suicidal ideation during the COVID-19 pandemic. *Mor Mortal Wkly*, 69(32), 1049–1057. <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.mm6932a1>

Darmody, M., Smyth, E., & Russell, H. (2020). The implications of the COVID-19 pandemic for policy in relation to children and young people: A research review (Research Series). *Economic and Social Research Institute*. <https://doi.org/10.26504/sustat94>

Dayan, J. (2016). *Les baby blues*. Presses Universitaires de France: Paris.

Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago. Fundação Oswaldo Cruz. (2020a, 8 de maio). *ConVid pesquisa de comportamentos*. Recuperado de <https://convid.fiocruz.br/index.php?pag=principal>

Dias, É., & Pinto, F. C. F. (2020). A Educação e a Covid-19. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. 28(108), 545-554. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801080001>

Dorna, L. B. H. (2021). O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da COVID-19: mudanças e permanências. *Laboreal [Online]*. 17(1). doi: <https://doi.org/10.4000/laboreal.17860>

Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo*. 1ª ed. Boitempo: São Paulo.

Felippi, G., & Itaquí, L. G. (2015). Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. *Pensando famílias*, 19(1), 105-113. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100009&lng=pt&tlng=pt

Fiocruz (2021). Boletim Observatório Covid-19. Boletim Extraordinário. https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_extraordinario_2021-agosto-25-red.pdf

Fiocruz (2021b). Boletim Observatório Covid-19. Boletim Extraordinário. https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_extraordinario_2021-agosto-25-red.pdf

Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia da pesquisa: um guia para iniciantes*. Penso: Porto Alegre.

Flick, U. (2014). *An introduction to qualitative research*. EUA: Sage.

Franco, S. de G. (2003). Psicopatologia e o viver criativo. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 6(2), 36-50. <https://doi.org/10.1590/1415-47142003002003>.

Fraudatario, M. C., & Zaccaria, R. (2020). Families and intimate relationships during COVID-19: Family networks of Neapolitan students. *Italian Sociological Review*, 10(3), 753-775. <https://doi.org/10.13136/isr.v10i3S.397>

Freud, S.; & Breuer, J. (1987). Estudos sobre a Histeria. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. II. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago.

Garcia, L. P.; & Sanchez, Z. van der M. (2020). Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação. *Cad. Saúde Pública*, 36(10) <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00124520>.

Gomes, M. B. C. (2019). *Encontros narrativos com mães, pais e bebês na transição para a parentalidade*. [Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]

Governo do Acre. (2020). Estado oferece programa de apoio psicológico aos servidores da Saúde. <https://agencia.ac.gov.br/estado-oferece-programa-de-apoio-psicologico-aos-servidores-da-saude/>

Governo de Alagoas (2020). *Alô Saúde Mental*. <http://cidadao.saude.al.gov.br/saude-para-voce/coronavirus/alo-saude-mental/>

Governo de Goiás (2020). *Programa de Acolhimento ao Servidor (PAS)*. <https://www.administracao.go.gov.br/noticias/21840-governo-de-goi%C3%A1s-lan%C3%A7a-programa-de-apoio-psicol%C3%B3gico-ao-servidor-p%C3%BAblico.html>

Governo de São Paulo (2020). Programa Autoestima. <https://autoestima.sp.gov.br/>

Granato, T. M. M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 157–163. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100018>

Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Interactive narratives in the investigation of the collective imaginary about motherhood. *Estudos de Psicologia*, 33 (1), 25-35.

Granato, T. M. M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M.J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia & Sociedade*, 23 (n.spe.), 81-89.

Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1983). *Psychoanalysis and object relations theory*. New York: Basic Books.

Heitzman J. (2020). Impact of COVID-19 pandemic on mental health. *Psiquiatr Pol*; 54(2),187-198. doi: 10.12740/PP/120373. Epub 2020 Apr 30. PMID: 32772053.

Herzog, A. (2021, 19 de abril). Psicólogos prestam atendimentos on-line e gratuito durante a pandemia. *A Tribuna*. <https://www.tribuna.com.br/variedades/atrevista/psicologos-prestam-atendimento-online-e-gratuito-durante-a-pandemia>

Herrmann, F. (1983). *O que é psicanálise. Para iniciantes ou não....* São Paulo: Psique.

Herrmann, F. (2001). *Andaimos do real: O método da psicanálise*. Casa do Psicólogo (Trabalho original publicado em 1979)

Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann, F. & T. Lowenkron. *Pesquisando com o Método Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo

Herrmann, F. (2006). Psicanálise, Ciência e Ficção. *Jornal de Psicanálise*. 39(70), 55-79.

Herrmann, L. (1998). Campo Transferencial: nos rastros de uma teoria para a clínica. *Percurso*. 38. 248p.

IBGE (2019). Pesquisa traz dados referentes à divisão de tarefas domésticas. Recuperado de: <https://www.cnm.org.br/comunicacao/noticias/pesquisa-traz-dados-referentes-a-divisao-de-tarefasdomesticas>

IBGE (2010). Pesquisa de Orçamentos Familiares. Despesas, rendimentos e condições de vida.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009/default.shtml

IBGE (2020). Resultados pesquisa PNAD Covid-19 – indicadores mensais: novembro de 2020, mercado de trabalho. Rio de Janeiro: IBGE, 2020

IPEA (2021). Carta de Conjuntura. O trabalho remoto e a pandemia: o que a pnad covid-19 nos mostrou. *Mercado e Trabalho*, 50(8). http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10472/6/CC_50_mt_trabalho_remoto_e_a_pandemia.pdf

Kracht, C. L., Katzmarzyk, P. T., & Staiano, A. E. (2021). Household chaos, family routines, and young child movement behaviors in the U.S. during the COVID-19 outbreak: a cross-sectional study. *BMC Public Health*, 21(1), 1–12. <https://doi.org/ez128.periodicos.capes.gov.br/10.1186/s12889-021-10909-3>

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1998). *Vocabulário da psicanálise* (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Lee, J., Chin, M., & Sung, M. (2020). How has COVID-19 changed family life and well-being in Korea? *Journal of Comparative Family Studies*. 51(3-4). doi: 10.3138/jcfs.51.3-4.006

Lemos, A. H. da C., Barbosa, A. de O., Monzato, P. P. (2020). Mulheres em home office durante a pandemia da Covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. *Revista de Administração de Empresas [Online]*. 60(6), 388-399. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>.

Lian, B. & Yoon, S-Y. (2020). Burdens, Resilience, and Mutual Support: A Comparative Study of Families in China and South Korea Amid the COVID-19 Pandemic. *Journal of Comparative Family Studies*, 51(3-4), 337–346. <https://doi.org/ez128.periodicos.capes.gov.br/10.3138/jcfs.51.3-4.009>

Lima, A. C., Freitas, J. O., Pereira, L. de A. S. R., Silva, V. G da., Coelho, M. M. P., Peixoto, T. M., Andrade, J. N., Musse, J. de O. (2020). Desafios da aprendizagem remota por estudantes universitários no contexto da Covid-19. *Revisa*. 9(Esp.1). 610-617. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v9.nesp1.p610a617>

Lima, N. T., Buss, P. M., Paes-Sousa, R. (2020). A pandemia de Covid-19: uma crise sanitária e humanitária. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(7). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00177020>.

Lourenço, T. (2020, 16 de junho). Com o isolamento social prolongado surgem os conflitos familiares. *Jornal da USP*, Campus Ribeirão Preto. Recuperado em <https://jornal.usp.br/?p=329535>

Luo, X., Estill, J., Wang, Q. Lv, M. Liu, Y. Liu, E. & Chen, Y. (2020). The psychological impact of quarantine on coronavirus disease 2019 (COVID-19). *Front Psychiatry* ,291:113193. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113190>

Martins, C. A., Siqueirall, K. M., Tyrrell, M. A. R., Barbosa, M. A., Carvalho, S. M. S., Santos, L. V. (2008). Dinâmica familiar em situação de nascimento e puerpério. *Rev. Eletr. Enf.* [Online]. 10(4), 1015-1025. <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a13.htm>.

Mattei, L. & Heinen, V. L. (2020). Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. *Brazilian Journal of Political Economy* [online], 40(4), 675-668. Doi: 10.1590/0101-31572020-3200.

Meireles, F. S., & Teixeira, S. M. As diversas faces da família contemporânea: conceito e novas configurações. Informe Econômico ISSN.

Melo, C. & Cabral, S. (2020). A Grande Crise e as Crises Brasileiras: O Efeito Catalisador da Covid-19. *Gestão e Sociedade*, 14(39), 3681-3688. Doi: 10.21171/ges.v14i39.3259

Melo, F. J. (2003). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1989).

Melo, H.P., & Thomé, D. (2018). *Mulheres e poder*. Rio de Janeiro: Editora FGV

Meyer, L. (2007). Trauma Familiar e Crise. *Jornal da Psicanálise*, 40(72), 165-175. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a12.pdf>

Mioto, R. C. (2010). Família, trabalho com famílias e Serviço Social. *Serviço Social em Revista*, Londrina, 12(2), p.163-176.

Moore, Q., Beebe, J., & Bakhiet, Z. (2020). Hidden figures: The economic impact of Covid-19 on low-income women and their children. Issue brief no. 04.09.20. Houston, TX: *Rice University's Baker Institute for Public Policy*. <https://doi.org/10.25613/eyn0-gf68>

Moraes, J. A. de. (2017). Tornando-se pai: narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade. [Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]

Oliveira, A., L., de. (2020). A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19. *Revista Tamoios*, 16(1),154-166. DOI: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>

OEDC (2020). Education at a Glance. https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/eag/documentos/2020/EAG_2020_V2.pdf

Oliveira, A. L. de. (2020). A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar a maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19. *Rev. Tamoios*. 16(1). p. 154-166. doi 10.12957/tamoios.2020.50448

Oliveira, W. A., Magrin, J., Andrade, A., Micheli, D., Carlos, D., Fernández, J., Silva, M., & Santos, M. (2020). Violência por parceiro íntimo em tempos da Covid-19: scoping review. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 21(3), 606-623. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210306>

OMS. (2020) Histórico da Pandemia de Covid-19. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

Onocko-Campos, R. T., Palombini, A. L., Leal, E., Junior, O. D. S., Baccari, I. O. P., Ferrer, A. L., Díaz, A. G., & Xavier, M. A. Z. (2013). Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica. *Ciência & Saúde Coletiva*. 18(10). <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001000009>.

OPAS (2020) Histórico da Pandemia de Covid-19. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., Kessler, F. H. P. (2020). “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 42(3), p. 232-235. doi:10.1590/1516-4446-2020-0008

Petts, R. J., Carlson, D. L., & Pepin, J. R. A gendered pandemic: Childcare, homeschooling, and parents' employment during COVID19. *Gender Work Organ*, 28(S2), 515-534. Doi: 10.1111/gwao.12614

Pierro, B. (2020). Para além da sala. *Revista Fapesp*, 292(6), 82-87. https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2020/06/082087_EaD_292.pdf

Pires, F. A. R. (2010). *Criatividade no processo de amadurecimento em Winnicott*. [Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]

Power, K. (2020) The COVID-19 pandemic has increased the care burden of women and families. *Sustainability: Science, Practice and Policy*, 16(1), 67-73, DOI: 10.1080/15487733.2020.1776561

Puc Campinas (2021). PUC-CAMPINAS oferece atendimentos psicológicos por Skype à população da RMC durante a pandemia. <https://www.puc-campinas.edu.br/puc-campinas-oferece-atendimentos-psicologicos-por-skype-a-populacao-da-rmc-durante-a-pandemia/>

Rache, B. Rocha, R., Nunes, L., Spinola, P., Malik, A. M., & Massuda, A. (2020). Necessidades de Infraestrutura do SUS em Preparo ao COVID-19: Leitos de UTI, Respiradores e Ocupação Hospitalar. Nota Técnica n.3. *IEPS*: São Paulo

Rakesh, N., Wind, J. (2021). *Transformation in Times of Crisis: Eight Principles for Creating Opportunities and Value in the Post-Pandemic World*. Notion Press: Tamil Nadu

Rehman, S., Lela, U. (2020). Psychological Aid to COVID-19 Pandemic: A Mental Health Response to Crises Management. *Psychiatr Danub.*, 32(2), 262-265. Doi: 10.24869/psyd.2020.262. PMID: 32796796.

Reichelt, M., Makovi, K., & Sargsyan, A. (2020). The impact of COVID-19 on gender inequality in the labor market and gender-role attitudes. *European Societies*. 1–16. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14616696.2020.1823010>

Ribeiro, L. J; Granato, T. M. M. (2021). Preconceito e parentalidade? Experiências de casais homoafetivos. *Vínculo*, 18(2), 1-11. <https://dx.doi.org/10.32467/issn.19982-1492v18nesp.p228-245>

Riedel-Heller S, & Richter D. (2020). COVID-19-Pandemie trifft auf Psyche der Bevölkerung: Gibt es einen Tsunami psychischer Störungen? [COVID-19 Pandemic and Mental Health of the General Public: Is there a Tsunami of Mental Disorders?]. *Psychiatr Prax*. 47(8), 452-456. Doi: 10.1055/a-1290-3469.

Sabah, A., Boumediene, S., & Zineb, D. (2021). Adverse Life Events and Family Distress During the Coronavirus Pandemic: A Field Study in Algeria. *Arab Journal of Psychiatry*, 32(1), 35–42. <https://doi-org.ez128.periodicos.capes.gov.br/10.12816/0058764>

Sahu, P. (2020). Closure of Universities Due to Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): Impact on Education and Mental Health of Students and Academic Staff. *Cureus*. 14(4). Doi: 10.7759/cureus.7541

Schmid, L., Wörn, J., Hank, K., Sawatzki, B., & Walper, S. (2021). Changes in employment and relationship satisfaction in times of the COVID-19 pandemic: Evidence from the German family Panel. *European Societies*, 23, S743–S758. <https://doi-org.ez128.periodicos.capes.gov.br/10.1080/14616696.2020.1836385>

Sectec (2020). Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Educação Profissional e Tecnológica. Psicologia Pará. Rede de Apoio Psicológico. <https://www.psicologiapara.net.br/>

Shibusawa, T., Ishii, C.; Nakamura, S.; Tamura, T.; & Watanabe, T. (2021). The Covid-19 Pandemic and Families in Japan. *Journal of family therapy*. <https://doi.org/10.1002/anzf.1438>

Silva, I. M. da., Lodello, S. R., Schmidt, B., & Mietto, G. S. de M. (2020). Brazilian Families Facing the COVID-19 Outbreak. *Journal of Comparative Family Studies*, 51(3-4). Doi: 10.3138/jcfs.51.3-4.008

Silva, J. M. S., Cardoso, V. C., Abreu, K. E., Silva, L. S. (2020). A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista Feminismos*. 8(3), 149-161.

Silva, M. L. L. dos Santos; Santos, L. R.; Pereira, B, M, de C.; Veiga, A. V. M.; Mass, D. W.; Attem, M. S.; Santos, L. M. de S. A. (2021). Impacto da pandemia de SARS-Cov2 na saúde mental de gestantes e puérperas: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*. 10(10). | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.19186>

Siqueira, C. B. de; & Bussinguer, E. C. de A. (2020). As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. *Revista Thesis Juris*, 9(1), 145-166. <http://doi.org/10.5585/rjt.v9i1.14977>

Souza, C. M. B de (2008). Família na contemporaneidade: mudanças e permanências. *Caderno. CRH*, 21(54), 623-625. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000300014>

Stake, R. (2011). Pesquisa Qualitativa: Estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso.

UFAM (2020). Ufam oferta serviços gratuitos de atendimento à saúde a pandemia. <https://ufam.edu.br/noticias-destaque/1575-ufam-oferta-servicos-gratuitos-de-atendimento-a-saude-durante-a-pandemia.html>

UFBA (2020). Iniciativas da UFBA cuidam da saúde mental de crianças, adultos e profissionais de saúde. <https://coronavirus.ufba.br/iniciativas-da-ufba-cuidam-da-saude-mental-de-criancas-adultos-e-profissionais-de-saude>

USP (2020). Iniciativas buscam oferecer um espaço acolhedor de conversa e reflexão durante a pandemia. *Jornal do Campus*. <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/07/servicos-de-atendimento-psicologico-on-line-e-gratuitos/>

Vieira, K. M., Postiglioni, G. F., Donaduzzi, G., Porto, C. dos S., & Klein, L. L. . (2020). Vida de Estudante Durante a Pandemia: Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida. *EaD Em Foco*, 10(3). <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i3.1147>

Vindegaard, N., & Benros, M.E. (2020). COVID-19 pandemic and mental health consequences: Systematic review of the current evidence. *Brain Behav Immun.*, 531-542. Doi: 10.1016/j.bbi.2020.05.048.

Visintin, C. D. N. (2021). *Encontros com o cuidado infantil e a maternidade*. [Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas]

Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 395(10228), 945-947. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X)

Wenham, C., Smith, J., Morgan, R. (2020). Covid-19: the gendered impacts of the outbreak. *The lancet*. 395(issue 10227). P846-848. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30526-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30526-2)

Westrupp, E. M., Bennett, C., Berkowitz, T., Youssef, G. J., Toumbourou, J. W., Tucker, R., Andrews, F. J., Evans, S., Teague, S. J., Karantzas, G. C., Melvin, G. M., Olsson, C., Macdonald, J. A., Greenwood, C. J., Mikocka-Walus, A., Hutchinson, D., Fuller-Tyszkiewicz, M., Stokes, M. A., Olive, L., & Sciberras, E. (2021). Child, parent, and family mental health and functioning in Australia during covid-19: Comparison to pre-pandemic data. *European Child & Adolescent Psychiatry*. Advance online publication. <https://doi.org.ez128.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s00787-021-01861-z>

Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 95-120). Rio de Janeiro: Editora Imago (Trabalho original publicado em 1971).

Winnicott, D. W. (1975a). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D. W. (1994). O jogo do rabisco. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp.230-243). Porto Alegre: Editora Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1964).

Winnicott, D. W. (1999). Sum: eu sou. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 41-51). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (1988). O recém-nascido e sua mãe. In D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp.29-43). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1949).

Winnicott, D. W. (1999). Vivendo de modo criativo. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp.23-39). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1970).

Winnicott, D. W. (1999). O conceito de falso *self*. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp.53-58). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1964).

Winnicott, D. W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Imago (Trabalho original publicado em 1945).

Winnicott, D. W. (2000). Preocupação Materna Primária. In D. W. Winnicott, *Textos Seleccionados: Da pediatria à Psicanálise* (pp. 491-498). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (2005). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual*, São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1958).

Winnicott, D. W. (2005). A família e a maturidade emocional. In D. W. Winnicott São Paulo: Martins Fontes. *A família e o desenvolvimento individual*, São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).

Winnicott, D. W. (2005). Fatores de integração e desintegração na vida familiar. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1957)

Whiley, L. A., Sayer, H., Juanchich, M. (2021). Motherhood and guilt in a pandemic: Negotiating the “new” normal with a feminist identity. *Gender, Work and Organization*. 28(S2). 612-619. Doi: 10.1111/gwao12613

Wong, J. E. L., Leo, Y. S., & Tan, C. C. (2020). COVID-19 in Singapore - *Current Experience: Critical Global Issues that require attention and action*. 323(13), pp. 1243-1244. Doi:10.1001/jama.2020.2467

Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso.

Zengin, M., Yayan, E. H., Vicnelioğlu. (2021). The effects of the COVID-19 pandemic on children's lifestyles and anxiety levels. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*. 34(3). p. 236-242. <https://doi.org/10.1111/jcap.12316>

ANEXOS

ANEXO I: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FAMÍLIAS ISOLADAS: EXPERIÊNCIA EMOCIONAL EM TEMPOS DE CRISE

Pesquisador: RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 39068120.3.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.397.292

Apresentação do Projeto:

De acordo com a pesquisadora, as situações de crises são intrínsecas à existência humana e podem afetar direta ou indiretamente sociedades e indivíduos. Podemos supor que cada núcleo familiar, enquanto grupo social primário, encontrará seu modo particular de lidar com desafios como este que hoje enfrentamos em meio à pandemia de Covid-19. Pretende-se, com este trabalho, compreender como o isolamento social afetou emocionalmente indivíduos de uma mesma família e a dinâmica relacional de seus membros durante a vigência da medida de isolamento social. Para isso, a pesquisadora utilizará uma abordagem qualitativa de orientação psicanalítica uma vez que este método permite a investigação dos sentidos afetivo-emocionais que permeiam a experiência humana.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário desta pesquisa é compreender como o isolamento social afetou emocionalmente indivíduos de uma mesma família e a dinâmica relacional de seus membros durante a vigência da medida de isolamento social no contexto da pandemia de Covid-19. Pretende-se, também:

- 1- Identificar os diferentes impactos da pandemia e do isolamento social no cotidiano familiar;
- 2- Compreender a experiência emocional de cada um dos participantes;
- 3- Explorar estratégias familiares utilizadas para a solução de conflitos emergentes em situação de crise.

Endereço: Rua Professor Doutor Eurycildes de Jesus Zerbini, 1516
 Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedeetica@puo-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 4.397.292

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A presente pesquisa apresenta risco mínimo aos participantes, e não maiores que os oferecidos em seu cotidiano. Todas as precauções serão tomadas para evitar que os participantes sejam expostos a qualquer situação de constrangimento. Entretanto, é ressaltado pela pesquisadora que a metodologia empregada, além da observância do Código de Ética que regulamenta o exercício profissional do psicólogo, visa proteger o participante de um confronto direto com conflitos e acolher qualquer demanda psicológica que se manifeste durante a intervenção. Para concluir, se for identificado sofrimento emocional significativo e/ou que exceda a possibilidade de acolhimento no momento do encontro com a pesquisadora, o participante será encaminhado a um serviço de atendimento psicológico especializado.

Como benefícios, a pesquisadora ressalta que a oferta de um espaço de expressão e reflexão aos participantes potencialize a elaboração das experiências vividas durante a pandemia e se converter em oportunidade de crescimento pessoal. Além disso, espera-se que os conhecimentos gerados por este estudo contribua com os profissionais envolvidos com o cuidado e assistência a pais e filhos e permita sugerir práticas profissionais terapêuticas e preventivas para futuras situações de crise.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa é claro e apresentado de forma objetiva.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE e o TALE foram elaborados com linguagem clara e acessível. A pesquisadora se compromete a assegurar o sigilo de identidade dos participantes e o direito à interrupção do procedimento. Os Termos informam o contato telefônico da pesquisadora e do CEP PUC-Campinas.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências, apresentadas no parecer anterior, foram atendidas.

Desta forma, o projeto encontra-se aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 468/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
 Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedeetica@puo-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 4.397.292

Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1623309.pdf	11/11/2020 20:42:02		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_raquel.pdf	11/11/2020 20:41:49	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsavelmenor_raquel.pdf	11/11/2020 20:39:53	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsavelmenoronline_raquel.pdf	11/11/2020 20:38:58	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_adultosonline_raquel.pdf	11/11/2020 20:38:49	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_adultos_raquel.pdf	11/11/2020 20:38:08	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_raquel.pdf	11/11/2020 20:37:22	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_online_raquel.pdf	11/11/2020 20:37:10	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
Outros	TCUD_raquel.pdf	18/09/2020 14:35:13	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
 Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedeetica@puo-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 4.397.292

Cronograma	cronograma_raquel.pdf	18/09/2020 14:32:34	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_infraestrutura_raquel.pdf	18/09/2020 14:31:11	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
Orçamento	declaracao_custos_raquel.pdf	18/09/2020 14:29:56	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
Folha de Rosto	Folharosto_Raquel_Alves.pdf	18/09/2020 14:27:40	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
Outros	questionariosociodemografico_raquel.pdf	02/09/2020 13:47:05	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
Outros	narrativa_grafica_raquel.pdf	02/09/2020 13:46:29	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito
Outros	narrativa_raquel.pdf	02/09/2020 13:46:08	RAQUEL GONCALVES SILVEIRA ALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 13 de Novembro de 2020

Assinado por:
Mário Edvin GreTERS
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
 Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedeetica@puo-campinas.edu.br

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FORMATO ONLINE (Adultos)

Prezado(a) participante,

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Famílias Isoladas: Experiência Emocional em Tempos de Crise**, a ser conduzida pela psicóloga Raquel Alves Lucas, CRP 06/137314, mestranda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com o objetivo de compreender a experiência emocional das famílias durante o período de isolamento social por ocasião da pandemia de Covid-19. Caso o(a) senhor(a) aceite participar, receberá uma cópia deste documento com as devidas assinaturas, e então conversaremos, via plataformas digitais que forneçam opção de áudio e vídeo, como What'sApp, Skype, Google Meet ou Zoom, sobre sua experiência durante o período de isolamento social por aproximadamente 60 minutos, focalizando a convivência familiar, em uma entrevista em duas etapas: na primeira, o(a) senhor(a) será convidado a completar uma história fictícia de uma família que também viveu o isolamento social; na segunda etapa, conversaremos livremente sobre o tema do isolamento social durante a pandemia.

Sua participação é voluntária e, portanto, não remunerada, e sua recusa não acarretará qualquer prejuízo, sendo-lhe reservado o direito de se retirar da pesquisa a qualquer momento. A sua identidade será mantida em sigilo e o material de pesquisa só será utilizado para fins científicos. As informações obtidas serão mantidas em sigilo, em um local seguro, por cinco anos. Este estudo pode beneficiar a proposição de práticas profissionais terapêuticas e preventivas para futuras situações de crise que indivíduos e famílias poderão enfrentar. Além disso, a presente pesquisa não representa qualquer risco para os participantes.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, localizado na Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 – Campinas – SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h. Para quaisquer esclarecimentos éticos, o Comitê poderá ser consultado através do telefone (19) 3343-6777 ou pelo e-mail comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Caso reste alguma dúvida com relação à sua participação, ou aos objetivos e procedimentos de pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora através do celular (19) 97162-3514, ou pelo e-mail: raquelalves03@gmail.com.

Eu, _____, RG _____, declaro que, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação na pesquisa é voluntária, e que posso me retirar a qualquer momento do estudo,

sem qualquer prejuízo. Confirmando que recebi da pesquisadora esclarecimentos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como a cópia deste Termo de Consentimento, devidamente assinada e, portanto, autorizo a coleta do material narrativo e a divulgação científica dos dados obtidos neste estudo.

Campinas,.....de.....de 2021.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FORMATO ON-LINE (Responsável legal pelo menor)

Prezado(a) responsável legal,

O(a) senhor(a) está sendo solicitado(a) a consentir com a participação de _____ na pesquisa **Famílias Isoladas: Experiência Emocional em Tempos de Crise**, a ser conduzida pela psicóloga Raquel Alves Lucas, CRP 06/137314, mestranda em Psicologia como Ciência e Profissão na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com o objetivo de compreender a experiência emocional de famílias durante o período de isolamento social por ocasião da pandemia de Covid-19. Caso o(a) senhor(a) aceite que o menor sob sua responsabilidade participe dessa pesquisa, receberá uma cópia deste documento com as devidas assinaturas, e então conversaremos, via plataformas digitais que forneçam opção de áudio e vídeo, como What'sApp, Skype, Google Meet ou Zoom, sobre a experiência de seu filho ou filha durante o período de isolamento social por aproximadamente 60 minutos, focalizando a convivência familiar, em uma entrevista em duas etapas: na primeira, o seu filho ou filha será convidado a completar uma história fictícia de uma família que também viveu o isolamento social; na segunda etapa, conversaremos livremente sobre o tema do isolamento social durante a pandemia.

A participação do menor é voluntária e, portanto, não remunerada, e sua recusa não acarretará qualquer prejuízo, sendo-lhe reservado(a) o direito de se retirar da pesquisa a qualquer momento. A sua identidade será mantida em sigilo e o material de pesquisa só será utilizado para fins científicos. As informações obtidas serão mantidas em sigilo, em um local seguro, por cinco anos. Este estudo pode beneficiar a proposição de práticas profissionais terapêuticas e preventivas para futuras situações de crise, que indivíduos e famílias poderão enfrentar. Além disso, destacamos que a presente pesquisa não representa qualquer risco para os participantes.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, localizado na Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 – Campinas – SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h. Para quaisquer esclarecimentos éticos, o Comitê poderá ser consultado através do telefone (19) 3343-6777 ou pelo e-mail comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Caso reste alguma dúvida com relação à participação do menor, ou aos objetivos e procedimentos de pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora através do celular (19) 97162-3514, ou pelo e-mail: raquelalves03@gmail.com.

Eu, _____, RG _____,
responsável legal por _____, nascido(a) em
____/____/____, declaro ter lido e compreendido este termo de informação e consentimento
e concordo com a participação do(a) meu filho(a) nesta pesquisa.

Campinas,.....de.....de 2021.

Assinatura responsável legal

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO IV: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FORMATO ONLINE (Crianças e Adolescentes)

Olá,

Meu nome é Raquel Alves Lucas, sou psicóloga e pesquisadora. Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Famílias Isoladas: Experiência Emocional em Tempos de Crise”**, e seu pai/mãe já permitiu que você participe. Nesta pesquisa, queremos saber como foi a experiência das famílias durante o período de isolamento social por ocasião da pandemia de Covid-19. Caso você não queira participar, não tem problema, é um direito seu, e é você quem decide. Caso você decida participar agora e queira mudar de ideia depois, também não tem problema.

A pesquisa será realizada via plataformas digitais que forneçam opção de áudio e vídeo, como What’sApp, Skype, Google Meet ou Zoom e acontecerá em duas etapas. Na primeira, eu vou apresentar a você, na tela do seu computador, uma história em quadrinhos que você deverá completar com um desenho ou verbalmente, do jeito que você quiser. Se você escolher desenhar, você poderá utilizar canetinhas, lápis de cor, giz de cera e folha sulfite e, ao final, me mandar uma foto do seu desenho via e-mail ou What’sApp. Caso você escolha me contar a sua história, eu vou escrevê-la enquanto me dita. Na segunda etapa, nós vamos conversar sobre o que você achou do período de isolamento social. A história em quadrinhos que vou apresentar para você desenhar e conversar é considerada segura e isso significa que você não estará sob nenhum risco.

Ninguém saberá que você está participando desta pesquisa, pois não compartilharemos nenhum dado que possa identificá-lo. Os resultados dessa pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar o nome das crianças e adolescentes que participaram. Todo o material que for coletado ficará guardado por cinco anos. Ao final da pesquisa, eu me disponho a compartilhar com você e com sua família o que aprendi com vocês.

Caso você tenha alguma dúvida sobre esta pesquisa, você pode entrar em contato comigo através do telefone (19) 97162-3514 ou por e-mail: raquelalves03@gmail.com.

Eu _____ entendi que a pesquisa é para saber como foi a minha experiência e da minha família durante o isolamento social durante a pandemia do Covid-19. Entendi que não há nenhum risco para mim. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas também posso dizer “não” e deixar de participar e que isso não vai ser nenhum problema. A pesquisadora conversou com meus pais e tirou minhas dúvidas. Recebi uma cópia deste Termo de Assentimento e concordo em participar da entrevista.

Campinas,.....de.....de 2021.

Assinatura da criança/adolescente

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO V: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO DA FAMÍLIA**Famílias Isoladas: Experiência Emocional em Tempos de Crise****Adulto 1**

Nome: _____ Idade: _____

Estado civil: _____ Naturalidade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Status profissional: () Autônomo () Empregado () Desempregado

Adulto 2

Nome: _____ Idade: _____

Estado civil: _____ Naturalidade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Status profissional: () Autônomo () Empregado () Desempregado

Adulto 3

Nome: _____ Idade: _____

Estado civil: _____ Naturalidade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Status profissional: () Autônomo () Empregado () Desempregado

Criança ou adolescente 1:

Nome: _____ Idade: _____

Escola: () Pública () Privada

() Educação Infantil () Ensino Fundamental () Ensino Médio

Série: _____

Criança ou adolescente 2:

Nome: _____ Idade: _____

Escola: () Pública () Privada

() Educação Infantil () Ensino Fundamental () Ensino Médio

Série: _____

Criança ou adolescente 3:

Nome: _____ Idade: _____

Escola: () Pública () Privada

Educação Infantil Ensino Fundamental Ensino Médio

Série: _____

Renda mensal do núcleo familiar:

- Nenhuma renda
 Até 1 salário mínimo (até R\$ 1045,00)
 De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1045,00 até R\$ 3.135,00)
 De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.135,00 até R\$ 6.270,00)
 De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 6.270,00 até R\$ 9.405,00)
 Mais de 9 salários mínimos (mais de 9.405,00)

Residência: Própria Alugada Cedida

Assinatura do participante:

Campinas, de.....de 2021.